

ISABEL CASTELLO BRANCO LIMA

**A CONSTRUÇÃO FREUDIANA DO CONCEITO DE SEXUALIDADE E A
ETIOLOGIA DAS NEUROSES: 1886-1905.**

Tese de Doutorado apresentada ao
Departamento de Filosofia do Instituto de
Filosofia e Ciências Humanas da Universidade
Estadual de Campinas sob a orientação do
Prof. Dr. Luiz Roberto Monzani.

000408231

Este exemplar corresponde à redação
final da Tese defendida e aprovada
pela Comissão Julgadora em 21 de
novembro de 2003.

BANCA

Prof. Dr. Luiz Roberto Monzani.



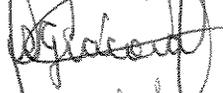
Prof. Dr. Bento Prado de Almeida Ferraz Júnior.



Prof. Dr. Manoel Tosta Berlinck.



Prof. Dr. Oswaldo Giacóia Júnior.

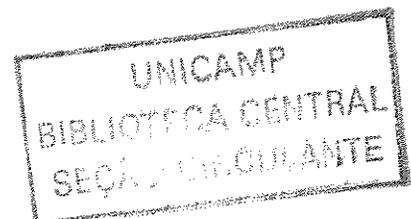


Prof. Dr. Richard Theisen Simanke.



Prof. Dr. Bento Prado de Almeida Ferraz Neto (suplente).

Prof. Dr. Luiz Benedicto Lacerda Orlandi (suplente).



Novembro/2003

UNIDADE AL
Nº CHAMADA T/UNICAMP
L628c
V _____ EX _____
TOMBO BC/ 58274
PROC 16.117-04
C _____ @ _____
PREÇO 11,00
DATA 10/06/04
Nº ORD _____

CM00198072-4

BIBID. 316906

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP

L 628 c Lima, Isabel Castello Branco
 A construção freudiana do conceito de sexualidade e a etiologia
 das neuroses: 1886-1905 / Isabel Castello Branco Lima.
 - - Campinas, SP : [s. n.], 2003.

 Orientador: Luiz Roberto Monzani.
 Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas,
 Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

 1. Psicanálise. 2. Neuroses - Etiologia. 3. Psicopatologia.
 I. Monzani, Luiz Roberto. II. Universidade Estadual de Campinas.
 Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Resumo

O trabalho analisa a construção freudiana do conceito de sexualidade no período compreendido entre a redação do relatório acadêmico de Freud sobre seus estudos com Charcot em Salpêtrière, em 1886, e a publicação dos “Três ensaios sobre teoria sexual”, em 1905. Desde os primeiros textos, pautados pelo interesse em seguir a orientação das pesquisas de Charcot em relação à histeria, as investigações etiológicas são paulatinamente determinadas pela importância dos fenômenos psíquicos, entre os quais tornam-se fundamentais a noção de trauma e os fatores sexuais.

Essas investigações estarão marcadas por uma concepção do sexual como “causa externa” dos fenômenos psicopatológicos; no entanto, a crescente complexidade da teoria designará um outro tipo de determinação à relação entre sexualidade e patologia. Percurso cuja construção é acompanhada por meio do exame da formulação inicial dos raciocínios próprios ao campo da etiologia das neuroses, de sua gradativa reorganização até o abandono da teoria da sedução e a conseqüente reorientação das investigações etiológicas, que exigem uma teoria da sexualidade articulada à constituição do psiquismo. Trata-se, portanto, da análise da trama conceitual na qual se inscreve a passagem da concepção dos fatores sexuais, ou da “vida sexual”, como “causa específica” das neuroses à formulação do caráter constitutivo da sexualidade, descrito em sua dimensão formativa e, enquanto tal, determinante dos fenômenos psíquicos normais e patológicos.

Abstract

This work analyzes the Freudian construction of the concept of sexuality in the period between Freud's writing of his academic report on his studies with Charcot, in Salpêtrière, in 1886, and the publication of the “Three essays on the theory of sexuality,” in 1905. Ever since the first texts, guided by the interest in following Charcot's research on hysteria, the etiological investigations were gradually and increasingly determined by the importance of psychic phenomena, among which the notions of trauma and sexual factors become fundamental.

These investigations are marked by a conception of sexuality as the “external cause” for psychopathological phenomena; however, the increasing complexity of the theory would designate another type of determination to the relationship between sexuality and pathology. The construction of this course is followed through the examination of the initial formulation of the rationales that belong to the field of the etiology of neuroses, from its gradual reorganization through the abandonment of the theory of seduction and the consequent reorientation of the etiological investigations that require a theory of sexuality articulated with the construction of psychism. This is, therefore, the analysis of the conceptual scheme that marks the passage of the conception of the sexual factors, or of “sexual life”, as the “specific cause” of neuroses, to the formulation of the constitutive character of sexuality, described in its formative dimension and, as such, determining of the normal and pathological psychic phenomena.

Sumário

Agradecimentos: 11

Introdução: 17

Capítulo 1

O interesse pela histeria: 31

Paralisias orgânicas e histéricas: anatomia e representação: 37

Trauma como causa da histeria: 44

Fatores sexuais na etiologia das neuroses: 49

Entre 1893 e 1895: “representação incompatível” e “vida sexual”: 52

Obsessões e fobias: 57

Neurose de angústia e neurastenia: 58

Resposta às críticas de Löwenfeld: 61

A etiologia das neuroses em questão: hereditariedade e vida sexual: 69

O recalque e o aspecto temporal da sexualidade: 79

Considerações sobre a teoria da sedução: 82

Algumas observações: 93

Capítulo 2

As investigações etiológicas e o abandono da teoria da sedução: 97

Uma certa configuração: 98

Da hipótese em questão: 104

Entre 1890 e 1897: 106

Etiologia e sexualidade infantil: 111

O mecanismo do esquecimento: 115

Sobre recordações encobridoras: 124

Algumas observações: 136

Capítulo 3

Etiologia das neuroses e funcionamento psíquico: 143

Sobre a noção de desejo: 144

O sonho como realização de desejo: 151

Sobre a versão mais breve: 158

Censura e trabalho do sonho: 161

O aparelho psíquico na primeira tópica: 162

Sobre a natureza do desejo: 165

Algumas observações sobre a noção de desejo e sua referência ao sexual: 167

Processos de pensamento no sonho: 169

Sobre o recalque: 173

Recalque e mudança do afeto: 177

Algumas observações: 178

Capítulo 4

Teoria da sexualidade e etiologia das neuroses: 185

Sobre o primeiro ensaio: 186

A concepção de sexualidade em questão: 188

Sobre a inversão: 190

Os desvios quanto à meta: 194

De volta às neuroses: 197

A sexualidade nasce do infantil: 199

Pulsão sexual e constituição: 201

O infantil: 204

“Causas internas” e “ocasiões externas”: 208

As metamorfoses da puberdade: 211

Algumas observações: 215

Conclusão: 219

Bibliografia: 225

Agradecimentos

Ao CNPq, que me concedeu uma bolsa de pesquisa para a realização deste projeto.

Ao Professor Dr. Luiz Roberto Monzani, cuja leitura da obra freudiana marcou o percurso de tantos alunos.

Aos amigos da Filosofia, que em diferentes momentos participaram da minha aproximação da psicanálise, Daniel Tourinho Peres, José Euclimar de Menezes, Marcos Nobre, Moacyr Novaes, Tércio Redondo, e àqueles que foram também meus professores, Antonius Vargas Escobar, José Carlos Estêvão e Ricardo Ribeiro Terra.

Aos membros do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, que contribuíram no meu processo de formação como psicanalista, em especial a Décio Gurfinkel, Flávio Carvalho Ferraz e Silvia Leonor Alonso.

A Cláudia, Carla e João, pela amizade e pelo convívio com os nossos pequenos, Matheus, Gabriela e a recém-chegada Laura. Aos meus pais, por absolutamente tudo.

Ao Ney, meu marido, pelo carinho e paciência com que acompanhou a realização deste trabalho, mas, sobretudo, pela sua presença em minha vida.

Ao Ney.

Introdução

Introdução

O interesse de Freud pela sexualidade e a relação desta com os fenômenos psicopatológicos somente se tornarão possíveis a partir do abandono da direção original das pesquisas de Freud em neurologia. Com relação a esse aspecto da teoria freudiana, os trabalhos desenvolvidos por Charcot em Salpêtrière – aos quais Freud teve acesso durante sua famosa estadia em Paris – são considerados com freqüência como uma espécie de verdadeiro ponto de viragem a influenciar a reorientação de suas investigações, desempenhando, especialmente no início de suas pesquisas sobre histeria, um importante papel na emergência do campo a partir do qual as questões relativas à sexualidade iriam paulatinamente se impor.

Contudo, se de fato é inegável a relevância dos trabalhos de Charcot na gênese do interesse de Freud pelos fenômenos histéricos, como o atestam alguns de seus textos, o longo percurso da neurologia à psicanálise obedeceu também a outras significativas influências, as quais pretendemos analisar, ainda que em seus traços mais gerais, na introdução a este trabalho.

Assim, em primeiro lugar, é digno de nota que o percurso referido acima não pôde prescindir do quadro conceitual no qual o jovem estudante de medicina da Universidade de Viena começou sua formação. Essa história¹ é bem conhecida. De qualquer forma, para os propósitos desta introdução, ela não deixa de guardar certa relevância. Em 1873, Freud ingressa no curso de medicina da Universidade de Viena e, desde o início, acompanha vários

cursos com sua “*característica abundância de interesses*”². Entre eles estão, durante o primeiro semestre de 1874, por exemplo, o de Carl Claus, sobre “*Biologia e Darwinismo*” e o de Ernest Brücke, sobre a “*Fisiologia da Voz e da Fala*”. Esses dois professores, mas, sobretudo Brücke, serão figuras importantes na trajetória de Freud, permanecendo estreitamente vinculados a esse período inicial de sua formação intelectual.

Será com Carl Claus, então diretor do Instituto de Anatomia Comparada, que Freud iniciará, em março de 1876, seu trabalho de pesquisa científica. Claus tinha especial interesse por zoologia marinha, fundando em 1875 a Estação Zoológica Experimental de Trieste, local justamente para onde Freud é enviado com o objetivo de estudar “a estrutura gonádica das enguias”. O estudo das enguias consistiu portanto na primeira experiência científica de Freud. E, para usar uma expressão de Assoun³, ao se referir a esse episódio, nessa pesquisa se manifesta uma “caricatura” do modelo de trabalho científico posteriormente aceito por Freud, cujo aprendizado viria a ser essencialmente determinado por sua formação no Instituto de Fisiologia de Brücke.

No outono de 1876, Freud é aceito no Instituto de Fisiologia de Brücke. Esse Instituto era parte integrante de um movimento científico mais amplo, conhecido como Escola de Medicina de Helmholtz⁴. A história dessa

¹ Pensa-se sobretudo no trabalho de Ernest Jones. *A vida e a obra de Sigmund Freud*. Trad. Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro, Imago, 1989.

² JONES, E., op. cit., p. 49.

³ ASSOUN, P.-L., *Introdução à epistemologia Freudiana*. Trad. H. Japiassu. Rio de Janeiro, Imago, 1983.

⁴ A importância dessa Escola pode ser também apreendida a partir das observações de Schnädelbach que, ao analisar a filosofia alemã no período de 1831-1933, escreve que esse período se caracterizou como o “século da ciência”, no qual esta experimentará mudanças essenciais em sua estrutura e função. Nesse quadro, as ciências naturais têm um caráter paradigmático, cuja tendência predominante será a unificação de “teorias e métodos, junto a um forte desenvolvimento do conhecimento experimental”. A partir de 1830, a possibilidade dessa unificação estará centrada no mecanicismo. Um trabalho particularmente importante nessa direção foi desenvolvido por Robert Mayer e Hermann Helmholtz, em 1846, ao formularem a primeira lei da termodinâmica, consistindo o princípio de conservação da energia em um dos resultados mais importantes

Escola, apresentada um tanto esquematicamente, tem seu início, na primeira metade do século XIX, com um grupo formado por Emil Du Bois-Reymond, o próprio Ernest Brücke, Hermann Helmholtz e Carl Ludwig. Brücke tinha sido aluno de Johannes von Müller, renomado fisiologista e zoologista alemão, cuja relevância estava relacionada ao papel determinante por ele desempenhado na passagem da filosofia da natureza à nova visão mecanicista e organicista, inspirada pelo positivismo. Será portanto nessa “atmosfera” que Brücke, assim como Helmholtz, Du Bois e Carl Ludwig se oporão a toda forma de vitalismo ou finalismo na ciência, assumindo como “programa” a redução dos processos psicológicos às leis fisiológicas e os processos fisiológicos às leis físicas e químicas⁵.

Ao tratar da importância do Instituto de Brücke nos anos de formação de Freud como estudante de medicina, Jones⁶ assinala que esse grupo assume um verdadeiro “espírito de cruzada”. Tratava-se, nesse sentido, de abolir o vitalismo. E é precisamente com esse “espírito” que, em 1842, Du Bois-Reymond expressa o conteúdo do “juramento solene” feito por ele e Brücke, do qual consta o seguinte:

além das forças físico-químicas comuns, não há outras forças ativas dentro do organismo. Nos casos que no momento não podem ser explicados por essas forças, tem-se de encontrar o meio ou a forma específicos de sua ação por intermédio do método físico-matemático ou pressupor novas forças com dignidade igual às forças químico-físicas inerentes à matéria, redutíveis à força de atração e repulsão⁷.

alcançados pela mecânica como núcleo da física [cf. SCHNÄDELBACH, Herbert. *Filosofia en Alemana 1831-1933*. Madri, Ediciones Cátedra, 1991].

⁵ ELLENBERGER, Henri F. *Histoire de la découverte de l'inconscient*. Paris, Fayard, 1994.

⁶ JONES, E., op. cit., p. 53.

No texto acima – de certo modo uma espécie de “manifesto” do que viria conferir unidade ao grupo – estão delimitados os traços característicos do que Peter Gay⁸ definiu como essencial ao positivismo no século XIX. Segundo ele, este se caracterizaria menos como uma escola de pensamento do que como uma certa “atitude difusa com relação ao homem, à natureza e aos métodos de investigação”, cuja expressão poderia ser manifesta, sinteticamente, na seguinte formulação: apenas as “forças físicas comuns” são “ativas no organismo” e somente o “método físico-matemático” ou o postulado da “redução das forças inerentes à matéria à atração e repulsão” podem explicar os fenômenos no momento ainda sem explicação.

Tratava-se, portanto, de fazer do programa das ciências naturais o modelo universal para a investigação de todo o pensamento e ação humana⁹. Projeto nitidamente acalentado pelos membros da Escola e que se difundirá muito rapidamente, atingindo considerável domínio sobre o pensamento dos fisiologistas e professores de medicina alemães¹⁰, movimento no qual, sem dúvida alguma, Brücke assume um importante papel.

Quanto ao cerne do pensamento de Ernest Brücke, Assoun¹¹ é certo: a fisiologia é por ele concebida como “uma extensão da física”. Brücke foi, também para Thomas Köhler, outro estudioso da obra de Freud, o mais significativo representante do reducionismo-biológico positivista da Escola de Helmholtz em Viena, e sua teoria não deixou de ter influência sobre o pensamento de Freud¹². Por fim, mais especificamente sobre as

⁷ Apud JONES, op. cit., p. 53.

⁸ GAY, Peter. *Freud – Uma vida para nosso tempo*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

⁹ GAY, Peter, op. cit., p. 48.

¹⁰ JONES, Ernest, op. cit., p. 55.

¹¹ ASSOUN, P-L., op. cit., p. 116.

¹² KÖHLER, Thomas. *Das Werk Sigmund Freuds. Bd. I*. Roland Asanger Verlag, Heidelberg, 1990, p. 18 e *Freuds Psychoanalyse: Eine Einführung*. Kohlhammer, 1995, p. 10.

impressões deste sobre a obra de Brücke, publicada em 1874, sob o título de *Conferências sobre Fisiologia*, Jones escreve que ela realmente encantou o jovem Freud.

Segundo Jones, a fisiologia de Brücke¹³ constituía-se essencialmente como uma “ciência dos organismos enquanto tais”, estes se distinguiriam das máquinas pela faculdade da assimilação, mas, são fenômenos do mundo físico, ou seja,

*sistemas de átomos movidos por forças, de acordo com o princípio de conservação de energia [...] o total das forças (forças motoras e forças potenciais) permanece constante em cada sistema isolado. As causas reais são simbolizadas na ciência pela palavra força [...] O progresso do conhecimento as reduz a duas – atração e repulsão. Tudo isso se aplica também ao organismo humano*¹⁴.

Em suma, é nítida a natureza do vínculo estabelecido por Brücke entre física e fisiologia, pois, os organismos são de fato concebidos como fenômenos do mundo físico e, enquanto tais, devem estar sujeitos necessariamente às mesmas leis. Dito de outra forma: o fisiologista não esconde o físico, ou melhor, não deixa de sê-lo¹⁵.

Ainda segundo Jones, a esse aspecto *dinâmico* relaciona-se, na teoria de Brücke, uma orientação evolucionista: não somente o organismo é concebido como parte do mundo físico, mas também os organismos se constituem como uma família abrangendo as plantas, os animais inferiores e superiores, assim como o homem. Entretanto, nessa evolução da vida, somente as energias físicas causam algum efeito. Nesse sentido, essa

¹³ Com relação à fisiologia de Brücke, trata-se, aqui, apenas de assinalar algumas das observações de Jones a esse respeito em sua obra sobre Freud.

¹⁴ Apud JONES, op. cit., p. 54.

¹⁵ ASSOUN, P-L., op. cit., p. 116.

fisiologia seria parte de uma “*tendência geral da civilização ocidental*”¹⁶, construída ao longo de três séculos, mas que, sobretudo a partir do final do século XVIII, adquire impulso cada vez maior, crescendo em velocidade e expansão no século XIX, notadamente na década de 1830.

Assoun, Jones, Peter Gay e Thomas Köhler compartilham, em suas respectivas análises, a opinião de que o quadro de pensamento familiar a Helmholtz, Brücke e seus assistentes desempenha um papel de fundamental importância no pensamento freudiano. No entanto, se as biografias intelectuais não deixam de mencionar tal fato como ponto de partida da trajetória de Freud e, com isso, buscam inscrevê-lo numa tradição facilmente identificável, para um leitor como Assoun, estas não conseguem esclarecer “como, *precisamente, esse quadro se transferirá para a investigação propriamente analítica*”¹⁷. Segundo ele, essa “transferência” é assimilada como a herança freudiana do “espírito de rigor” e do fisicalismo de Brücke, presente na concepção freudiana do psiquismo. No entanto, ainda aqui, restaria tudo por esclarecer, pois, para Assoun, a questão refere-se ao sentido e às modalidades da *transferência epistêmica*, sem o que a pretendida “filiação científica” não acrescentaria nada.

Em outros termos, a “*filiação*”¹⁸ ao modelo brückiano não esclarece, entre outras questões, justamente a “aplicabilidade” do modelo. Para ele, Jones, por exemplo, acerta ao assinalar que as teorias psicológicas de Freud encontram seus princípios no período de sua formação como estudante de medicina, portanto, antes mesmo de seu contato com Charcot ou Breuer, mas se precipita ao afirmar que a “luta” de Freud consistiu

¹⁶ JONES, Ernest, op. cit., p. 55.

¹⁷ ASSOUN, P-L., op. cit., p. 117.

¹⁸ No âmbito da crítica de Assoun.

basicamente em “*aplicá-los empiricamente aos fenômenos mentais, prescindindo de qualquer base anatômica*”¹⁹.

Em primeiro lugar, seria necessário, antes de estabelecer uma “filiação científica”, investigar o modo como esta se efetiva na obra freudiana. Isso significaria, por exemplo, perguntar pelas conseqüências da ausência “de qualquer base anatômica” na aplicação dos princípios da fisiologia aos fenômenos psíquicos. Implicaria, portanto, responder se ao serem aplicados a este outro campo, ou seja, o dos fenômenos de ordem psíquica, ainda se trataria dos mesmos princípios de “fisiologia-física” com os quais Freud pôde desenvolver seus trabalhos de pesquisa inicialmente. No caso de uma resposta positiva ao problema, isto é, da pressuposição de uma continuidade do modelo brückiano, uma reflexão cuidadosa sobre o tema teria ainda que dar conta do fato da “aplicabilidade do modelo” levar a conclusões contrárias a este, como por exemplo, a renúncia à localização anatômica das funções psíquicas.

Ainda que sem a pretensão de abranger a investigação proposta por Assoun, embora suas restrições ao projeto de filiação de Freud ao modelo de Brücke sejam relevantes, interessa justamente assinalar o aspecto do problema relativo à aplicabilidade do modelo. É possível concluir, a partir da leitura dos comentadores, nela incluindo o próprio Assoun, que Freud foi formado em uma tradição, cujo modelo de investigação é o modelo das ciências naturais. Nessa medida, será a partir do impasse produzido pelo contato de Freud com um campo no qual a aplicabilidade dos princípios inerentes a essa tradição não se dá sem mediações, que ele será levado a construir essa possibilidade ao longo da obra. Tarefa à qual, aliás, se dedicará com uma boa dose de tenacidade. De um modo ou de outro, os princípios

¹⁹ JONES, Ernest, op. cit., p. 57 (Vol. 1).

fisiológicos encontrarão seu espaço nas investigações relativas ao aparelho psíquico. No entanto, o mundo psíquico, a vida sexual e os sintomas exigirão um certo recuo de Freud com relação às próprias possibilidades de aplicação do modelo, obrigando-o a uma espécie de adaptação, diga-se, “criativa” frente à possibilidade de aplicação do modelo das ciências naturais a um campo diverso, como ocorre desde o início, por exemplo, com os fenômenos históricos. Em outros termos, é o próprio campo de aplicabilidade dos princípios que se constitui de uma outra maneira.

Nesse sentido, é digno de nota o interesse manifesto de Freud pelas relações entre os fenômenos históricos e a “base anatômica”. Logo após a estadia em Paris, seu crescente interesse pela histeria e a própria condução de suas investigações o levam a pôr em questão, precisamente, a “base anatômica” de tais fenômenos. Contudo, do estudo comparativo entre as paralisias motoras orgânicas e as paralisias históricas, conclui que a especificidade destas reside na ausência da correspondência anatômica, característica própria somente às primeiras. Desse modo, o problema da aplicação do modelo das ciências naturais, ou, pelo menos, o de suas condições de aplicabilidade, ao campo dos fenômenos psíquicos parece ter se imposto desde as primeiras incursões freudianas nele perpetradas.

Em suma, partindo desse quadro mais geral, no qual se inscrevem a Escola de Medicina de Helmholtz, Brücke e seu Instituto de Fisiologia, pretende-se apontar para sua importância na formação intelectual de Freud e sua influência no desenvolvimento da teoria, mas, sobretudo, introduzir um dos aspectos presentes na origem da obra freudiana, proveniente dessa confluência. Dito de outra maneira: além de franquear o esboço – ainda que introdutório – de alguns dos problemas implícitos às tentativas de “filiação” de Freud, a questão da “influência” do modelo brückiano permite assinalar,

no interior dessa temática, um dos aspectos determinantes na construção da teoria freudiana, ou seja, a existência de uma certa tensão entre a aplicabilidade de um modelo próprio às ciências da natureza e a constituição de um novo modelo de investigação.

Ao se dedicar ao estudo dos fenômenos psíquicos, Freud, indubitavelmente, se depara com uma ordem de fenômenos, em relação à qual a aplicabilidade do modelo fornecido pelas ciências naturais está posta em questão. Tanto os fenômenos psíquicos não são plenamente passíveis de redução à fisiologia e, portanto, às leis físicas, como a anatomia não lhe serve de porto seguro, como o atesta, por exemplo, o já mencionado estudo comparativo entre as paralisias orgânicas e as histéricas. Desse modo, essa circunstância exige da teoria a construção de uma série de mediações que mantêm, no interior da obra freudiana, uma permanente tensão entre o modelo herdado e o objeto de investigação em questão e, de certa forma, determina também a desestabilização do primeiro.

Esse caráter da teoria freudiana pode ser apreendido, por exemplo, nas investigações etiológicas. Muito embora tais investigações tenham se desenvolvido sem se ligar diretamente aos princípios mais densos do mecanicismo, o raciocínio que as orienta inicialmente não parece se afastar do horizonte científico no qual Freud se formou, ou, dito de outro modo, elas não se incompatibilizam com a rede conceitual pressuposta nas explicações últimas das investigações mecanicistas. No entanto, e é o que se pretende demonstrar neste trabalho, o desenvolvimento das investigações sobre a etiologia das neuroses expressa um certo embate, no qual o fenômeno psíquico passa a ser concebido segundo uma relação mais complexa de determinação do que aquela definida pelo campo acima indicado nos termos em que ela fora colocada.

A partir de alguns dos elementos da biografia intelectual de Freud, delinea-se, *grosso modo*, sua relação com o modelo investigativo próprio às *Naturwissenschaften*. A tradição das pesquisas realizadas a esse respeito exigiria um exame mais cuidadoso da questão²⁰. Entretanto, o objetivo foi apenas apontar para a origem de elementos que envolvem a construção da teoria psicanalítica, na qual se inscrevem algumas das noções importantes para o tratamento das questões etiológicas que dizem respeito à sexualidade, como, por exemplo, a de causa. Como ficará claro com o decorrer do texto, Freud está situado num campo formativo próprio ao mecanicismo, mas não se pode dizer que ele lança mão dele de modo regular.

²⁰ A respeito das pesquisas sobre a relação do modelo investigativo das *Naturwissenschaften* e a constituição da psicanálise, aqui se reporta ao trabalho de Monzani que, ao fazer um balanço das relações entre o discurso filosófico e o psicanalítico, acompanha a gênese e o desenvolvimento das contribuições mais importantes nessa discussão. Entretanto, com o intuito de circunscrever tal tradição, nos restringimos a fazer apenas algumas indicações a partir de seu texto. Assim sendo, para Monzani, na origem de leituras orientadas por essa questão encontra-se a crítica de Binswanger à teoria freudiana, cujo eixo central tem por escopo a concepção de homem como objeto natural e a conseqüente construção da psicanálise segundo o modelo das *Naturwissenschaften*. Com isso Freud teria elidido a dimensão existencial do homem, falta que sua “antropologia filosófica” pretendia suprir. Essa crítica franqueia duas direções opostas de investigação da obra freudiana, a saber, aquelas que assimilam sem questionamento o projeto desta como determinado pelo mecanicismo (e tomam a biologia como diretriz) e aquelas que, contrárias à crítica de Binswanger, procuram mostrar que a suposta falha na teoria é um equívoco. Entre as primeiras, situam-se os representantes da “psicologia do ego” e K. Pribam e, entre as últimas, as leituras de Hyppolite e Ricoeur. Essa segunda orientação tem origem na crítica à visão restrita de Binswanger sobre a psicanálise, que o teria levado a privilegiar exclusivamente o mecanicismo em detrimento da pesquisa do sentido que nela se opera. No entanto, Hyppolite constataria que vinculada à busca pelo sentido, subsiste na psicanálise freudiana o mecanicismo, traço que o leva a atribuir a essa teoria um caráter cindido entre o “materialismo da energia” e a “análise intencional” e propor, como solução para tal impasse, uma interpretação dialética da obra. De maneira mais rigorosa e sistemática do que Hyppolite, Ricoeur assume a tarefa de investigar esse problema com o objetivo de “ultrapassar o afastamento das duas ordens de discurso”. Para Ricoeur opera-se na *Traumdeutung* uma subversão, através da qual a explicação subordinada à interpretação passa a orientar a montagem da teoria psicanalítica, que invalida a duplicidade denunciada por Hyppolite. Entretanto, a ambigüidade do Capítulo VII da *Traumdeutung* leva-o a afirmar que somente na Metapsicologia encontrar-se-á a verdadeira harmonia entre a linguagem da energia e do sentido, pois nela Freud teria feito “do inconsciente o ponto de junção do sentido e da força e, através dessa articulação, torna-se possível todo destino psíquico do pulsional” (p. 123). Solução que termina também por mutilar a obra freudiana. A partir da consideração do fracasso dessas leituras, na medida em que consistiram na deformação sistemática do pensamento freudiano, Monzani conclui essa passagem do texto assinalando o esgotamento dessa orientação, que consistiu “na tentativa obstinada de se ler um discurso através de redes significativas e de critérios que são estranhos a esse próprio discurso” (p. 126), e a necessidade de elaboração de uma leitura interna do discurso psicanalítico. Segundo o autor, o próprio processo de saturação gerado por essa orientação de pesquisa provocou uma reviravolta, cujo saldo é positivo: as questões se colocaram em outros termos e se começou a produzir uma leitura mais rigorosa dos textos de Freud [cf. MONZANI, L. R., “Discurso filosófico e discurso psicanalítico”. In: PRADO JR, Bento (org.). *Filosofia da psicanálise*, p. 113].

O início das investigações etiológicas está marcado por uma concepção dos fatores sexuais como causa (“externa”) dos fenômenos patológicos, mas sua crescente complexidade designará à relação entre sexualidade e patologia um outro tipo de determinação, na qual a sexualidade se define como causa (“interna”) daqueles. Contudo, essa passagem não só foi lentamente construída, como implicou uma série de reorientações das pesquisas etiológicas que merecem ser examinadas em detalhe. Trata-se, nesse sentido, de percorrer a formulação inicial dos raciocínios próprios ao campo da etiologia das neuroses, a gradativa reorganização destes até o abandono da teoria da sedução e, a partir deste, a conseqüente reorientação das investigações etiológicas que terminam por tornar necessária a formulação mais consistente de uma teoria da sexualidade.

Dito de outro modo, pretende-se, neste trabalho, acompanhar a construção do conceito de sexualidade no desenvolvimento das investigações etiológicas de Freud, ou seja, detalhar a trama conceitual que circunscreve a passagem da assunção da importância dos fatores sexuais na determinação dos fenômenos psicopatológicos, concebidos então como um conjunto de práticas sexuais designadas como “vida sexual” (*Sexualleben*), situada como “causa específica” das neuroses, à formulação, em 1905, do papel constitutivo da sexualidade (*Sexualität*), descrita em sua função formativa e, enquanto tal, determinante dos fenômenos psíquicos normais e patológicos.

Capítulo 1

O interesse pela histeria

Redigido por Freud na ocasião de seu retorno a Viena em 1886, o “informe acadêmico”, ou “Bericht über meine mit Universitäts – Jubiläums – Reisestipendium unternommene Reise nach Paris und Berlin” (Informe sobre meus estudos em Paris e Berlim)¹, guarda importância por indicar com suficiente clareza o início do movimento de reorientação de suas investigações científicas. Nesse sentido, as observações a respeito dos trabalhos desenvolvidos em Salpêtrière permitem situar e acompanhar o deslocamento de seu interesse, o qual tem início a partir de uma perspectiva nitidamente centrada nas questões relativas às pesquisas em neuropatologia, tal como o comprovam as linhas introdutórias de seu texto, em direção às investigações de orientação psicológica.

Assim, ao chegar em Paris, ou melhor, ao solicitar a bolsa de estudos, o interesse de Freud está voltado para a anatomia do sistema nervoso. No entanto, ao terminar sua estadia, os problemas relativos à histeria e ao hipnotismo assumem considerável preponderância. Desse modo, como veremos, o progressivo distanciamento dos temas próprios à neurologia será correlato a um crescente interesse pela psicopatologia.

De fato, ao solicitar a bolsa de estudos à Universidade de Viena, é nítida a orientação das pesquisas a serem realizadas por ele em Paris. Trata-se de dar continuidade às investigações em neurologia. Sua pretensão é

¹ FREUD, S. In: STRACHEY, J. (org.). *Obras Completas Sigmund Freud*. Tradução do alemão de José L. Etcheverry. Vol. I. Buenos Aires: Amorrortu, 1994, p. 1; idem, in: FREUD, Anna et al. (eds.). *Sigmund Freud Gesammelte Werke*. Nachtragsband. Frankfurt am Main: Fischer, 1999, p. 31.

explícita ao escolher como objeto de estudo as atrofias e degenerações secundárias decorrentes das afecções encefálicas infantis. E, segundo ele mesmo, entre os motivos que justificam a escolha de Salpêtrière para o desenvolvimento de suas pesquisas estão o grande número de enfermos atendidos por esse hospital, a fama de Charcot como médico e professor dessa Instituição e, fundamentalmente, a possibilidade de conhecer o trabalho da escola francesa de neuropatologia, que, em função do seu caráter singular e inovador, teria ampliado as pesquisas nessa área, diferenciando-se da Alemanha e da Áustria.

Tal situação decorreria, segundo Freud, do restrito intercâmbio entre médicos franceses e alemães, responsável pela inexistência, entre os últimos, do reconhecimento da expansão das pesquisas em neuropatologia empreendidas pela escola francesa. Com isso, tanto o hipnotismo, enquanto técnica investigativa, quanto a abordagem da histeria, ambos desenvolvidos pelos franceses, resultavam pouco rigorosos aos olhos dos cientistas alemães. Para Freud, no entanto, tratava-se, inversamente, de “aprender algo essencialmente novo” com a escola francesa de neuropatologia. Expectativa que, dito explicitamente, não nutria com relação à pesquisa alemã em neurologia.

Segundo suas declarações, Salpêtrière não o decepciona nesse sentido. Ele encontra na Instituição excelentes condições de trabalho clínico: não só por lhe ser oferecida oportunidade de ver e examinar uma grande série de enfermos e poder ouvir o juízo de Charcot sobre eles, mas, sobretudo, pelas “inspirações” que recebeu como resultado da proximidade com ele, durante os cinco meses de estadia em Paris. Em contrapartida, sua

pesquisa em anatomia é inviabilizada pelas péssimas condições do laboratório, obrigando-o a renunciar às investigações nessa área. Fato este que, aliado a outro – de maior significação – ou seja, ao fascínio pelo trabalho desenvolvido por Charcot, determina a reorientação do interesse científico de Freud.

Freud declara que o fascínio exercido por Charcot residia sobretudo no seu modo de conduzir o ensino e suas investigações, expressando com isso o impacto que essa convivência provocou no desenvolvimento de seus próprios interesses. Ao assinalar os traços essenciais às concepções e à personalidade de Charcot, Freud observa que ao conhecê-lo, em Salpêtrière, se deparou com um pesquisador cujo trabalho estava inteiramente voltado para o estudo das neuroses, preponderantemente a histeria. Além de obstinado, Charcot não costumava ser pouco contundente nas declarações a respeito da direção necessária e relevante das pesquisas a serem feitas. Assim, por exemplo, em relação aos limites da anatomia, asseverava que esta já tinha consumado sua obra e, ao se referir à teoria das doenças orgânicas do sistema nervoso, sem deixar também de ser menos enfático, afirmava que ela estava concluída. Em suma, o trabalho a ser realizado restringia-se, para ele, exclusivamente à investigação da neurose em outras bases.

Por fim, nas afirmações acima apontadas, Freud reconhece a expressão essencial do interesse de seu professor. Contudo, na medida em que assinalam precisamente a anatomia e a teoria das doenças orgânicas do sistema nervoso, campos que norteavam a orientação inicial da pesquisa de Freud, é muito provável que suas conseqüências tenham sido mais amplas do

que as declaradas. Em outros termos, o direcionamento assumido pelas pesquisas de Charcot, o qual incluiu uma certa reserva com relação aos referidos campos, está de certa forma presente na origem dos motivos que influenciaram o próprio Freud a abandonar a orientação inicial de suas investigações. Nesse sentido, é exemplar o comentário de Freud a respeito do tratamento por ele conferido em seu texto às observações sobre histeria e hipnotismo, temas aos quais sem dúvida cede um espaço muito maior do que aquele dedicado às doenças orgânicas do sistema nervoso, seu objeto de estudo ao solicitar a bolsa. Segundo ele, é seu interesse pelo cerne do trabalho completamente novo desenvolvido por Charcot em Salpêtrière que justifica a diferença de tratamento expressa em seu texto. Freud estava portanto interessado, quase exclusivamente, no desenvolvimento da teoria de Charcot, a qual atribuirá, como veremos, importante papel em suas primeiras pesquisas sobre histeria.

Nesse relatório, Freud se dedica a uma breve apresentação das principais concepções da teoria de Charcot sobre histeria, introduzindo-a de forma breve, porém precisa. Assim, a partir do estudo dos casos “mais completamente desenvolvidos” e denominados “tipos completos”, Charcot teria redimensionado a conexão da patologia histérica com o sistema genital, demonstrando sua frequência também em pessoas do sexo masculino, bem como a da existência da histeria traumática. Ao se desenvolver, o grande mérito da teoria charcotiana teria consistido na especificidade conferida a essa patologia, formulada a partir de uma certa concepção da sintomatologia histérica, que tornou possível diferenciá-la de outras situações mórbidas e nela reconhecer “uma ordem própria e definida”. Como um dos elementos

fundamentais às descobertas de Charcot, Freud situa a importância conferida às idéias na determinação dos sintomas histéricos. Assim, ao demonstrar que, sob o efeito da sugestão hipnótica, esses sintomas poderiam ser induzidos em pacientes normais, Charcot teria franqueado um novo espaço na busca da determinação da etiologia dos fenômenos histéricos.

Freud deixa Paris em fevereiro de 1886 e, sem dúvida, essa nova via de acesso à etiologia dos fenômenos histéricos, a qual ele se refere como fundamental às descobertas de Charcot, lhe servirá de “inspiração”. No entanto, nos cinco anos seguintes, permanece ocupado com interesses familiares, profissionais e com a tradução dos livros de Charcot e Berheim². Assim, entre 1887 e 1888, dedica-se à redação de um livro sobre anatomia do cérebro, trabalho que não chegaria a ser concluído³ e, em 1888, publica um artigo sobre a observação de um caso de hemianopsia em duas crianças.

Seu primeiro livro, “Zur Auffassung der Aphasien”⁴, é publicado em 1891. Segundo Jones, a maioria dos estudiosos da obra freudiana concordaria que este é o mais valioso texto neurológico de Freud, consistindo em uma crítica “radical e revolucionária” da teoria de Wernicke e Lichtheim sobre a afasia. Para Gabbi⁵, entretanto, a pretensão de Freud, mesmo sem oferecer nenhuma pesquisa própria sobre o tema, era modificar radicalmente a concepção existente sobre a afasia: tratava-se de lançar uma suspeita sobre as teses de Wernick, consideradas à época da publicação do

² Sobre esse período, mantém-se como referência as observações de Ernest Jones em *A vida e a obra de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1989, pp. 220-7.

³ JONES, E., op. cit., p. 220.

⁴ As observações sobre esse texto de Freud têm por referência: GABBI JR., Osmir F. “Sobre a concepção da afasia e da histeria: notas sobre a relação entre anatomia e linguagem nos primórdios da teoria freudiana”. In: PRADO JR., B. (org.). *Filosofia da psicanálise*. São Paulo: Brasiliense, 1989, p. 181.

⁵ GABBI JR., Osmir Faria, op. cit., p. 181.

texto de Freud a base para a reflexão sobre essa patologia⁶. Seja como for, o aspecto que interessa nos dois comentários⁷, e, nesse sentido, ambos concordam, é o escopo das críticas de Freud às concepções de Wernick, Meynert e Lichtheim. Tratava-se de pôr em questão as concepções do primeiro (de cujas idéias, Lichtheim é um continuador), as quais se encontravam fundamentadas na hipótese da existência de localizações anatômicas para funções psíquicas e sustentava-se numa suposição mais geral, para a qual a teoria de Meynert sobre o funcionamento cerebral fornecia os fundamentos fisiológicos, a saber, de que os processos cerebrais podem ser estudados a partir de um associacionismo atomista⁸. Com a discussão acerca dos pressupostos presentes na concepção anatômica da patologia, Freud desarticula a própria base da teoria existente sobre o tema; negando, por exemplo, no caso de lesões internas ao aparelho da fala, a preponderância dos fatores anatômicos na sua determinação, atribuindo-a às perturbações funcionais. Segundo Gabbi,

para este último caso, Freud elaborou um modelo do aparelho da fala que prescindia completamente de qualquer referência anatômica. Ao mesmo tempo introduziu a idéia de que se pode pensar a afasia como um estado regressivo, um estado de menor organização⁹.

⁶ Idem, p. 183.

⁷ A esse respeito cf. JONES, Ernest, op. cit., pp. 222-3 e GABBI JR., Osmir F., op. cit., pp. 190-1.

⁸ GABBI JR., O, F., op. cit., p. 183.

⁹ Idem, p. 193.

Assim, desde o primeiro trabalho publicado após a estadia em Salpêtrière, Freud assume a crítica aos pressupostos anatômicos, bem como aos pressupostos fisiológicos que norteiam as discussões sobre o funcionamento cerebral na etiologia dos fenômenos patológicos.

Movimento que, como vimos, tem início com a estadia em Paris e encontra um certo delineamento no campo da psicopatologia com esse texto sobre a afasia, mas, de maneira mais consistente, na discussão sobre as paralisias histéricas, em que Freud examina o tema lhe sugerido por Charcot na época em que se encontrava em Salpêtrière¹⁰.

Paralisias orgânicas e histéricas: anatomia e representação

No artigo publicado em 1893, sob o título de “*Quelques considérations pour une étude comparative des paralysies motrices organiques et hystérique*” (Algumas considerações com vistas a um estudo comparativo das paralisias motrizes orgânicas e histéricas)¹¹, as investigações psicológicas se impõem como um dos temas privilegiados na abordagem dos fenômenos histéricos. Nesse sentido, por exemplo, ao

¹⁰ Na opinião de Strachey, é muito provável que as três primeiras seções desse artigo estivessem prontas desde de 1888 ou, até mesmo, 1886, pois elas estão centradas na neurologia. Entretanto, na última seção desse texto, já estariam presentes, implícita ou explicitamente, as idéias compartilhadas por Breuer e Freud. Traço este que teria determinado a dificuldade na conclusão do artigo. Além dessa hipótese, Strachey supõe que, ao esboçar seu artigo, Freud teria se dado conta de que alguns dos problemas nele detectados poderiam ser explicados através das idéias com as quais ele e Breuer tinham alguma familiaridade, mas que necessitavam ainda de uma fundamentação mais rigorosa. Entre estas idéias estariam as noções de recalque, ab-reação e o princípio de constância, com as quais, segundo Strachey, Freud entrara em contato desde de 1887. Fundamental, no entanto, na leitura e nas hipóteses de Strachey sobre os problemas que envolveram a redação e publicação desse artigo, é o fato dele situá-lo sobretudo como um “divisor de águas” entre os escritos neurológicos e psicológicos de Freud. Sua explicação encontra-se portanto centrada na consideração do aspecto que interessa aqui assinalar, ou seja, a passagem das investigações marcadamente relacionadas à neuropatologia em direção à psicopatologia.

finalizar o texto, Freud retoma as lições de Charcot e assinala que este foi o primeiro a ensinar que a explicação da neurose deve ser buscada na psicologia.

No início desse artigo, Freud apresenta as duas formas de paralisias motoras orgânicas reconhecidas pela neurologia clínica, ou seja, a paralisia periférico-medular e a paralisia cerebral. A diferença essencial entre ambas é exposta em termos estruturais. Assim, a paralisia periférico-medular é *détaillée*, ou seja, nessa paralisia pode se encontrar um músculo, ou ainda, como esclarece Freud, uma fibra muscular paralisada isoladamente e, nesse caso, ela se define como uma paralisia de projeção, pois justamente a periferia é *projetada* “ponto por ponto” sobre a substância cinzenta da medula. Em contrapartida, a paralisia cerebral é *massiva*. Nesta, um músculo nunca é afetado isoladamente, sempre uma extensa parte da periferia é atingida: um membro, um segmento de uma extremidade ou um aparelho motor complexo. Na paralisia cerebral não se encontra a reprodução ponto por ponto da periferia no córtex, não se trata de uma “projeção genuína” mas de uma relação entre fibras que podem ser denominadas “representativas”. Trata-se, portanto, de uma paralisia de *representação*, na qual as fibras que vão da medula ao córtex não representam um único elemento periférico, mas um grupo destes ou ainda, por outro lado, um elemento periférico pode corresponder a várias fibras condutoras medulo-corticais.

A partir da investigação acerca dos dois tipos de paralisia orgânica, Freud conclui que as distinções encontradas fornecem um aporte teórico de grande alcance para o estudo dos fenômenos históricos. Em outros

¹¹ FREUD, S. in: STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. I, p. 191; idem, in: FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. I, p. 37.

termos, a natureza das paralisias histéricas pode ser esclarecida com base no exame das orgânicas, pois as primeiras apresentam características passíveis de serem denominadas como “intermediárias”, compartilhando preponderantemente características da paralisia cerebral. Entretanto, se é típico das “paralisias histéricas flácidas” serem sempre paralisias *en masse* (como na paralisia cerebral) e apresentarem uma maior tendência à dissociação, tal como na paralisia periférico-medular, é também verdadeiro que delas se distinguem. Assim, nas paralisias histéricas encontram-se com frequência, contrariando a regra das paralisias cerebrais, os segmentos proximais mais afetados do que os distais. Na histeria, como exemplifica Freud, o ombro ou a coxa pode estar mais afetado que a mão ou o pé. É possível ainda, contrariando mais uma vez as regras da paralisia cerebral orgânica, produzir artificialmente uma paralisia isolada, por exemplo, da coxa, da mão. Nesse sentido, a paralisia histérica é também uma paralisia em “representação”, mas, como sublinha Freud, um tipo especial de representação.

Para especificar a “representação” própria à paralisia histérica, Freud detalha com maior precisão a distinção entre esta e a paralisia cerebral: a primeira característica distintiva se refere ao fato da paralisia histérica se apresentar dissociada; os sintomas se apresentam “fracionados”. Como no caso, por exemplo, da hemiplegia orgânica, cuja sintomatologia se caracteriza pela paralisia dos membros superiores e inferiores e parte inferior da face, contraposta à histeria, cujos sintomas podem se restringir à paralisia dos membros e até mesmo dissociar as paralisias do braço e da perna, sob “a forma de monoplegias”. Também em relação à síndrome da afasia orgânica,

encontra-se na histeria uma cópia da afasia motora isoladamente e, às vezes, o acréscimo de algo inexistente na afasia orgânica, tal como a afasia total com relação a um determinado idioma sem qualquer modificação com relação a um outro. Como foi, por exemplo, o caso de Anna O., tratado por Breuer.

Essa dissociação manifesta-se ainda nas “paralisias isoladas de um segmento de um membro”, onde partes deste permanecem incólumes ou sem função, enquanto “outra função executada pelos mesmos órgãos permanece intacta”; esse fato é ainda mais surpreendente quando esta última é a função mais complexa, pois quando se trata da sintomatologia orgânica se dá exatamente o inverso, ou seja, a função mais complexa é sempre a mais afetada em consequência da paralisia.

Aliado a esse poder de dissociação, característico das paralisias histéricas, Freud define como um sinal identificador da neurose a capacidade presente nessa doença, de produzir “manifestações excessivas”, fato para o qual Charcot já havia chamado a sua atenção: os sintomas tendem a apresentar-se na histeria “com a máxima intensidade possível”. Com relação a este último traço, são novamente mobilizados alguns exemplos presentes não só nas paralisias histéricas, mas também nas contraturas e anestésias, as quais, ao serem comparadas com os sintomas gerados pelas lesões orgânicas, evidenciam sobejamente a característica acima apontada.

Voltando ao percurso do artigo em questão, Freud define as duas formas de paralisias orgânicas e seus respectivos quadros sintomais, estabelece a comparação entre estas e as paralisias histéricas, concluindo pelo caráter “intermediário” destas. Ao investigar a natureza de tais

fenômenos, Freud estabelece as características da paralisia histérica, nas suas duas qualidades fundamentais: a “delimitação precisa” e a “intensidade excessiva”. Diferença importante com relação à paralisia cerebral, pois essas duas qualidades não se apresentam de maneira associada nessa doença.

Resta esclarecer a especificidade da distinção entre as paralisias histéricas e orgânicas e o “*caráter geral da representação especial*”¹² em questão naquelas. Com relação ao caráter da representação envolvida nas paralisias cerebrais, também denominadas “paralisias em representação”, Freud assinala que sua sintomatologia é determinada pelos fatos da anatomia, ou seja, pela construção do sistema nervoso e distribuição de seus vasos e pela relação entre estes e as circunstâncias da lesão. A representação, portanto, no caso da paralisia cerebral, se define pela idéia de um “paralelismo orgânico”. Essa espécie de “paralelismo”, Freud descreve, no início da terceira seção de seu artigo, da seguinte maneira: “*cada detalhe clínico da paralisia de representação pode encontrar sua explicação em um detalhe da estrutura cerebral; e podemos deduzir a estrutura do cérebro a partir das características clínicas da paralisia*”¹³. Em outras palavras, a anatomia cerebral se expressa nas características clínicas da paralisia cerebral.

A partir dessa passagem, as explicações psicológicas paulatinamente se sobrepõem às neurológicas, delineando, sobretudo a partir da noção de trauma, a reorientação das investigações de Freud. De qualquer forma, ao postular o caráter especial da representação na histeria, certos

¹² Idem, in: STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. I, p. 204; idem, in: FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. I, p. 47.

¹³ Idem, in: STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. I, p. 204; idem, in: FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. I, p. 48.

pressupostos da neuropatologia parecem postos desde já em questão. Assim, na última seção do artigo, a especificidade dessa representação reside na completa independência da paralisia histérica com relação à anatomia do sistema nervoso. A esse respeito, Freud escreve: “*nas suas paralisias e em outras manifestações, a histeria se comporta como se a anatomia não existisse, ou como se não tivesse conhecimento desta*”¹⁴.

A “representação especial” designaria portanto uma certa “representação psíquica”. A construção é, em linhas gerais, a seguinte: na histeria não se dá essa “espécie de paralelismo”, que permite reconhecer a anatomia através da sintomatologia. De certa forma, nela se expressa uma apreensão comum dos órgãos. Com relação a esse aspecto, contrariamente à interpretação de Charcot, que mantém a idéia de afecções passageiras sob a concepção da natureza dinâmica da lesão na histeria, para Freud a lesão na paralisia histérica é completamente independente da anatomia do sistema nervoso. Nesse sentido, compartilha com Janet a idéia de que na paralisia histérica é a concepção trivial dos órgãos do corpo, fundada nas percepções táteis e, sobretudo, visuais, que está em questão e determina suas características; a “lesão” seria produzida pela interrupção das associações entre as representações do ego e a concepção corporal relacionada ao trauma.

A natureza dessa “alteração” é considerada na exposição de uma série de exemplos. Em um deles, trata-se da impossibilidade da concepção de braço associar-se às outras idéias que constituem o ego, do qual o corpo é parte importante. A “lesão”, nesse caso, teria sido produzida pela abolição

¹⁴ Idem, in: STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. I, p. 206; idem, in: FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. I, pp. 50-1.

do acesso associativo da concepção de braço. Em toda paralisia histérica há a intervenção de uma associação subconsciente de grande valor afetivo que gera esse efeito. Mantendo o exemplo de Freud, a concepção de braço existe materialmente, mas não é acessível às associações e impulsos conscientes, pois está marcada no subconsciente pela lembrança do trauma produtor da paralisia.

Por fim, é possível concluir que a investigação sobre as paralisias históricas coloca em cena um referencial teórico alheio à neuropatologia. Sem dúvida, ao conceber a gênese dos fenômenos históricos a partir da impossibilidade de liberação, através de uma reação motora ou associativa, do afeto que acompanha as representações psíquicas, se confere também ao psiquismo um importante papel na determinação de tais fenômenos. Portanto, na comparação entre as paralisias orgânicas e históricas se produz uma certa reorientação das pesquisas freudianas, ou melhor, uma certa sobreposição de dois campos distintos de investigação, designados como neurologia e psicologia. No entanto, essas investigações iniciais no terreno da psicologia têm profundas conseqüências no desenvolvimento da teoria.

Ao final da última seção desse artigo, Freud refere-se ao processo de ab-reação e à importância do trauma como causa dos fenômenos históricos, conceitos posteriormente desenvolvidos por ele e Breuer em um outro artigo, intitulado “Über den psychischen Mechanismus hysterischer Phänomene: Vorläufige Mitteilung” (Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos históricos: comunicação preliminar)¹⁵, publicado pela primeira vez em janeiro de 1893. Esse artigo precede em dois anos a obra

¹⁵ Idem, in: STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. II, p. 27; idem, in: FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. I, p. 81.

posteriormente assinada por ambos, na qual este também será incluído, sob o título de “Studien über Hysterie” (Estudos sobre histeria)¹⁶.

Trauma como causa da histeria

“Estudos sobre histeria” é freqüentemente considerada como uma obra fundamental à construção da teoria psicanalítica. Strachey, por exemplo, corrobora tal afirmação. Para ele, a importância desse texto residiria, sobretudo, na formulação do “princípio de constância”, o qual, nesse momento, teria conferido sustentação teórica à explicação da necessidade de ab-reação dos afetos. Assim, o lugar desse princípio na economia dos “Estudos” e sua formulação mais completa, em *Mais além do princípio de prazer*, comprovariam não só o papel essencial desse princípio no desenvolvimento da obra freudiana, mas também seu caráter fundador. No entanto, esses “Estudos” são também fundamentais à construção da teoria psicanalítica pela consolidação do movimento de afirmação da hipótese acerca do papel dos fatores sexuais na etiologia da histeria.

As teorias de Freud e Breuer sobre as investigações dos fenômenos histéricos são apresentadas no primeiro dos textos dos “Estudos”. Desde as linhas iniciais da “Comunicação preliminar”, a investigação se define pelo exame do “ocasionamento” (*Veranlassung*)¹⁷ da histeria, pela

¹⁶ Idem, in: STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. II, p. 1; idem, in: FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. I, p.77. Em nota introdutória, Strachey assinala que “Estudos sobre Histeria” é considerada obra fundamental na construção da psicanálise. De fato, sua arquitetura expressa parte da história desta. Assim, o texto, publicado em maio de 1895, é composto pela “Comunicação preliminar”, a exposição de cinco casos clínicos, um ensaio teórico de Breuer e o capítulo final, escrito por Freud [cf. STRACHEY, J. (org.), op. cit., Vol. II, pp. 3-22].

¹⁷ Na edição em português, *Veranlassung* [FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. I, p. 81] é traduzida por *causa precipitante*. Embora não esteja incorreta, optamos pela aproximação com o texto da Amorrortu, do

especificidade do objeto e sua relação com o método. Assim, a dificuldade de acesso a esse material requer justamente a utilização do método hipnótico, pois o “*nexo causal entre o processo ocasionador e o fenômeno patológico*”¹⁸ não se deixa facilmente alcançar através do exame clínico, por mais minuciosa que venha a ser sua realização.

Com a aplicação desse método, constata-se que os fatores externos têm um papel maior do que se supunha na determinação dos fenômenos patológicos. Papel análogo àquele desempenhado pelo acidente na “*histeria traumática*”, em que é evidente o “*nexo causal*” entre o acidente e a patologia, também evidente nos ataques histéricos em que é possível inferir das “*exteriorizações*” do paciente uma alucinação do processo que provocou o primeiro dos ataques. Pois bem, assim como nessas duas classes de conexão causal o “*evento desencadeador*” ou “*ocasionador*” liga-se de modo claro à patologia, Freud e Breuer assinalam a possibilidade de encontrar o mesmo grau de determinação dos fatores externos, com a mesma clareza de ligação¹⁹, no exame dos mais variados sintomas, considerados então “*produtos idiopáticos*” da histeria.

Nesse sentido, a “*causa da doença*” (*Krankheitsursache*) não é uma lesão, mas o trauma psíquico. Este se define como uma vivência que

qual consta *ocasionamiento* [STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. II, p. 29]. *Ocasionamento*, conforme *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*: “ato ou efeito de ocasionar” (ocasionar: “ser causa de, motivar, originar, provocar”). Essa escolha se justifica pelo fato desse termo manter a pluralidade de sentidos presente em *Veranlassung*, causa, ocasião, motivo, prescindindo da palavra *Ursache* (causa). Como será visto a seguir, no exame da “*equação etiológica*” formulada por Freud, ele utilizará *auslösende Ursache* para se referir, aí sim, à causa: *causa desencadeante* (*Amorrortu*) e “*causa precipitante* [*Veranlassung*] ou desencadeante [*auslösende Ursache*]” (*Imago*).

¹⁸ FREUD, S. In: STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. II, p. 29; idem, in: FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. I, p. 81.

¹⁹ Os autores admitem que os “*nexos causais*” podem estar obscurecidos por uma simbolização dos mesmos. No entanto, uma vez interpretado o símbolo, a clareza da “*conexão*” se encontraria no mesmo

“*suscita afetos penosos de horror, angústia, vergonha e dor psíquica*”²⁰. Freud e Breuer estão aqui ocupados em estender o conceito de histeria traumática e será a partir de uma analogia entre a patogênese da histeria comum e a neurose traumática que justificarão tal extensão²¹.

O trauma não se define, portanto, como um *agent provocateur*, mas como um “corpo estranho” que segue atuando muito tempo depois de sua “entrada”. Essa permanência se deve à impossibilidade de uma “reação enérgica” adequada frente a algum tipo de acontecimento. Por “reação enérgica” os autores entendem “toda a classe de reflexos voluntários e involuntários” através dos quais os afetos são “descarregados”. Para Freud, quando a reação é impedida, o afeto permanece vinculado à lembrança. Nesse caso, a linguagem ou algum tipo de ação poderá promover posteriormente a “ab-reação” do afeto. Do contrário, a lembrança do fato preserva sua intensidade afetiva. Os fenômenos histéricos se caracterizariam então pela presença das “lembranças determinantes”, acessíveis apenas através da hipnose, a partir da qual “emergem com a nitidez inalterada de um fato recente”.

Essas “lembranças” serão equiparadas a “traumas” que não foram suficientemente ab-reagidos em função da natureza destes (tese de Freud), ou pelo estado psíquico em que o paciente recebe as experiências em questão (tese de Breuer), ou, ainda, pela presença de ambas as espécies de

grau de evidência daquele encontrado na neurose traumática [cf. STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. II, p. 29].

²⁰ FREUD, S. In: STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. II, p. 31; idem, in: FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. I, p. 84.

²¹ Idem, ibidem.

condições. Nos dois grupos, os traumas psíquicos não eliminados pela reação não puderam ser afastados pela elaboração associativa.

A “divisão da consciência” e os estados anormais lhe associados – designados por Freud e Breuer como “*estados hipnóides*”²² – caracterizariam o fenômeno da histeria. Tais estados, portanto, são a base e a condição *sine qua non* da histeria. No entanto, apesar da aparente generalização em relação ao “estado hipnóide”, a histeria pode ser de “predisposição”, forma na qual esses estados são anteriores à manifestação da patologia, constituindo o solo a partir do qual o afeto não poderá ser abreagido e, portanto, permitindo a formação de uma lembrança patogênica com as conseqüentes manifestações somáticas do quadro; ou ainda, “psiquicamente adquirida”, na qual um “trauma grave” acarretaria “uma supressão trabalhosa”, situada na origem da “divisão expulsiva de grupos de representação”.

Na quarta seção da “Comunicação preliminar”, os autores retomam a descrição de Charcot sobre o ataque histérico, segundo a qual este se define pela presença de quatro distintas fases. A partir do exame do que caracterizaria a terceira dessas fases, a das *attitudes passionnelles*, ou fase alucinatória, durante a qual se apresenta uma reprodução alucinatória – a lembrança do trauma, de uma série de “traumas parciais” ou, ainda, daqueles fatos que devem sua importância ao momento de sua ocorrência, ou seja, aos “estados hipnóides” –, Freud e Breuer constatam que mesmo na ausência desse tipo de ataque, tal como acontece naqueles que consistem

²² Nesse texto, a idéia sobre o papel do “estado hipnóide” é assumida pelos dois autores. No entanto, estrito senso, ela foi defendida unicamente por Breuer, como o próprio Freud indicaria na *História do Movimento Psicanalítico* [cf. STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. XIV, p. 7 e ss.].

exclusivamente em fenômenos motores, há também a lembrança de um trauma psíquico ou de uma série de traumas. Nos ataques histéricos, as lembranças correspondem a traumas psíquicos que não foram ab-reagidos ou sofreram um trabalho associativo. Tal como os traumas psíquicos, as lembranças que emergem no ataque histérico se subtraem, total ou parcialmente, à consciência normal, pertencendo assim “*ao conteúdo de representação de estados de consciência hipnóide com associação restrita*”²³. Segundo os autores, ao se produzir no tratamento hipnótico a reação e a retificação associativa de uma lembrança que se caracterize por esses traços, ela é impedida de continuar “atuando”. Desse modo, o método visaria cancelar a ação da representação não ab-reagida.

Ao finalizar os comentários sobre esse texto, é necessário introduzir alguns elementos para uma análise da noção de causa (*Ursache*). Freud parte da postulação de algumas condições consideradas normais de reação adequada para a “descarga” ou “desgaste” dos afetos que se agregam às recordações. Para ele,

*o que sobretudo importa é se frente ao sucesso afectante se reagiu energicamente ou não. Por reação entendemos aqui toda a série de reflexos voluntários ou involuntários em que, segundo sabemos por experiência, se descarregam os afetos: desde o pranto até a vingança*²⁴.

²³ FREUD, S. In: STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. II, p. 40; idem, in: FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. I, p. 94.

²⁴ Idem, in: STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. II, p. 34; idem, in: FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. I, p. 87.

Freud admite que a linguagem como um todo fornece também os meios de descarga evocados. É justamente com base nessa pressuposição que as experiências vividas sob a forma de uma “idéia inaceitável” ou inseridas num “estado hipnóide” podem de fato causar os efeitos patológicos. Assim, o evento que funciona como causa articula-se ao efeito: uma experiência vivida não pode se tornar patológica senão em razão do fato de que lhe é negado o modo normal de desgaste efetivo.

Nesse sentido, a tensão que parece se apresentar é aquela existente entre o que é postulado no modelo teórico – a necessidade de ab-reação dos afetos que Strachey trata como prelúdio do “princípio de constância” – e a tese de Freud que apreende a experiência vivida como incompatível, apresentando assim um fator psíquico não equiparável a um princípio que funciona num registro que, em última instância, pode ser reduzido a um princípio neurológico, ou melhor, que é produzido exclusivamente a partir dos parâmetros de explicações neurológicas.

Fatores sexuais na etiologia da histeria

Dois anos separam a “Comunicação preliminar”, texto escrito em conjunto com Breuer e finalizado em dezembro de 1892, e a última seção dos “Estudos”, concluída por Freud em março de 1895. Embora Freud afirme continuar fiel ao conteúdo do primeiro, é bastante clara a reorientação de algumas das concepções presentes naquele texto.

No que se refere à hipnose, por exemplo, ele afirma que o desenvolvimento das investigações sobre os fenômenos histéricos levou à

constatação de que ela não alcança igual sucesso em todas as pessoas que apresentam sintomas histéricos, nas quais, no entanto, muito provavelmente encontra-se o mesmo mecanismo psíquico revelado como característico da histeria na “Comunicação preliminar”. Tal constatação impõe a necessidade da investigação sobre a natureza da patologia histérica e sua conseqüente delimitação com relação às neuroses em geral.

A construção da crítica de Freud é precisa. Antes de tudo, Freud releva o fracasso do emprego do “método de Breuer” em casos inequívocos de histeria e a conseqüente impossibilidade de sustentar a tese segundo a qual o método teria revelado um mecanismo psíquico patognomônico da histeria. Em tal contexto, seria também impossível estender a validade desse mecanismo a todas as neuroses. Frente a esse impasse, a solução metodológica encontrada por Freud foi tratar todas as neuroses da mesma forma que a histeria, ou seja, *“investigar a etiologia e a natureza do mecanismo psíquico em cada caso e deixar na dependência do resultado dessa investigação a decisão sobre a justificativa do diagnóstico”*²⁵.

O primeiro resultado das investigações sobre a etiologia e os mecanismos das “neuroses em geral” refere-se à importância etiológica dos fatores sexuais: *“na medida em que se possa falar em causas determinantes que levam à aquisição de neuroses, sua etiologia deve ser buscada em fatores sexuais”*²⁶. A essa formulação, segue-se a descoberta de que universalmente diferentes *fatores sexuais* produzem diferentes distúrbios neuróticos. Assim, na medida em que essa relação se confirma, passa a ser

²⁵ Idem, in: STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. II, pp. 264-5; idem, in: FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. I, p. 254.

²⁶ Idem, in: STRACHEY, J. (org.), op. cit., Vol. II, p. 265; idem, in: FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. I, p. 254-55.

possível o emprego da própria etiologia na caracterização das neuroses e distinção de seus respectivos quadros clínicos.

Com base nessas considerações sobre a etiologia das neuroses, estabelece-se a diferenciação entre neurastenia, neurose obsessiva e neurose de angústia. Na primeira delas, nenhum papel seria desempenhado por um “mecanismo psíquico”; enquanto a neurose obsessiva, dotada de um complexo mecanismo psíquico, teria uma etiologia semelhante à da histeria e uma ampla possibilidade de ser reduzida através da psicoterapia e, por fim, a neurose de angústia decorreria de um acúmulo de tensão física de origem sexual. Também a neurose de angústia se caracterizaria, tal como a neurastenia, pela ausência de um mecanismo psíquico, bem como por sua influência na vida mental, de tal forma que tanto a expectativa ansiosa como as fobias e hiperestésias às dores se encontrariam entre suas manifestações regulares.

A partir dos quadros simples de neurastenia, neurose de angústia e neurose obsessiva que, conhecidos em sua “forma pura”, podem ser também doravante investigados em suas formas mistas, Freud passa ao exame da histeria. Tal como a neurose obsessiva, a histeria se apresenta muito freqüentemente combinada à neurose de angústia, ocorrendo raramente em sua “forma pura”. A histeria, segundo a definição de Freud nesse texto, “não é uma entidade clínica independente”.

Sua ocorrência invariavelmente ligada à neurose de angústia, definida por uma etiologia sexual, faz da histeria também uma neurose ligada à sexualidade. Nesse ponto, há um grande distanciamento das idéias de

Charcot com relação ao papel da sexualidade. Para este, a ligação da histeria a esse tema seria considerada um insulto.

Entre 1893 e 1895: “representação incompatível” e “vida sexual”

Depois de “Comunicação preliminar”, de 1893, se segue a publicação de um bom número de trabalhos centrados nos problemas relativos às neuroses. Assim, o intervalo, relativamente curto, que separa o texto escrito em conjunto com Breuer e o último dos artigos que compõem os “Estudos”, referidos acima, é marcado por uma intensa produção intelectual. A análise dos textos desse período esclarece, por exemplo, a distância aparentemente paradoxal entre os dois artigos dos “Estudos”. No primeiro deles, não há nenhuma menção aos fatores sexuais na etiologia da histeria e o segundo, de certa maneira, se organiza em torno desse diferencial.

O primeiro artigo²⁷ a ser publicado nesse período tem por tema de investigação as neuropsicoses de defesa. Intitulado “Die Abwehr-Neuropsychosen – Versuch einer psychologischen Theorie der akquirierten Hysterie, vieler Phobien und Zwangsvorstellungen und gewisser halluzinatorischer Psychosen” (As neuropsicoses de defesa – Ensaio sobre a teoria psicológica da histeria adquirida, fobias e representações obsessivas, e certas psicoses alucinatórias)²⁸.

²⁷ Esse artigo foi publicado pela primeira vez em maio de 1894, in *Neurologisches Zentralblatt*.

²⁸ FREUD, S. In: STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. III, p. 41; idem, in: FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. I, p. 57.

Na primeira seção desse texto, Freud introduz uma modificação na teoria da neurose histérica. Trata-se da concepção da origem e do papel da “divisão da consciência” presente no complexo sintomático da histeria. A crítica se dirige fundamentalmente a Janet, para quem a “divisão da consciência” é um traço primário da alteração histérica.

Inicialmente, Freud contrapõe à teoria de Janet a concepção sustentada por Breuer na “Comunicação”, sobre a importância dos “estados hipnóides”, base e condição da histeria, e da “divisão da consciência” como um fenômeno secundário. Para Breuer, essa divisão seria um fenômeno *“produzido em virtude do fato das representações afloradas durante estes estados [os hipnóides] estarem segregadas do comércio associativo com o conteúdo restante da consciência”*²⁹.

Além da impossibilidade de interpretar a “divisão da consciência” como um fenômeno primário na “histeria hipnóide”, Freud dá prosseguimento à crítica a Janet, distanciando-se também da concepção de Breuer. Descreve outras formas de histeria, nas quais a “divisão do conteúdo da consciência” é o resultado de um “ato voluntário do enfermo” ou não desempenha papel importante.

Nessa última, denominada histeria de retenção pura, encontram-se os casos em que “se interceptou a reação frente ao estímulo traumático e que logo serão tramitados e curados por ab-reação” e, nesse sentido, o papel desempenhado pela “divisão da consciência” é praticamente nulo.

Nesse texto, Freud se dedicará às questões relativas à “histeria de defesa”, separando-a da “histeria hipnóide” e da “histeria de retenção”. A

²⁹ Idem, S. in: STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. III, p. 48; idem, in: FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. I, p. 60.

“histeria de defesa” é provisoriamente também designada por ele como “histeria adquirida”, pois não se trata da presença de uma “tara” (*Belastung*) hereditária grave ou mesmo de uma atrofia degenerativa em sentido estrito.

Nos casos analisados por Freud, a patologia só encontra lugar a partir da presença para o ego de “um caso de inconciliabilidade em sua vida de representações”. É necessário que uma vivência, uma representação ou mesmo uma sensação desperte um afeto penoso, o qual leva o indivíduo a decidir-se por esquecer a representação, considerando-se incapaz de resolver a contradição entre a “representação incompatível” (*unverträgliche Vorstellung*) e o ego.

As “representações incompatíveis” que mobilizam o trabalho defensivo do ego estão vinculadas, ainda que restritamente, de maneira bastante clara nesse texto às “vivências ou sensações sexuais”. Assim, por exemplo, nas pessoas do sexo feminino, escreve Freud, essas “representações” nascem nesse solo e as pessoas afetadas lembram-se de seu “empenho defensivo” em relação a elas. O fracasso do “empenho voluntário” está na origem de reações patológicas que provocaram histeria, representação obsessiva ou psicose alucinatória, fenômenos relacionados à “divisão da consciência”, que indicam a existência de uma “predisposição patológica”, a qual não se confunde com uma “degeneração pessoal ou hereditária”.

Descreve-se que a gênese do sintoma neurótico tem seu ponto de partida no fracasso do “ego defensor”, que teria se imposto a tarefa de negar o “evento causador” da “representação incompatível”. Tarefa nesse sentido insolúvel, pois a lembrança e o afeto aderido à representação não podem ser

extirpados. A partir desse ponto, os processos na histeria, fobias e representações obsessivas se distinguem: na histeria, ocorre a “conversão”, processo através do qual se dá uma transposição (*umsetzen*) da “soma de excitação” ao corpo. Em lugar da “divisão da consciência”, como sustentava Janet, Freud define como o fator característico da histeria a “aptidão para a conversão”. Na capacidade psicofísica de transportar grandes somas de excitação à inervação corporal, também em oposição a Janet e sua hipótese sobre a “degeneração”, Freud localiza parte importante da predisposição histórica. Ao explicitar o vínculo entre a “conversão” e a “divisão histórica da consciência”, Freud desloca a importância desta na gênese dos fenômenos históricos. Ao fazer esse movimento Freud e Breuer, com a hipótese dos “estados hipnóides”, se contrapõem às concepções de Janet sobre o papel da “divisão da consciência” e a hipótese da “degeneração”.

No caso das representações obsessivas e fobias, a capacidade à conversão característica da histeria está ausente. O mecanismo psíquico destas será o “deslocamento do afeto”. A defesa produz o divórcio entre a representação incompatível e seu afeto, que permanece no “âmbito psíquico”. A teoria psicológica das representações obsessivas e fobias é apresentada em termos gerais da seguinte maneira: a representação, em função do “divórcio” acima descrito, está segregada de toda associação na consciência, mas seu afeto “liberado” adere a outras representações, não inconciliáveis, que, em virtude desse “falso enlace”, se tornam representações obsessivas.

Freud encontra na “vida sexual” de seus pacientes, em todos os casos por ele analisados, um afeto penoso da mesma índole daquele

endossado à representação obsessiva. Sem descartar a possibilidade desse afeto nascer em outro âmbito, Freud assinala que até esse momento não se deparou com uma outra origem do afeto. A favor dessa consideração, acrescenta a relativa facilidade com que somos levados a aceitar que a “vida sexual” se apresenta como um campo favorável à emergência de “representações incompatíveis”.

A vida sexual, vinculada à defesa, começa a desempenhar um papel na construção da teoria freudiana. Assim, por exemplo, com relação à histeria, objeto de investigação do primeiro dos ensaios sobre as neuropsicoses de defesa, Freud estabelece que a origem das “representações incompatíveis”, no caso das pessoas de sexo feminino, se encontra no “vivenciar e sentir sexuais”. O modo como a defesa se efetiva contra essas representações define as diferentes patologias. No caso das representações obsessivas e fobias, é também a vida sexual que fornece o conteúdo das “representações incompatíveis”, que serão segregadas do afeto que as acompanha. No entanto, a incidência preponderante da defesa sobre a sexualidade não é problematizada neste texto.

A defesa na histeria, nas representações obsessivas e nas fobias é mobilizada pela “representação incompatível” e se realiza através do divórcio entre ela e seu afeto, de tal modo que a representação, enfraquecida e isolada, permanece na consciência. No entanto, na psicose, qualificada como “confusão alucinatória”, a defesa se dá de uma maneira muito mais enérgica: o ego rejeita (*verwerfen*) a “representação incompatível” e se comporta como se esta e seu afeto não tivessem ocorrido.

Depois de descrever as três diferentes formas da defesa e as conseqüentes patologias a elas correspondentes, Freud ressalva o fato de elas se apresentarem simultaneamente com muita freqüência, ocorrência comum no que se refere às fobias e aos sintomas histéricos, levando à necessidade de postular a existência de “neuroses mistas”.

Obsessões e fobias

Em janeiro de 1895, Freud publica um artigo intitulado “Obsessions et phobies. Leur mécanisme psychique et leur étiologie” (Obsessões e fobias. Seu mecanismo psíquico e sua etiologia)³⁰. Na primeira parte desse texto, ele retoma as idéias já apresentadas no trabalho sobre as neuropsicoses de defesa, se dedicando, posteriormente, à descrição das fobias³¹.

Tanto as obsessões quanto as fobias não pertencem à neurastenia e independem de uma degeneração mental. A obsessão se caracteriza pela presença de “uma idéia que se impõe ao enfermo” e “um estado emotivo a ela associado”, que pode ser tanto a ansiedade como a dúvida, o remorso ou a cólera. O mecanismo psicológico das “verdadeiras obsessões” é marcado pela permanência do estado emotivo (este se eterniza), enquanto a “idéia obsessiva original” é “substituída”. Essas “idéias substituídas” têm no entanto um ponto em comum: elas correspondem a impressões penosas da

³⁰ Idem, in: STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. III, p. 69; idem, in: FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd.1, p. 345. Uma tradução alemã desse artigo, escrito originalmente em francês, foi publicada in *Wiener Klinische Rundschau*, em 1895.

³¹ O presente artigo é um dos três textos redigidos por Freud, em francês, nos primeiros anos da década de 1890: “Quelques Considérations pour une Étude Comparative des Paralysies Motrices Organiques et Hystériques” (1893) e “L’Hérédité et Étiologie des Névroses” (1896).

vida sexual do indivíduo. O caráter absurdo das obsessões explica-se pela *mésalliance* entre um “estado emotivo” e uma idéia a ele associada, substituta da “idéia incompatível”.

Já as fobias se caracterizariam por um distinto mecanismo psíquico: não se trata de substituição da “idéia incompatível” e não se encontra outro estado emotivo além do ansioso (*anxieux*), que elege as idéias aptas a tornarem-se objeto de fobias. A angústia (*l'angoisse*) dos estados emotivos, que se encontra no fundamento das fobias, caracteriza uma forma diferenciada de neurose, a “neurose ansiosa” (*la névrose anxieuse*), cujo sintoma principal é esse estado emotivo. As fobias seriam então parte da “neurose ansiosa”³², uma manifestação psíquica desta. Também esta última é de “origem sexual” e sua etiologia específica é a acumulação da tensão sexual³³.

Neurose de angústia e neurastenia

A necessidade, já assinalada no artigo sobre as obsessões e fobias, de diferenciar a neurose de angústia da neurastenia será o objeto de um outro texto de Freud. Publicado em 1895 e intitulado “Über die Berechtigung, von der Neurasthenie einen bestimmten Symptomenkomplex als Ängstneurose abzutrennen” (Sobre a justificativa de separar da neurastenia uma determinada síndrome intitulada “neurose de angústia”)³⁴, esse texto é

³² Nesse texto, Freud empregou as palavras *angoisse* e *anxiété* como sinônimos de *Angst*.

³³ FREUD, S. In: STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. III, p. 82; idem, in: FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. I, p. 352.

³⁴ Idem, in: STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. III, p. 85; idem, in: FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. I, p. 315. Esse artigo foi publicado duas semanas antes de “Obsessions et phobies”. No entanto, neste último, Freud se refere ao texto sobre a neurose de angústia como sendo de redação posterior.

precedido por vários outros que, sob a forma de manuscritos, foram enviados a Wilhelm Fliess, em especial o “Manuscrito B” que, em muitos aspectos, antecipa alguns dos elementos fundamentais ao trabalho sobre a neurose de angústia. Ainda que a necessidade de separação entre a neurastenia e a neurose de angústia esteja explicitada, não há indícios de uma “etiologia mais profunda” sobre esta última. Nesse artigo trata-se da investigação dessa etiologia, definida pela “acumulação de excitação sexual frustrada, que não encontra descarga”.

Essa etiologia, segundo nota introdutória de Strachey a esse artigo, estaria presente, de maneira mais clara do que no presente texto, no “Manuscrito E” e no “Manuscrito G”, nos quais Freud teria exposto suas idéias sobre o mecanismo do processo sexual na etiologia das neuroses, esclarecendo alguns dos pontos que permanecem obscuros no seu artigo de 1895 sobre a neurose de angústia. Ao escrever esses trabalhos, estaria ocupado em expressar os dados da Psicologia em termos neurológicos, momento marcado essencialmente pela produção do *Projeto*, obra na qual teria pretendido levar às últimas conseqüências a intenção de inscrever suas investigações em termos neurológicos.

Essa tentativa de inscrição de suas investigações em termos neurológicos está também presente na concepção inicial de Freud sobre o sexual. Em outros termos, o raciocínio causal será determinante não só no modo como Freud procura transcrever os processos psíquicos em termos energéticos, mas também na própria apreensão do fenômeno patológico. A “vida sexual”, no interior desse raciocínio, define-se como *causa* dos

fenômenos patológicos. Na neurose de angústia, por exemplo, essa concepção é explícita: “a vida sexual” é “causa específica” da neurose.

Nesse sentido, o desenvolvimento da segunda seção do artigo sobre neurastenia e neurose de angústia é exemplar. Em seus traços gerais, a construção é a seguinte: a etiologia da neurose “adquirida” é estabelecida a partir de fatores que partem da vida sexual (*Sexualleben*), os quais se encontram sozinhos ou são também acompanhados de outros “influxos nocivos banais”, aos quais é atribuído o efeito de reforço. Desse modo, as condições etiológicas sob as quais se produz a neurose de angústia são *todas* estabelecidas pela “vida sexual”.

Assim, nas pessoas do sexo feminino, a neurose de angústia sobrevém nos seguintes casos: a) como angústia virginal ou angústia das adolescentes; b) como angústia das recém-casadas; c) como angústia das senhoras cujo marido mostra *ejaculatio praecox* ou uma potência minorada; d) cujo marido pratica *coitus interruptus ou reservatus*; e) como angústia das viúvas e abstinentes voluntárias; f) como angústia do climatério. Também nos homens, embora distintas das mulheres, as condições etiológicas são estabelecidas a partir da “vida sexual”, são elas as seguintes: a) angústia dos abstinentes voluntários; b) angústia dos homens com excitação frustrada; c) angústia dos homens que praticam o *coitus interruptus*; d) angústia dos homens na senescência. Ao finalizar a descrição dessas condições, Freud assinala que quando um fator não apresenta força suficiente para provocar por si uma neurose de angústia, ele predispõe à sua aquisição, mas essa ocorrência é determinada pelo acréscimo do efeito de “outro influxo nocivo banal”.

O mecanismo psíquico da neurose de angústia se caracterizaria pelo desvio da excitação sexual somática do plano psíquico. A partir do momento em que essa excitação pode exteriorizar-se como estímulo psíquico, a “representação sexual” será dotada de energia, gerando um estado de “tensão libidinal” que leva ao esforço de retirar essa tensão, possível através do que Freud designa por “ação específica ou adequada”. Os fenômenos da neurose de angústia seriam portanto produzidos pelo desvio da excitação sexual somática, gasta subcorticalmente, em reações de nenhum modo adequadas³⁵. Assim, ainda que a “vida sexual” esteja presente como fator etiológico da neurose de angústia, o mecanismo que lhe é próprio está determinado pelos processos quantitativos presentes na excitação somática.

Resposta às críticas de Löwenfeld

Após esse primeiro artigo sobre a neurose de angústia, Freud publica um novo texto, ainda em 1895, como resposta aos problemas colocados por Löwenfeld, em relação ao primeiro. Intitulado “Zur Kritik der 'Angstneurose'” (A propósito das críticas à “neurose de angústia”)³⁶, esse trabalho apresenta, como foco de interesse, uma análise detalhada das relações entre as diferentes causas que atuam na gênese das neuroses, designada por Freud como “*equação etiológica*”³⁷.

³⁵ Idem, in: STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. III, p. 109; idem, in: FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. I, p. 336.

³⁶ Idem, in: STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. III, p. 117; idem, in: FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. I, p. 357.

³⁷ Essa questão já havia sido esboçada no “Manuscrito B”, datado de 08 de fevereiro de 1893, e será novamente trabalhada em “L'hérédité et l'étiologie des névroses” (1896), “Meine Ansichtn über die Rolle

De resto, ele sustenta a tese, já explícita em seu texto anterior, sobre a importância do papel desempenhado pelos fatores sexuais na etiologia das neuroses (ao menos nos casos de neurose adquirida e formas desta), e presente na seguinte afirmação: “a etiologia das neuroses reside na sexualidade”³⁸. Freud retoma também a tese sobre a existência de causas específicas de neuroses singulares, marcada pela concepção de vínculos particulares entre certas noxas³⁹ sexuais e determinadas neuroses⁴⁰.

A partir desses elementos, sintetiza ambas as teses numa “fórmula breve” que pretende abarcar, apoiando-se na sua concepção do processo sexual, a particularidade das noxas sexuais constitutivas da etiologia da neurose de angústia. Sua tese é expressa da seguinte maneira: “*produz neurose de angústia tudo quanto afaste do psíquico a tensão sexual somática, tudo que perturbe o processamento psíquico dela*”⁴¹. A impossibilidade de uma ação específica ou adequada capaz de aliviar a tensão gerada é causada, no caso da neurose de angústia, por fatores etiológicos específicos. É assim que, ao remontar às relações concretas nas quais tal fator cobra vigência, Freud cita aqueles apontados em seu trabalho anterior, ou seja, “a abstinência sexual, voluntária ou involuntária, um

der Sexualität in der Ätiologie der Neurosen” (1906) e “Die zukünftigen Chancen der psychoanalytischen” (1910). A partir desse momento, “essa questão irá se diluindo para ser absorvida pelo entrelaçamento dos caracteres hereditários e adquiridos – os dois conjuntos fundamentais de fatores determinantes das neuroses –, culminando com a introdução do conceito de séries complementares”. [cf. STRACHEY (org.), op. cit., vol. III, p. 120].

³⁸ FREUD, S., in: STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. III, p. 123; idem, in: FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. I, p. 358. Essa é a primeira vez que a palavra alemã *Sexualität* aparece incorporada diretamente ao texto de Freud. Antes dessa ocorrência, a palavra por ele utilizada fora sempre *Sexualleben*.

³⁹ Na acepção em questão no texto, “noxa” (*Noxe*) designa, conforme *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, “dano, mal (físico, psíquico ou moral); Pat. agente (externo ou interno) que exerce ação nociva no organismo como, p. ex., traumatismo, intoxicação etc.”. A edição da Imago opta por traduzir *Noxes* por “fatores nocivos” e a Amorrortu, orientação adotada neste trabalho, por “noxas”.

⁴⁰ Idem, in: STRACHEY, J. (org.), op. cit., voll. III, p. 124; idem, in: FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. I, p. 358.

*comércio sexual com satisfação insuficiente, o coitus interruptus, o desvio do interesse psíquico pela sexualidade, etc.”*⁴². Em suma, esses são os fatores etiológicos específicos da chamada neurose de angústia presentes na vida sexual dos indivíduos afetados por tal patologia. No entanto, o que Freud designa como “vida sexual” parece significar antes a condução e as condições da prática sexual, noção mais restrita do que a de sexualidade que se estenderá, posteriormente, à própria constituição do psiquismo humano.

Segundo Freud, Löwenfeld capta o essencial de seu trabalho ao atribuir-lhe a sustentação da tese de que os “*sintomas de angústia têm uma etiologia específica e unitária de natureza sexual*”⁴³. Em sua opinião, a crítica incide sobre aspectos da teoria que não foram devidamente explicitados no texto anterior. Assim, a análise da argumentação de Löwenfeld dá lugar a uma detalhada exposição dos elementos que a compõem. Sua resposta organiza-se em torno da explicitação dos conceitos etiológicos: a partir da exposição das relações etiológicas determinantes da patologia das neuroses, apresenta os elementos que constituem uma espécie de “sistema causal”, denominado “equação etiológica”, através do qual os fenômenos patológicos são nesse momento pensados.

A primeira das críticas de Löwenfeld refere-se à tese freudiana da ausência de derivação psíquica na neurose de angústia. Segundo ela, a angústia que constitui o núcleo dessa neurose não seria adquirida por um

⁴¹ Idem, *Ibidem*.

⁴² Idem, *Ibidem*.

⁴³ A respeito da etiologia sexual das neuroses, Freud assinala o seguinte: “sei muito bem que com a etiologia sexual das neuroses não produzi nada novo, na bibliografia médica nunca faltaram correntes subterrâneas que tomaram conhecimento destes fatos, e ainda a medicina oficial das academias teve notícia deles. Só que esta última fez como se nada soubesse, não deu emprego algum a essa notícia, não extraiu dela nenhuma conclusão”. [STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. III, p. 124; FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. I, p. 359].

afeto de terror psicologicamente justificado. A essa afirmação, Löwenfeld contrapõe que, em um certo número de casos, a angústia aparece depois de um choque psíquico e, em alguns destes, a contribuição de fatores sexuais nocivos se apresenta como pouco provável. Freud responde a essa objeção, distinguindo entre duas “classes” de fatores etiológicos: os fatores etiológicos “banais”, que se encontram nos mais diversos estados patológicos (emoção, medo e terror são fatores desse tipo) e os fatores etiológicos específicos, necessários à manifestação da patologia. Freud assinala que não se deve tomar a “última causa desencadeante” (*die letzte auslösende Ursache*) como *causa efficiens*. Somente a partir da ausência do fator específico seria plausível uma crítica à sua argumentação, ou seja, somente uma “*vita sexualis* normal” demonstraria a precariedade da significação atribuída por Freud aos fatores banais na determinação das patologias.

O argumento seguinte de Löwenfeld remete à existência de estados de angústia que se alteram sem que alteração semelhante tenha ocorrido na vida sexual do enfermo⁴⁴. Com isso, a etiologia específica da neurose de angústia é por ele, mais uma vez, posta em questão. Contra essa objeção, Freud assinala o aspecto quantitativo do fator etiológico: para que o efeito se manifeste é necessária uma certa “soma desta quantidade”. Durante o período em que a etiologia específica está “trabalhando”, a pessoa encontra-se predisposta a contrair determinada afecção e, no caso dessa medida não ser alcançada apenas sob a influência do fator específico, pode ocorrer que uma “*quantidade da noxa específica possa ser substituída por*

⁴⁴ Freud, S. In: STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. III, p. 131; idem, in: FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. I, p. 367.

um montante de nocividade banal”⁴⁵. Freud retoma as “fórmulas etiológicas” já apresentadas no primeiro texto: o fator etiológico específico não pode ser qualitativamente substituído por influxos nocivos banais, ainda que possa ser quantitativamente substituído, é ele que determina a forma da neurose⁴⁶. Ao finalizar, Freud assinala que, “*regra geral, as neuroses estão sobredeterminadas, ou seja, em sua etiologia se conjugam vários fatores*”⁴⁷.

O terceiro grupo de críticas refere-se àqueles aspectos da teoria que o próprio Freud julgou insuficientemente esclarecidos por ele. A primeira das objeções de Löwenfeld diz respeito à questão do “armazenamento da excitação somática”. Segundo esse autor, se a neurose de angústia se definisse, como sustenta Freud, pela “*acumulação subcortical da excitação sexual somática e um emprego anormal desta*”⁴⁸, ao contrário do que demonstra a experiência cotidiana, as pessoas acometidas por neurose de angústia, desde que não haja qualquer alteração na sua vida sexual, sofreriam periodicamente ataques de angústia. Para Löwenfeld, não só esses ataques periódicos estão ausentes como também se observa que os estados de angústia somente sobrevêm em determinadas situações, e quando estas são evitadas ou controladas, independentemente da vida sexual do paciente, os estados de angústia não ocorrem.

⁴⁵ Idem, in: STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. III, p. 130; idem, in: FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. I, p. 367.

⁴⁶ Idem, in: STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. III, p. 131; idem, in: FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. I, p. 367.

⁴⁷ Idem, Ibidem.

⁴⁸ Idem, in: STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. III, p. 131; idem, in: FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. I, p. 368.

À primeira das críticas desse grupo, Freud responderá assinalando a especificidade das relações entre a produção de excitação sexual e seu gasto e, muito embora essas relações ainda não possam ser deduzidas da teoria sobre o “armazenamento da excitação sexual somática”, essa especificidade deve por si evitar conclusões que sua teoria não autoriza estabelecer, como por exemplo, a de que com o “*armazenamento da excitação sexual somática deveria suceder o mesmo que ocorre com a acumulação de estímulo na convulsão epiléptica*”⁴⁹.

Com relação à objeção ao caráter restrito da abordagem exclusiva da angústia nas fobias, Freud argumenta que nestas a angústia obedece a condições diferentes daquelas próprias aos ataques simplesmente somáticos: a manifestação da angústia nas fobias é condicionada pelo “despertar” do conteúdo psíquico ligado a ela e, nesse caso, é “desprendida” de maneira semelhante ao processo presente na tensão sexual ao mobilizar representações libidinais. E, ainda que o vínculo desse processo com a teoria da neurose de angústia não esteja suficientemente claro, o essencial, ressalta Freud, reside no fato da fobia não ser produzida com uma “*vita sexualis normal*”. Nesse sentido, portanto, somente a existência de fobias na presença de uma vida sexual normal, ou de uma “*perturbação desta última não determinada especificamente*”⁵⁰, poderia refutar sua teoria.

O último grupo de críticas remete ao papel da herança na etiologia da neurose de angústia: para Löwenfeld, Freud conceberia a neurose “adquirida” como determinada pela presença de “*causas incidentais*”

⁴⁹ Idem, *ibidem*.

⁵⁰ Idem, in: STRACHEY, J. (org.), *op. cit.*, vol. III, p. 133; idem, in: FREUD, Anna et al. (eds.), *op. cit.*, Bd. I, p. 370.

(*Gelegenheitsursachen*)⁵¹. Esse aspecto recebe um extenso e detalhado tratamento por parte de Freud, no qual se dedica à exposição de certos elementos da teoria anteriormente não desenvolvidos. Trata-se, antes de tudo, de estabelecer os conceitos etiológicos, que permitem expor as complexas relações etiológicas que dominam a patologia das neuroses⁵².

Freud trabalha com os seguintes conceitos: a) *condição* (*Bedingung*), b) *causa específica* (*spezifische Ursache*), c) *causa concorrente* (*konkurrierende Ursache*), d) *ocasionamento*⁵³ ou *causa desencadeante* (*Veranlassung oder auslösende Ursache*). E ele os agrupa sob a representação de uma “equação etiológica”.

A “causa desencadeante” se define pelo seu caráter temporal, será a última a entrar na “equação”, precedendo imediatamente o efeito. Esse “fator temporal” é precisamente o essencial da “ocasião” (*Veranlassung*). Nesse sentido, qualquer das “causas heterogêneas” (*der andersartigen Ursachen*) pode desempenhar o papel de ocasião no caso singular.

O cumprimento da “equação etiológica” depende da presença das “condições” (*Bedingungen*): elas são os fatores dos quais depende a produção do efeito. No entanto, não importa qual seja sua magnitude, elas são insuficientes para produzi-lo sem a “causa específica”. Esta se define por sua presença na produção de todo e qualquer efeito e, desde que possua quantidade e intensidade adequadas – e sejam cumpridas as “condições” – são suficientes para ocasionar o efeito. As “causas concorrentes ou auxiliares” são concebidas como incapazes de gerar, seja qual for sua

⁵¹ Idem, *ibidem*..

⁵² Idem, in: STRACHEY, J. (org.), *op. cit.*, vol. III, p. 134; idem, in: FREUD, Anna et al. (eds.), *op. cit.*, Bd. I, p. 372.

⁵³ Cf. nota 15.

“escala de ação”, qualquer efeito por si. Por fim, Freud estabelece uma distinção entre “condições” e “causas específicas”: entre as “causas necessárias” existem aquelas que se caracterizariam pelo fato de serem encontradas numa determinada “fórmula etiológica” ou em poucas e são, por esse motivo, definidas como “causas específicas”. Além disso, estas se caracterizariam também como um “fator de recente ingerência”, em oposição às “condições” que possuem a *“característica de serem estados há muito tempo existentes e pouco suscetíveis à alteração”*⁵⁴.

Ao examinar em detalhe a “fórmula etiológica”, Freud discute sobretudo a questão da hereditariedade como condição da neurose de angústia, acentuando o caráter importante embora não “indispensável” desta. Trata-se antes de uma espécie de complementação entre a neurose de angústia e o fator específico: há um grupo de “casos limítrofes”, em que a hereditariedade está ausente ou depende de um acréscimo do “influxo nocivo sexual específico”; assim como, muito embora o fator sexual esteja presente na grande maioria dos casos como fator específico, numa série de casos congênitos não se separa da “condição da hereditariedade”, se cumpre com esta. Nesses casos, os enfermos trazem consigo, sob a forma de um “estigma”, uma “insuficiência psíquica para dominar a tensão sexual somática”, particularidade que possibilita em geral a manifestação da neurose de angústia.

Há outros em que a “causa específica” está contida numa “causa concorrente”. É o caso, por exemplo, da produção da “insuficiência psíquica” por esgotamento ou qualquer outro fator. Freud acentua portanto o

⁵⁴ FREUD, S. In: STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. III, p. 135; idem, in: FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. I, p. 373.

caráter interdependente entre a “disposição hereditária” e o “fator sexual específico”. Contudo, o papel relevante na compreensão da neurose é designado ao último, pois, a hereditariedade enquanto elemento etiológico é “apenas uma *condição* da neurose”. E a hereditariedade, enquanto tal, uma vez que a “condição” esteve sempre presente, não permite compreender a “emergência episódica” da neurose e nem mesmo, como consequência do tratamento, a interrupção desta.

Apesar do caráter conciliatório da crítica, Freud não atribui à “hereditariedade” papel equivalente àquele desempenhado pelo “fator sexual” enquanto “causa específica”. Apenas numa acepção muito precisa, como no exemplo dos casos congênitos, o hereditário é determinante. No entanto, mesmo nesse sentido, ele é apresentado como “*insuficiência psíquica para dominar a tensão sexual somática*”⁵⁵, marcado portanto pelo que constitui o “específico” da neurose de angústia, ou seja, a relação com a vida sexual. Em suma, a compreensão terapêutica e teórica da neurose de angústia centra-se na “causa específica” e o papel da hereditariedade em sua etiologia se subordina àquele desempenhado pela causa específica.

*A etiologia das neuroses em questão:
hereditariedade e vida sexual*

Em 1896, o tema da hereditariedade será novamente tratado no artigo publicado em francês com o título “L’hérédité et l’étiologie des

⁵⁵ Idem, in: STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. III, p. 136; idem, in: FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. I, p. 374.

névroses”⁵⁶. Nesse artigo, Freud se contrapõe frontalmente à teoria etiológica das neuroses proposta por Charcot, na qual a “herança nervosa” tem o papel de “causa verdadeira e indispensável” e os outros fatores etiológicos a função de “agentes provocadores”. Freud retoma os desenvolvimentos realizados em seus textos anteriores ao tratar da neurose de angústia e neuropsicoses de defesa, e esse trabalho resulta em uma sistematização dos anteriores. Seu interesse reside sobretudo no exame minucioso do tema da hereditariedade, abordado na resposta às críticas de Löwenfeld.

Trata-se do exame dos pressupostos da teoria charcotiana sobre a histeria que seguiriam orientando também, ainda que não explicitamente, a compreensão de outras neuroses. O desenvolvimento de tal crítica mobiliza uma série de argumentos, organizada, por Freud, da seguinte maneira: em primeiro lugar, o grande número de doenças que, embora estranhas à neuropatologia, são consideradas como demonstrativas de uma “tendência neuropática hereditária”. Em segundo, a existência de “transições e graus” na “predisposição nervosa”, com frequência analisada estritamente, ou seja, com base na pressuposição da existência de famílias indenes e de famílias sujeitas, sem limite ou restrição, à “predisposição nervosa”. Em terceiro, a necessidade de aceitar, em função da insuficiência dos diagnósticos retrospectivos realizados com familiares do enfermo, a possibilidade da existência das “neuropatias adquiridas” tanto quanto das “neuropatias hereditárias”. O quarto argumento remete à insuficiência da herança enquanto fator etiológico e, por último, a constatação da existência

⁵⁶ Idem, in: STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. III., p. 139; idem, in: FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. I, p. 405.

indubitável de certas neuropatias em indivíduos saudáveis, descendentes de famílias igualmente saudáveis.

No que diz respeito à especificidade da “herança similar” e “dissimilar”, os argumentos são os seguintes: com relação à primeira, não há muito a acrescentar, pois não ocorre qualquer outra “influência etiológica”; no entanto, a “herança dissimilar”, mais complexa do que a anterior, expõe as lacunas teóricas relativas ao papel da hereditariedade. Ela não esclarece, por exemplo, a possibilidade presente em alguns indivíduos de suportar a “carga hereditária”, enquanto outros membros da família sucumbem a esta; assim como não elucida a eleição de uma determinada afecção nervosa entre tantas outras que “constituem a grande família neuropática”.

As considerações sobre esse problema conduzem à formulação explícita da crítica ao papel etiológico atribuído à herança. Freud admite ser necessário

conceder que não é a herança que preside a eleição da neuropatia que se desenvolverá no membro de uma família predisposta, há lugar para supor a existência de outras influências etiológicas de natureza menos compreensível⁵⁷, que mereceriam o nome de etiologia específica de tal ou qual afecção nervosa⁵⁸.

Assim, como consequência dessas observações, a segunda seção do artigo ocupa-se do exame das “causas específicas e determinantes” na

⁵⁷ Na publicação original de 1896, o termo é *compréhensible*. No entanto, nas edições posteriores, este será substituído por *incompréhensible*. Somente a partir de 1952, as edições voltam a utilizar o termo original [cf. nota introdutória de Strachey ao texto; STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. III, p. 145].

etiologia das neuropatias. Seu conhecimento constituiria um acesso que a “disposição hereditária”, na medida em que permanece fixada desde o nascimento, obstaculiza.

A equação etiológica, já descrita na resposta a Löwenfeld, é também retomada nesse texto. Embora a importância das quantidades relativas dos influxos etiológicos já tenha sido assinalada, Freud, com relação a esse aspecto, acrescenta que a herança e as causas específicas podem ser “substituídas” (*remplacer*): “o mesmo efeito patológico será produzido pela concorrência de uma etiologia específica muito grave com uma disposição medíocre, ou de uma carregada herança nervosa com uma influência específica leve”⁵⁹. Característica também conferida às causas concorrentes, as quais, no entanto, mesmo do ponto de vista quantitativo, nunca poderão substituir completamente as causas específicas.

Certos pressupostos concernentes à nosografia das neuroses, também presentes em trabalhos anteriores, são aqui mais uma vez afirmados. Em primeiro lugar, a inovação de situar a “neurose obsessiva” junto à histeria, pois, naquele momento, as obsessões encontravam-se classificadas entre “as síndromes constitutivas da degeneração mental ou confundidas com a neurastenia”⁶⁰. Desse ponto de vista, histeria e “neurose obsessiva” (*Zwangsneurose*) constituem o primeiro grupo das *grandes neuroses*; o segundo grupo é formado pela “neurastenia de Beard”, decomposta por Freud em “dois estados funcionais, separados tanto pela etiologia quanto

⁵⁸ FREUD, S. In: STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. III, p. 145; idem, in: FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. I, p. 410.

⁵⁹ Idem, in: STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. III, p. 147; idem, in: FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. I, p. 412.

⁶⁰ Idem, in: STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. III, p. 146; idem, in: FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. I, p. 411.

pelo aspecto sintomático”⁶¹, denominados “neurastenia” e “neurose de angústia”.

Como visto, Freud sintetiza os aspectos mais importantes da teoria, explicitando as concepções sobre nosografia e etiologia das neuroses por ele elaboradas, contrapondo-se às idéias de Charcot. O eixo organizador do trabalho se constitui em torno da crítica do papel conferido à hereditariedade como “causa verdadeira e indispensável”: tratava-se de afastar a importância excessiva da herança e legitimar as causas específicas como determinantes da patologia.

Assinalado desde o início, o interesse deste texto reside na detalhada investigação das questões relativas à determinação das “causas específicas” e à possibilidade de comprovar uma relação etiológica constante entre uma causa e seu efeito patológico, delimitando dessa maneira uma etiologia particular a cada uma das “grandes neuroses”.

De fato, Freud sustenta a existência de uma etiologia particular a cada uma das “grandes neuroses”. Todas têm, escreve ele, como

*causa imediata uma perturbação particular da economia nervosa, e estas modificações patológicas funcionais reconhecem como fonte comum a vida sexual do indivíduo, seja uma desordem da vida sexual atual, seja alguns acontecimentos importantes da vida passada*⁶².

⁶¹ Idem, *ibidem*.

⁶² Idem, in: STRACHEY, J. (org.), *op. cit.*, vol. III, p. 149; idem, in: FREUD, Anna et al. (eds.), *op. cit.*, Bd. I, p. 414.

Desse modo, na “vida sexual”, ou na sua influência sobre a economia nervosa, Freud encontra a “causa específica” das neuroses e estabelece, a partir dessa causa, uma etiologia particular a cada uma delas, ao descobrir um “paralelismo regular” entre a natureza da influência sexual e a espécie mórbida da neurose.

Resta demonstrar essa tese e definir quais são as “causas específicas”, situadas, ainda de maneira vaga, na “vida sexual” do indivíduo. Pois bem, no que diz respeito à etiologia específica da *neurastenia propriamente dita*, Freud refere-se ao onanismo imoderado e às poluições espontâneas. No caso da *neurose neurastênica*, a ação desse tipo de “satisfação sexual perniciosa” é suficiente para que a neurose se manifeste futuramente sob a influência de uma “causa incidental acessória”. Também nos casos em que a herança desempenha papel preponderante e nos quais não se evidencia a etiologia específica, a “vida sexual” dos enfermos seria análoga àquela vivida pelos neurastênicos em consequência do onanismo.

A *neurose de angústia* se revela como o “efeito específico” de várias “desordens da vida sexual”, tais como “a abstinência forçada, a irritação genital frustrada (que não é acalmada pelo ato sexual), o coito imperfeito ou interrompido (que não culmina no gozo), os esforços sexuais que ultrapassam a capacidade psíquica do sujeito, etc.”⁶³. Desordens cujo traço comum reside no fato de alterarem o “*equilíbrio das funções psíquicas e somáticas nos atos sexuais, e [impedirem] a participação psíquica necessária para que a economia nervosa se livre da 'tensão genésica'*”⁶⁴.

⁶³ Idem, in: STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. III, p. 150; idem, in: FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., p. 416.

⁶⁴ Idem, ibidem.

Com relação ao segundo grupo das *grandes neuroses*, neurastenia e neurose de angústia, as causas específicas são designadas, respectivamente, por uma “satisfação sexual perniciosa” e por “desordens da vida sexual”. Nesse sentido, a patogênese de ambas “*pode prescindir da cooperação de uma disposição hereditária*”⁶⁵. No entanto, caso esse fator hereditário esteja presente, o desenvolvimento da neurose sofrerá sua influência.

A solução da questão etiológica, no que se refere ao primeiro grupo das “grandes neuroses”, *histeria e neurose obsessiva*, será, segundo Freud, de uma “simplicidade e uniformidade surpreendentes”. Em que consiste essa simplicidade e essa uniformidade? Em primeiro lugar, Freud declara que seus resultados se “*devem ao emprego de um novo método de psicanálise*”⁶⁶ [...] *para esclarecer as vias obscuras da ideação inconsciente*”⁶⁷. Procedimento que permitiu encontrar, na origem dos sintomas histéricos, um acontecimento da “vida sexual” do sujeito, acontecimento este capaz de produzir uma “emoção penosa”. Quando remonta “*ao passado do enfermo através do encadeamento dos sintomas, das lembranças e dos pensamentos despertados*”⁶⁸, Freud encontra, como ponto de partida de todo e qualquer caso submetido à análise, a “*ação de um agente ao qual é preciso aceitar como causa específica da histeria*”⁶⁹. Essa lembrança se refere sempre à “vida sexual” e se caracterizaria, em primeiro

⁶⁵ Idem, *ibidem*.

⁶⁶ Conforme nota introdutória de Strachey, essa é a primeira vez que o termo *psicanálise* é utilizado em uma obra publicada [cf. STRACHEY, J. (org.), *op. cit.*, vol. III, p. 416].

⁶⁷ FREUD, S. In: STRACHEY, J. (org.), *op. cit.*, vol. III, p. 151; idem, in: FREUD, Anna et al. (eds.), *op. cit.*, Bd. I, p. 416.

⁶⁸ Idem, in: STRACHEY, J. (org.), *op. cit.*, vol. III, p. 151; idem, in: FREUD, Anna et al. (eds.), *op. cit.*, p. 417.

⁶⁹ Idem, *ibidem*.

lugar, pelo fato de ser uma “*experiência sexual com irritação efetiva das partes genitais, resultado de um abuso sexual praticado por outra pessoa*”⁷⁰, e por ocorrer na “primeira infância”, até os oito ou dez anos de idade, antes portanto do período de maturidade sexual. Essa “experiência sexual” anterior à puberdade caracteriza a etiologia específica da histeria e da neurose obsessiva: no caso da histeria ela é vivida de forma passiva e, na neurose obsessiva, é acompanhada de prazer.

No entanto, resta explicar como um acontecimento tão precoce pode produzir um efeito duradouro, convertendo-se na “fonte” de uma anomalia psíquica, tal como a histeria ou a neurose obsessiva. A resposta é dada pela concepção de uma “ação póstuma” do “trauma sexual”: no momento de sua ocorrência na infância, a “irritação sexual” não produz qualquer efeito, mas permanece como um “traço psíquico inconsciente” que, com o advento da puberdade, passa a atuar mais intensamente do que o próprio acontecimento, ou seja, a “lembrança” se comporta como se fosse uma “ocorrência atual”. Portanto, na gênese da histeria e da neurose obsessiva encontra-se uma “vivência sexual”, cuja recordação na puberdade ultrapassa o acontecimento atual, delimitando uma espécie de “relação inversa” entre este e o efeito psíquico da lembrança⁷¹.

Ao assinalar a importância da psicanálise na determinação das idéias presentes no texto, Freud se contrapõe a qualquer outra teoria até então desenvolvida, referindo-se explicitamente a Janet e Charcot. Com relação ao

⁷⁰ Idem, *ibidem*.

⁷¹ Idem, in: STRACHEY, J. (org.), *op. cit.*, vol. III, p. 153; idem, in: FREUD, Anna et al. (eds.), *op. cit.*, p. 419.

segundo, a crítica é precisa: Charcot atribuía à “hereditariedade” o papel que ele pretende conferir à “*experiência sexual precoce*”⁷².

Assim, os acontecimentos posteriores à puberdade são “causas concorrentes” ou, como queria Charcot, “agentes provocadores”, mas não possuem influência determinante na patologia senão para despertar a lembrança inconsciente⁷³ do fato ocorrido na infância. Em função de sua conexão com a “impressão patogênica primária”, têm também por característica contribuir para o acréscimo de uma “atividade psíquica” que se subtrai à consciência.

Tal como a histeria, a neurose obsessiva, como visto, é determinada por uma “causa específica” de caráter sexual, ou seja, na origem da “neurose obsessiva” se encontra uma “experiência sexual precoce” que, como na primeira, ocorre antes do advento da puberdade. A distinção é estabelecida pela presença, na etiologia da histeria, de uma “vivência sexual” passiva, percebida com indiferença e, contrariamente a esta, pela presença, na “neurose obsessiva”, de um elemento ativo. Na neurose obsessiva, a “vivência sexual” é acompanhada de prazer: “*uma agressão sexual inspirada*

⁷² Na verdade, o papel da *hereditariedade*, como *condição* dos fenômenos patológicos, está sendo explicitamente esvaziado desde sua resposta a Löwenfeld. No entanto, no texto de 1896, Freud dá um segundo passo em relação ao estabelecimento da sexualidade como fator etiológico: se na resposta às críticas de Löwenfeld sobre a teoria da neurose de angústia ele tem sempre o cuidado de acentuar a importância da hereditariedade como condição, ainda que esta não seja de grande utilidade no esclarecimento da patologia, nesse artigo, a *experiência sexual precoce* de fato ocupa o lugar da *herança nervosa* de Charcot. Freud abandona paulatinamente o modelo no qual os fenômenos patológicos são pensados: todo esse esforço na construção de uma explicação, não sustentada por uma etiologia inteiramente centrada no papel desempenhado pela hereditariedade, resultou na produção de uma explicação em que o papel etiológico fundamental é designado à sexualidade.

⁷³ Nesse texto, o inconsciente parece não coincidir com o recaiado, pois a lembrança, nesse momento, não o foi. Tal processo somente seria possível depois dela ter produzido um efeito traumático, ou seja, aqui a lembrança é inconsciente porque não foi significada pela consciência como sexual, por ter ocorrido num período pré-sexual em que não pôde ser simbolizada como uma vivência sexual.

*pelo desejo (no caso do menino) ou de uma participação com gozo nas relações sexuais (no caso da menina)”*⁷⁴.

No entanto, essa distinção etiológica coloca o problema da presença precoce do desejo sexual. A questão se coloca nos seguintes termos: se a hereditariedade não é o fator etiológico determinante das neuroses, como explicar o desejo sexual presente na causa específica da obsessão. Considerando que nesse momento da obra não há qualquer referência à sexualidade infantil, será necessário conceber a emergência desta a partir de algo externo ao próprio sujeito. Em linhas gerais, a resposta freudiana consiste na afirmação de que a partir da ocorrência das agressões sexuais, é possível inferir a existência de uma sedução, da qual decorreria a precocidade do desejo. Em suas palavras: *“o fato mesmo de que tais agressões sexuais ocorram em idade tão tenra parece denunciar a influência de uma sedução anterior, da qual a precocidade do desejo sexual seria a consequência”*⁷⁵. Dessa maneira, o afastamento da hereditariedade e a relevância atribuída às causas específicas na etiologia das neuroses podem seguir seu caminho: a explicação para a presença do desejo sexual em idade precoce é formulada com base na hipótese da sedução⁷⁶.

No entanto, a relativa simplicidade, a que se referia Freud com relação ao primeiro grupo das grandes neuroses, é apenas aparente. Se as neuroses atuais, de fato, não colocam maiores problemas à teoria, pois a

⁷⁴ FREUD, S. In: STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. III, p. 154; idem, in: FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. I, p. 420.

⁷⁵ Idem, in: STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. III, p. 155; idem, in: FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., p. 421.

⁷⁶ A hipótese da sedução é mais extensamente explorada no texto a ser analisado a seguir, “Weitere Bemerkungen über die Abwehr-Neuropsychosen”. Esse artigo teria sido enviado por Freud no mesmo dia em que mandou o texto sobre “L’hérédité et l’étiologie des névroses”, que veio no entanto a ser publicado

causa da patologia, tanto na neurastenia como na neurose de angústia, reside numa disfunção sexual que impede a descarga adequada da tensão sexual; no que diz respeito à histeria e à neurose obsessiva, será necessário esclarecer alguns problemas.

Com relação ao problema implícito na discussão sobre a causa específica das neuropsicoses, ou seja, a emergência do sexual num período definido como pré-sexual, a resposta está anunciada na indicação da hipótese da sedução. Contudo, resta esclarecer porque somente representações de conteúdo sexual podem ser recalçadas. Questão que o texto, publicado pouco tempo depois do trabalho sobre a hereditariedade e a etiologia das neuroses, procura elucidar ao investigar as determinações psicológicas do recalque.

O recalque e o aspecto temporal da sexualidade

No artigo intitulado “Die Weitere Bemerkungen über die Abwehr-Neuropsychosen” (Novas observações sobre as neuropsicoses de defesa)⁷⁷, interessa assinalar a continuidade da discussão sobre o papel da hereditariedade na etiologia das neuroses, a qual encontra nesse texto uma formulação bastante clara das críticas elaboradas por Freud nesse período, bem como a elaboração das bases de uma teoria psicológica do recalque e a retomada de maneira mais detalhada de problemas que exigiram tal movimento.

seis semanas depois deste último [cf. nota introdutória de Strachey, in: STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. III, pp. 159-60].

⁷⁷ FREUD, S. in: STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. III, p. 157; idem, in: FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. I, p. 379.

Com relação à teoria do recalque, o problema a ser enfrentado refere-se à incidência exclusiva deste sobre representações de conteúdo sexual. No entanto, a explicação não pode residir na “natureza” da vivência, pois isso não explicaria o fato de outras pessoas permanecerem saudáveis em presença de ocasiões idênticas. Seria portanto necessário admitir a existência de uma “aptidão” à histeria, anterior ao trauma. Mas, a disposição hereditária é precisamente o elemento cuja importância enquanto fator etiológico está posta em questão.

O “efeito póstumo do trauma sexual infantil” explicaria a incidência do recalque sobre as representações de conteúdo sexual da seguinte maneira: somente são recalçadas as recordações de uma vivência sexual penosa na idade madura, quando elas despertam o traço mnêmico de um trauma infantil. É portanto o efeito de uma vivência sexual, ocorrida num período pré-sexual, que explica a defesa patológica. Em outros termos: a significação sexual de uma vivência infantil, possível somente a posteriori, viabiliza o trabalho do recalque.

Em extensa nota de rodapé, Freud esclarece o mecanismo psíquico implícito nesse trabalho. Na base de sua teoria sobre o recalque, encontra-se a idéia de uma inversão da relação entre um acontecimento real e sua lembrança. Ou seja, o efeito da recordação de uma vivência sexual experimentada na época de imaturidade sexual é infinitamente mais intenso do que aquele produzido no momento de sua ocorrência. Essa inversão entre a “vivência real” e a recordação será a condição psicológica para o recalque. No entanto, nesse momento, tal inversão está determinada pela concepção, central à teoria da sedução, da temporalidade da sexualidade humana. Nesse

quadro conceitual, a concepção da sexualidade se constitui em dois tempos: um primeiro período, em que o sujeito se encontraria, nos primeiros anos de vida, numa fase pré-sexual ou de imaturidade sexual e, um segundo período, marcado pelo advento da puberdade e pelas mudanças com ela advindas, considerado de maturidade sexual.

Todo esse desenvolvimento sobre o recalque e seu vínculo com a concepção da temporalidade da sexualidade humana norteia a etiologia das neuropsicoses. No caso, por exemplo, da neurose obsessiva, a explicação é basicamente a mesma apresentada no texto anterior, acrescida da exposição mais detalhada de seu desenvolvimento. A sedução, tal como na histeria, desempenha o papel de “causa” do desejo sexual precoce. Como já foi dito, a diferença etiológica entre as duas neuroses reside no fato de que na neurose obsessiva não se trata de “passividade”, mas sim de “atividade sexual”, de agressões executadas com prazer e de uma participação prazerosa em atos sexuais. Entretanto, essa agressão sexual prematura pressupõe sempre uma vivência anterior de sedução. Assim, tanto na neurose obsessiva quanto na histeria a teoria da sedução cumpre o mesmo papel etiológico.

No entanto, a natureza da neurose obsessiva é distinta. Ela consiste sempre em reprovações que retornam do recalque e sua trajetória é constituída por três distintos períodos. O primeiro deles é descrito como o da “imoralidade infantil”, no qual se origina a neurose. Nesse momento da infância, ocorrem as cenas de sedução que possibilitam o recalque e as ações de agressão sexual contra o outro sexo, as quais aparecem posteriormente sob a forma de “auto-acusações”. Esse primeiro período termina com o início, em geral precoce, da “maturação sexual”. Nessa época, a recordação das ações

prazerosas (ligada às auto-acusações) e o vínculo com a “vivência inicial” passiva tornam possível recalcar as acusações e substituí-las por um “sintoma de defesa primário”, caracterizando-se como de aparente saúde, mas na verdade trata-se de uma defesa bem-sucedida. O terceiro período, o da enfermidade propriamente dita, consiste no “retorno das recordações recalçadas”, ou seja, no fracasso da defesa.

A articulação entre a condição psicológica do recalque e a concepção do caráter temporal da sexualidade indica a relevância da teoria da sedução nesse momento da obra, pois essa teoria permite pensar a irrupção do sexual num momento em que, por definição, ainda não é sexual. Assim, no quadro teórico até então construído por Freud, ela garante a possibilidade do fator sexual como causa etiológica específica das neuroses. Papel que, segundo Gerald Izenberg - comentador que estudaremos a seguir - Freud não teria conseguido atribuir-lhe depois de ter adotado sua nova teoria.

Considerações sobre a teoria da sedução

A análise do período inicial da obra freudiana pretendeu expor os elementos envolvidos em sua construção, assinalando sobretudo a emergência dos fatores sexuais como determinantes da etiologia das neuroses. No entanto, se o desenvolvimento das investigações etiológicas a distancia dos pressupostos que norteavam a medicina que lhe é contemporânea, sua presença não deixa de marcar certos traços desse desenvolvimento. A formulação da teoria da sedução, enquanto resposta a um certo tipo de problema gerado por tais investigações, designa o campo estabelecido por

esses pressupostos na determinação dos fenômenos psíquicos, e, seu posterior abandono, ao explicitá-los, expõe o limite do quadro conceitual que a constitui.

O momento inicial da teoria está marcado por uma concepção do psicológico delimitada pela necessidade de fundamentos externos a este, o qual circunscreve o papel etiológico atribuído à sexualidade até o abandono da teoria da sedução. O interesse na análise desse movimento reside na possibilidade de sublinhar os elementos que determinaram a necessidade de conceber o psicológico como o efeito de “causas internas”, através do recurso ao mecanicismo, ou de “causas externas”, como, por exemplo, a teoria da sedução.

Izenberg⁷⁸ faz uma interessante leitura desse problema, referindo-se especificamente à teoria da sedução. Ele sustenta a tese de que o abandono da sedução está determinado por mudanças teóricas que o tornaram necessário. Assim, na origem do abandono não se encontraria apenas, como o próprio Freud afirmou, um descrédito em relação à sedução. Mas, mais do que isso, o limite de um certo quadro conceitual.

Segundo ele, Freud partiu de certos pressupostos sobre as relações entre os fenômenos físicos e mentais que são centrais para a compreensão do seu modo de teorizar. O uso do *enfoque fisicalista*, sustentado a partir de uma versão do “paralelismo psicofísico”, segundo o qual o psicológico ou o mental se define como um “concomitante dependente do físico”, leva a compreensão de que a explicação dos fenômenos psíquicos deveria ser buscada sempre em última instância no “mundo físico”. Como também a

⁷⁸ IZENBERG, G. N. “La teoría freudiana de la seducción”. In: NEU, Jerome. (org.) *Guía de Freud*. Trad. Mario Santana. Cambridge, Cambridge University Press, 1996.

noção de que a distinção entre os processos psíquicos e fisiológicos, ou seja, entre ação motivada e conduta reflexa, se dava pela diferença de localização de ambos no cérebro (os primeiros no córtex cerebral e os últimos na substância cortical). Pressupostos presentes, por exemplo, na busca inicial de Freud de uma “*fórmula fisiopatológica para a histeria*”⁷⁹.

Os argumentos de Inzenberg merecem ser acompanhados. Ele começa por apontar a fragilidade da justificativa dos motivos que conduziram ao abandono da teoria da sedução, salientando que o próprio Freud já tinha se encarregado de responder a essas objeções anteriormente. Contra o primeiro dos motivos, ou seja, o abandono prematuro do tratamento (por parte de pacientes aparentemente bastante envolvidos com o trabalho analítico) e a falta de êxito na condução da psicanálise a partir da hipótese da sedução, Izenberg cita a declaração de Freud em “*L’héritité et l’etiologie des névroses*”⁸⁰, na qual afirma ter realizado a “psicanálise completa” de treze⁸¹ casos de histeria e ter encontrado em todos eles um acontecimento de abuso sexual na infância. Chegando mesmo a afirmar, em “*Zur Ätiologie der Hysterie*”, que em alguns casos o sucesso da análise dependeu desta encontrar seu fim “natural”, ou seja, o desvelamento dos traumas mais “primitivos”.

Com relação ao segundo motivo, relativo à veracidade dos relatos de sedução apresentados pelos enfermos, Izenberg contrapõe um bom número de passagens em que Freud teria sustentado tal suposição. Em primeiro lugar,

⁷⁹ IZENBERG, op. cit., p. 34.

⁸⁰ FREUD, S. In: STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. III, p. 151; Bd. I, idem, in: FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., p. 405.

⁸¹ No mesmo texto, Freud declara terem sido dezoito casos de histeria [STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. III, p. 199; FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., p. 435].

quando afirmou que os pacientes não somente produziam esses relatos com extrema aversão e sob violenta angústia, como eles eram apresentados com uma riqueza de detalhes e traços essenciais que tornava difícil concebê-los como ficção. Em segundo lugar, Freud utilizou um mesmo argumento para justificar a defesa e posteriormente o abandono da sedução: presente na carta de setembro de 1897 a Fliess, em que considerava como “altamente improvável” a grande frequência de abusos sexuais na infância, mas, também ao afirmar de maneira enérgica a existência de tais ataques sexuais na infância, quando se tratava precisamente da frequência destes como um argumento em defesa da hipótese da sedução. Por fim, a última das citações que se contrapõem aos argumentos que justificam o abandono da teoria da sedução sublinharia sua convicção na realidade do abuso sexual. Assim, por exemplo, em “Zur Ätiologie der Hysterie”, Freud teria acentuado o aspecto moral dos ataques sexuais, não só pela violência física, mas sobretudo pela crueldade psicológica presente num ato de violação de uma criança⁸².

Com essa ordem de argumentos, Izenberg sustenta que Freud nunca deixou de acreditar na realidade dos ataques sexuais. Se ele abandona a teoria da sedução, esse movimento está determinado por uma série de mudanças teóricas que o tornaram necessário. Segue-se a essa afirmação uma longa exposição do momento inicial da teoria freudiana, em que assinala a fragilidade da teoria da sedução (desde o seu nascimento), a necessidade desta na solução do problema da sexualidade na etiologia das neuroses e seu abandono, em função do desenvolvimento teórico que acaba por torná-la desnecessária.

⁸² Esse conjunto de textos de Freud, evocado por Izenberg, é por ele examinado no artigo [cf. pp. 29-33].

A análise de Izenberg acompanha esse movimento a partir das primeiras formulações da teoria freudiana das neuroses. Assim, certas “descobertas clínicas” conduziram a um primeiro nível de teorização puramente psicológica. Entre elas, o “Caso Anna O.”, de Breuer, com o qual aprende que os sintomas histéricos podem ser diminuídos mediante o ato de desvelar idéias inconscientes. Mas também, os casos analisados por Charcot, de quem teria assimilado a idéia de que os sintomas poderiam ser induzidos por sugestão hipnótica. Essas “descobertas” teriam conduzido à necessidade de “*buscar as causas da histeria na vida ideacional inconsciente*”⁸³. Muito embora isso não significasse tomar os sintomas histéricos como atos significativos, ainda que inconscientes, isto é, que os sintomas fossem produto de desejos inconscientes.

Esse desenvolvimento será gradativamente construído. Por ora, a concepção da histeria está determinada pelo pensamento médico da época, cujo pressuposto fundamental exigia a explicação do psicológico através do físico. Exigência que determinará a necessidade de buscar o fundamento para a teoria fora da “esfera intencional”, ainda que a concepção da histeria levasse em consideração a hipótese de idéias inconscientes na constituição dos sintomas histéricos. A função das idéias inconscientes deve ser buscada numa forma de “causalidade externa” à esfera intencional. Portanto, desse ponto de vista, a hipótese das idéias inconscientes não teria proporcionado a Freud mais do que uma tosca teoria, cujo fundamento deveria ser encontrado numa teoria do sistema nervoso.

⁸³ Apud IZENBERG, op. cit., p. 34.

Segundo Izenberg, a solução encontrada por Freud é marcada por três níveis de teorização: “*clínica, psicológico causal e metapsicológica ou física*”⁸⁴. Nesse movimento, os “Estudos sobre histeria” ocupam importante papel no desenvolvimento da teoria. Neles, os sintomas histéricos são “resíduos” de acontecimentos que sofreram a ação do recalque, o qual era descrito como o “esforço consciente para resguardar-se de acontecimentos desagradáveis”. Mas o *efeito* do recalque, assinala Izenberg, “não era apresentado em termos de causalidade psicológica”.

A famosa fórmula de Breuer e Freud, segundo a qual “os histéricos sofrem de reminiscências”, não descreve uma ação psicológica, pois se trata de algo que “acontece ao ego”. A explicação era fornecida pela teoria da ab-reação, fundada, por sua vez, num conjunto de pressupostos mecanicistas sobre o funcionamento do sistema nervoso, segundo os quais os sintomas histéricos são provocados pela impossibilidade de “descarga” do montante de afeto que acompanha a vivência. O afeto permanece “estrangulado”, não “ab-reagido”, e a recordação a qual está ligado é suprimida da consciência, passando a exteriorizar-se sob a forma de sintomas histéricos, considerados por Freud como “símbolos mnêmicos”, símbolos da recordação sufocada.

O “*princípio de constância*”⁸⁵, implicitamente admitido⁸⁶ como base da teoria da ab-reação, rege o funcionamento do aparelho psíquico e

⁸⁴ IZENBERG, op. cit., p. 34.

⁸⁵ Segundo Laplanche e Pontalis, “o princípio de constância faz parte do aparelho teórico elaborado em comum por Breuer e Freud por volta dos anos 1892–1895, designadamente para explicar fenômenos por eles verificados na histeria: os sintomas são referidos a uma falta de ab-reação, o fator propulsor do tratamento é procurado numa descarga adequada dos afetos” [in LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J.-B. *Vocabulário da Psicanálise*. Sob a direção de Daniel Lagache. Trad. Pedro Tames. 6ª edição. São Paulo: Martins Fontes, s. d., pp. 456-7]. Há no entanto uma nítida diferença de perspectivas entre Freud e Breuer. Através, por exemplo, das elaborações contemporâneas à “Comunicação preliminar”, é possível acompanhar a dificuldade do acordo entre as concepções de ambos sobre a formulação do princípio de constância: num texto de 1892, *Zur Theorie des hysterischen Anfalles*, manuscrito enviado por Freud a

determina a tendência deste em manter constante a “soma das excitações”, utilizando-se para tanto de mecanismos para evitar as excitações de origem externa e de defesa e descarga, ou ab-reação, dos aumentos de tensão de origem interna. Segundo Laplanche e Pontalis, ao colocar na base da psicologia uma lei de constância, Freud e Breuer expressaram a exigência, comum aos meios científicos do século XIX, de estender “à psicologia e à psicofisiologia os princípios mais gerais da física”⁸⁷, operação que, tal como se vê, marca esses primeiros anos de construção da teoria freudiana. Assim, os problemas assinalados pela leitura de Laplanche e Pontalis, com relação à base da teoria psicológica de Freud, e também por Izenberg, ao analisar os pressupostos fisicalistas que nortearam os trabalhos iniciais de Freud, afirmam a característica central do quadro conceitual no qual se dá o desenvolvimento inicial da teoria freudiana das neuroses, ou seja, sua determinação por certos pressupostos próprios às ciências naturais (*Naturwissenschaften*).

Desse modo, no quadro da primeira teoria de Freud sobre a neurose, expresso na “Comunicação preliminar”, os sintomas histéricos são “descargas bloqueadas” causadas pelo aumento da excitação no sistema nervoso, incapaz de eliminá-la através de uma “reação motora” adequada.

Breuer, e na carta de 29/06/1892, Freud fala de uma tendência para “manter constante aquilo a que podemos chamar de soma de excitação no sistema nervoso” [apud LAPLANCHE & PONTALIS, p. 461]; já na conferência pronunciada por Freud, dez dias após a publicação da *Comunicação*, ele fala de uma “tendência para diminuir a soma de excitação” [p.461] e, por fim, no próprio texto da *Comunicação*, o princípio de constância não é enunciado. Para Laplanche e Pontalis é possível afirmar, numa primeira análise, que a dificuldade expressa nos textos advém do fato de Breuer e Freud não visarem as mesmas realidades. Para o primeiro, tratava-se de “pôr a questão das condições neurofisiológicas do funcionamento psíquico normal” e para Freud de perguntar “como no homem o processo psíquico primário pode se achar limitado e regulado” [p.461].

⁸⁶ Embora esteja implícito desde os primeiros trabalhos de Freud, somente em 1920, em *Além do princípio do prazer*, o “princípio de constância” será formulado enquanto tal.

⁸⁷ LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J.-B., op. cit., pp. 454-5.

Esse mesmo tipo de explicação que pretende fundamentar o campo psicológico por meio de fenômenos físicos é utilizado também com relação aos mecanismos de defesa. Se a defesa pode ser pensada como desencadeada pelo “esforço de vontade” do enfermo, cujo motivo pode ser determinado, portanto, passível de análise psicológica; por outro lado, os processos que efetivam a defesa, isto é, a separação da representação incompatível e seu enlace com outra adequada e conciliável não podem ser demonstrados por meio de uma “análise clínico-psicológica”, pois se tratam de processos de outra natureza. Com relação a esse impasse, escreve Freud, seria mais correto dizer

*não se tratar de processos de natureza psíquica, senão de processos físicos, cuja consequência psíquica se manifesta como se o expresso com os termos de "separação da representação de seu afeto e falso enlace deste último" tivessem realmente ocorrido*⁸⁸.

Segundo Izenberg, ainda um outro pressuposto é fundamental à teoria clínica de Freud desde os “Estudos”, a saber, a natureza exclusivamente sexual dos traumas que produzem a histeria. Na insistência de Freud na sexualidade como o único fator causal, Izenberg encontra a expressão de seu rigor científico na medida em que explicita a filiação de Freud ao modelo darwiniano, comum à medicina e à psiquiatria do século XIX. Segundo ele, no modelo darwiniano, o ser humano é concebido “como um organismo movido por instintos de autoconservação e de conservação da

⁸⁸ Apud IZENBERG, op. cit., p. 35.

espécie”. Concepção presente no modelo mecanicista de Freud, para quem as necessidades biológicas básicas, fome e sexo, eram as “fontes internas da energia cuja intrusão no organismo iniciava a descarga necessária para manter constante o nível energético”⁸⁹.

No entanto, se o desenvolvimento teórico e as descobertas clínicas permitiram estabelecer uma etiologia sexual para a histeria, esta não conduziu à necessidade da ocorrência do trauma sexual na infância⁹⁰. Somente depois de terminar os “Estudos”, Freud anuncia a Fliess, em carta datada de 08/10/1895, a superioridade teórica da hipótese de que os traumas causadores da histeria teriam ocorrido na infância em comparação à teoria anterior, segundo a qual somente os traumas sexuais provocavam a histeria. Essa formulação conduziu à teoria da sedução e resultou na solução do problema colocado pela forma da defesa patológica na produção dos sintomas neuróticos. Essa questão estará na origem do empenho de Freud ao escrever o *Projeto*: tratava-se de investigar e estabelecer com clareza os processos psíquicos normais sobre os quais fundamentar a concepção dos transtornos neuróticos. A defesa psicológica não colocava problemas para Freud, era concebida como uma operação normal da mente humana quando confrontada com acontecimentos ou recordações desagradáveis e, ainda que ausentes da consciência, estes poderiam ser recuperados. A defesa patológica, no entanto, implicava o recalque total do acontecimento original desagradável, como também sua permanência sob a forma de sintomas físicos.

⁸⁹ IZENBERG, op. cit., p. 36.

⁹⁰ Dos casos incluídos nos *Estudos* somente um, o de “Katarina”, assinalava a ocorrência de um abuso sexual antes da puberdade. Não há nesse momento qualquer conclusão teórica sobre a sedução [IZENBERG, op. cit., p. 36].

Com essa ordem de questões, Freud teria se dedicado à elaboração desse texto baseando-se no trabalho de Theodore Meynert, buscando aplicar o modelo do funcionamento reflexo à conduta voluntária e aprendida. Para ele, a “experiência de satisfação” tornava a aprendizagem possível e necessária. No modelo da “conduta reflexa” presente no *Projeto*, a energia que incide no sistema nervoso, através de um estímulo externo, é automaticamente descarregada em um *movimento reflexo* que elimina simultaneamente a fonte de estímulo. No entanto, com relação aos estímulos internos, a conduta reflexa é insuficiente, o que torna necessário realizar uma “operação adequada ao mundo externo” para cessar esse tipo de estímulo.

A realização dessa operação deixa seus rastros na memória, assim como a “experiência de satisfação dela resultante”. As posteriores entradas de energia ativam esses “rastros” e fazem com que o organismo inicie a “operação adequada”. Freud acrescenta a esse mecanismo a hipótese de que nas primeiras etapas do desenvolvimento infantil estas “*novas entradas de energia provocadas pela fome investiriam primeiro a recordação da experiência de satisfação prévia, com a quantidade necessária para produzir algo similar a uma percepção, ou seja, uma alucinação*”⁹¹. Assim, haveria no organismo uma tendência primária à gratificação alucinatória ou à satisfação do desejo na fantasia, tendência esta que somente o contínuo desprazer, provocado pelo acúmulo de energia que não encontra possibilidade de descarga através de uma “operação adequada”, inibiria. De forma a “ensinar” o organismo a bloquear o fluxo de energia dirigido à recordação da

⁹¹ Idem, op. cit., p. 38.

experiência de satisfação prévia, substituindo-o pela busca de “indícios de realidade”, de objetos capazes de produzir uma satisfação real.

Esse modelo foi utilizado na investigação sobre a defesa patológica, problema com o qual Freud se defrontaria fundamentalmente no *Projeto*. Segundo Izenberg, essa tentativa de explicar a defesa patológica através da aplicação do “modelo mecanicista do funcionamento reflexo” tornou a compreensão desta muito mais complexa. No entanto, a dificuldade gerada por essa tentativa acabaria conduzindo Freud a sustentar o “desenvolvimento sexual” como o campo próprio à emergência de acontecimentos traumáticos. Isso porque a dificuldade que Freud encontra no *Projeto* refere-se à impossibilidade de explicação, de um ponto de vista mecânico, do recalque total da memória na histeria. Ele sintetiza a questão nos seguintes termos: se uma rede de recordações, que incluem o trauma e os eventos que marcam seu fim, se estabelece sempre que o ego sofre um trauma e se é a ameaça de dor, resultante do investimento de uma percepção posterior à imagem do trauma, que força o ego, a partir desse sinal, a reorientar a energia do estímulo para a recordação do evento que marca o fim do trauma, como explicar, do ponto de vista mecânico, o recalque total da memória na histeria, dado que a defesa eficaz depende de um “sinal de desprazer”, procedente da recordação traumática original.

Essa dificuldade metapsicológica exigiria também uma mudança da teoria clínica. Assim sendo, a solução encontrada por Freud privilegiaria o campo designado pelo desenvolvimento sexual, porque este, dado o seu caráter temporal, permitiria pensar a possibilidade de intensificação retroativa

da recordação de um acontecimento que no momento de sua ocorrência não suscitou nenhum tipo de “rota defensiva”.

Assim, a intensificação posterior da recordação do trauma pode ser explicada pelo caráter temporal da sexualidade humana. Antes da puberdade, um “acontecimento sexual” não é acompanhado de muita energia, somente depois desse período, concebido como de maturidade sexual, haveria energia disponível para gerar uma resposta sexual. Pois bem, se nesse período um estímulo sexual desperta a recordação de um acontecimento desagradável, anterior a puberdade, “*geraria um sentimento de desprazer maior que aquele que havia acompanhado o evento original, liberando desta maneira uma manobra defensiva incontrolada que resultaria no deslocamento de idéias*”⁹².

Algumas observações

Neste capítulo, acompanhou-se a produção teórica de Freud no período que se inicia com o texto por ele redigido, na qualidade de informe acadêmico, em 1886, ao retornar de Paris, até o último dos seus artigos sobre etiologia das neuroses, concebido sob a ótica da teoria da sedução, em 1896. No intervalo de uma década, entre 1886 e 1896, o interesse inicial pela histeria se estende às neuroses e a orientação de seus trabalhos se organiza em torno das investigações etiológicas, das quais se destaca a discussão relativa ao papel determinante dos fatores sexuais.

⁹² Idem, op. cit., p. 39.

Contudo, como avaliado a partir da análise dos textos que compõem esse período, essa passagem é gradativamente construída ao longo desses anos. *Grosso modo*, a “influência” da fisiologia física de Brücke, do mecanicismo do qual é herdeira, do interesse pela neurologia, pela anatomia e pela escola francesa de neuropatologia, a presença de Breuer e Charcot, são traços pertencentes à biografia intelectual de Freud, que, como visto, determinaram a orientação de suas pesquisas.

A tradição das *Naturwissenschaften*, em que se inscreve a medicina e as investigações relativas aos fenômenos psíquicos, de orientação marcadamente mecanicista, não pôde deixar de delimitar o campo no qual se daria o desenvolvimento da obra freudiana. Nesse sentido, privilegiou-se o aspecto relativo à concepção do psicológico, ou melhor, do quadro conceitual que determina a necessidade de conceber o fenômeno psíquico como o *efeito* de *causas internas* (no recurso ao mecanicismo) ou de *causas externas* (no caso da teoria da sedução). Com isso, assinala-se a relevância do modelo no qual a sexualidade assume o lugar de fator etiológico específico e a determinação deste na teoria da sedução.

Com o abandono da teoria da sedução, a concepção dos fenômenos psíquicos sofrerá uma certa inflexão, produzindo uma maior complexidade na compreensão e determinação dos mesmos. Aspecto a ser desenvolvido no capítulo seguinte deste trabalho.

Capítulo 2

Investigações etiológicas e abandono da teoria da sedução

No capítulo anterior acompanhou-se a construção da concepção freudiana da sexualidade, como também o papel que lhe fora atribuído na determinação dos fenômenos patológicos. Como vimos, a partir da análise dos textos examinados, tal concepção expressa a presença de uma certa tradição do pensamento do século XIX na orientação inicial dos trabalhos de Freud. Neste segundo capítulo, o objetivo é circunscrever os traços que assinalam a reorientação das investigações etiológicas no período imediatamente posterior ao abandono da teoria da sedução e, com isso, delinear o deslocamento da discussão sobre a sexualidade que o caracteriza.

O abandono da teoria da sedução mobiliza a construção de um novo quadro conceitual, no qual a relação entre a sexualidade e os fenômenos psicopatológicos se impõe a partir de um campo que a determina como *constitutiva* do humano. Dito de outra maneira: as investigações freudianas distanciam-se gradativamente da concepção do sexual como um conjunto mais ou menos organizado de práticas, circunscritas sob a idéia relativamente vaga de “*vida sexual*” (*Sexualleben*)¹, para se dirigirem às questões pertinentes ao papel determinante da sexualidade na constituição do psiquismo².

¹ No entanto, como ficará claro no desenvolvimento deste capítulo, procura-se assinalar o início de um certo deslocamento. O texto de 1898, intitulado “*Die Sexualität in der Ätiologie der Neurosen*”, é um bom exemplo do caráter sutil desse movimento, pois, embora ele tenha sido redigido após o abandono da teoria da sedução e nele se encontre formulada a noção de sexualidade infantil, não apresenta muitas alterações do ponto de vista da orientação de suas investigações. Ao examinar o “problema da sexualidade” na psicanálise freudiana, Alfred Lorenzer, in *Intimität und soziales Leid – Archäologie der Psychoanalyse*, Frankfurt am Main: Fischer, 1993, assinala, em relação ao texto de 1898, que “Freud ainda atribuiu aos transtornos sexuais o papel de causas mais próximas [*nächsten Ursachen*] da doença neurótica, mas não à sexualidade o de um tema geral” (p. 191). A leitura de Lorenzer organiza-se em torno da idéia de que a ampliação do conceito de sexualidade na teoria freudiana, efetivou-se com a elaboração do conceito de psicosexualidade. Aqui se

Trata-se portanto, neste capítulo, de pontuar o prenúncio da alteração do papel destinado à sexualidade e assinalar a emergência de alguns dos temas próprios a esse momento da obra freudiana. Assim, o capítulo comportará a apresentação de alguns dos elementos próprios à montagem da teoria da sexualidade, bem como da intrínseca necessidade, correlata a essa teoria, da elaboração de outro modelo para pensar o patológico. No corrente texto, o desenvolvimento ao qual me refiro será acompanhado até o limiar da construção do “livro dos sonhos”, obra que inaugura certos traços na reflexão freudiana sobre a sexualidade que parecem aconselhar uma análise em separado.

Uma certa configuração

De modo geral, a segunda metade da década de 1890 pode ser definida pelo papel essencial da auto-análise de Freud e pelas suas não menos

pretende acompanhar o momento inicial dessa “ampliação”, vinculando-a à reorientação das investigações etiológicas posteriores a 1897.

² Aqui me refiro ao tema da origem que começará a cobrar importância no desenvolvimento da obra, limitando-me a algumas rápidas considerações acerca dessa questão. Origem designa um processo de formação conceitual que comporta pelo menos três faces: uma ligada à sua fundação no âmago do corpo – o que conduziria à teoria das pulsões –, outra vinculada ao processo de interação que o próprio jogo pulsional alavanca – conduzindo ao conceito de Édipo e seus correlatos – e, finalmente, uma “origem” do sexual na história humana, o desenvolvimento encontrado em *Totem e Tabu*. De qualquer maneira, uma certa investigação acerca da origem (dos fenômenos patológicos) já está presente em “Studien über Hysterie”. Freud refere-se na *Selbstdarstellung*, crítica e explicitamente, ao texto de 1895 no que diz respeito a essa questão, ao afirmar que seu objetivo, ao fazer uso da hipnose, era explorar no enfermo a história da gênese (*Entstehungsgeschichte*) do sintoma. Segundo ele, esse procedimento era mais eficaz que a mera restrição à sugestão hipnótica, pois permitia ao médico “averiguar algo acerca da origem (*Herkunft*) do fenômeno que ele se empenhava em cancelar mediante o monótono procedimento sugestivo”. No entanto, muito embora essa fosse a orientação de Freud, a teoria presente nos “Estudos” é, segundo ele mesmo, “muito modesta e não vai muito além da expressão imediata das observações. Ela não pretendia elucidar a natureza da histeria, senão meramente iluminar a gênese de seus sintomas” (cf. Freud, S. “Selbstdarstellung”. In: FREUD, Anna et al. (eds.). *Gesammelte Werke*. Band XIV. Frankfurt am Main: Fischer, 1999, pp. 31-96. Também FREUD, S. In: STRACHEY, J. (org.). *Obras Completas Sigmund Freud*. Tradução do alemão de José L. Etcheverry. Vol. XX. Buenos Aires: Amorrortu, 1994, pp. 19-21). Não caberia aqui refazer o desenvolvimento da exposição de Freud com relação a essa questão, mas apenas assinalar que a investigação acerca da natureza da histeria o levará a uma discussão sobre a etiologia dessa patologia, bem como à possibilidade de estender suas conclusões às neuroses (atuais e psiconeuroses), exigindo sobretudo uma reflexão sobre a origem da própria sexualidade humana.

importantes “descobertas” relativas à etiologia das neuroses, ou seja, à sexualidade infantil o complexo de Édipo³. No que diz respeito à auto-análise, a investigação de Didier Anzieu⁴, realizada com base em um detalhado inventário dos sonhos, lapsos, esquecimentos e atos falhos de Freud, registra certos aspectos do processo de constituição da psicanálise entre os quais se destaca a apreciação da origem de seu interesse pelo sentido dos sonhos, o qual remonta ao início da década de 1880. Período no qual esse tema já está presente na correspondência entre ele e sua noiva. Nessa correspondência encontram-se observações genéricas sobre a atividade onírica, relatos de alguns dos sonhos do próprio Freud, bem como a tentativa de compreensão dos mesmos⁵.

Também a atividade onírica de seus pacientes passará a ser objeto de atenção. Assim, ao abandonar a sugestão e perceber que os enfermos narram seus sonhos espontaneamente, Freud adquire o hábito de anotá-los. No entanto, embora não sejam poucas as referências ao tema dos sonhos na sua correspondência, a primeira formulação sobre a atividade onírica de uma de suas pacientes somente será encontrada em “Estudos sobre Histeria”⁶, no relato clínico do caso Emmy von N⁷. Nesse caso clínico, o sonho relaciona-se

³ Strachey atribui à auto-análise de Freud um papel fundador. A auto-análise é concebida por ele como um “acontecimento transcendental”, cujas conseqüências seriam o abandono da teoria sobre a etiologia traumática das neuroses, a descoberta do complexo de Édipo e o reconhecimento da sexualidade infantil como um fato normal e universal (FREUD, S. In: STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. III, pp. 253-5). Para Peter Gay, no entanto, o colapso da teoria da sedução teria aberto a Freud o “caminho para sua auto-análise sistemática, para a identificação do complexo de Édipo e das fantasias inconscientes” in GAY, Peter. *Freud – Uma vida para o nosso tempo*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995, p. 103). Embora essa questão não pareça relevante para o trabalho, a diferença das leituras aponta para a dificuldade da tentativa de estabelecer uma relação imediata entre auto-análise, complexo de Édipo e sexualidade infantil.

⁴ ANZIEU, D. *L'auto-analyse de Freud et la découverte de la psychanalyse*. 3^a ed. Presses Universitaires de France, Paris, 1988.

⁵ É o caso das cartas de junho de 1882, julho de 1883 e janeiro de 1886 (cf. ANZIEU, op. cit., p. 34).

⁶ FREUD, S. “Studien über Hysterie”. In: STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. II; idem, in: FREUD, Anna et al. (eds.). *Sigmund Freud Gesammelte Werke*. Bd. I, Frankfurt am Main: Fischer, 1999, pp. 75-312.

⁷ Esse é o primeiro caso em que Freud faz uso do método catártico: “*resolvi aplicar o procedimento de Breuer de investigação em estado de hipnose [...] Foi minha primeira tentativa de manejar este método terapêutico*” [STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. II, p. 71; FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. 1, p. 99].

a dois fatores: à necessidade de elaborar idéias, tratadas de forma ligeira durante o dia, e à compulsão de vinculá-las no mesmo estado de consciência. Além desses dois elementos importantes na futura construção da teoria dos sonhos, ainda uma outra noção, também fundamental a essa teoria, encontra expressão em carta dirigida a Fliess. Freud⁸ anuncia na carta a possibilidade do sonho ser interpretado como realização de desejo. Mas, a hipótese do sonho como realização de desejo, desde então comunicada, somente será desenvolvida na “Traumdeutung”. Texto no qual, a partir da análise do “Sonho da injeção de Irma”, encontra-se a seguinte formulação: “o sonho figura um certo estado de coisas tal como [eu] desejaria que fosse; seu conteúdo é uma realização de desejo (Wuncherfüllung), seu motivo, um desejo”⁹. Desde a publicação deste, o sonho é concebido como “uma realização de desejo”. Contudo, o aspecto que interessa assinalar a partir dessas considerações introdutórias é o extenso desenvolvimento que precede o enlace do desejo às determinações sexuais, movimento este que não se constitui no “livro dos sonhos”.

De um certo modo, também o complexo de Édipo experimenta um destino semelhante na obra freudiana. Vislumbrado desde 1897, como atesta a carta de Freud a Fliess, é necessário todo um longo e lento trabalho para que possa vir a ser expresso como fundante das determinações infantis do desejo. Em outros termos, o conceito de pulsão e a noção de sexualidade infantil serão o resultado de uma grandiosa construção, cujos elementos encontram-se

⁸ Cf. FREUD, S. *Sigmund Freud Briefe an Wilhelm Fliess 1887-1904*. Ungekürzte Ausgabe. Herausgegeben von Jeffrey Moussaieff Masson, Deutsche Fassung von Michael Schröter, S. Fischer Verlag, F. am Main, 1986, pp. 112-5.

⁹ Idem, “Die Traumdeutung”. In: STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. IV, p. 139; idem, in: FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. II-III; idem, in: MITSCHERLICH, A.; RICHARDS, A. & STRACHEY, J. (eds.). *Die Freud-Studienausgabe*. Bd. II, Frankfurt am Main: S. Fischer, 1989, p. 137;

expressos ainda embrionariamente e de maneira pouco organizada nos textos do final da década de 1990.

Esse momento da teoria é fortemente marcado pelas conseqüências do papel de “dupla renúncia” exercido pelo abandono da teoria da sedução. Tal abandono significou para Freud renunciar à solução cabal da neurose e também ao conhecimento seguro quanto à sua etiologia na infância. Com o fracasso da hipótese da sedução, desarticula-se também a compreensão teórica do recalque (*Verdrängung*). Por fim, a possibilidade de compreensão dos fenômenos patológicos é nitidamente posta em questão.

Nesse contexto, a herança mantém seu valor explicativo. No entanto, Freud ocupou-se insistentemente em desalojar¹⁰ a predisposição hereditária em prol da importância do fator sexual na etiologia das neuroses. Manter a importância dos fatores sexuais na etiologia das neuroses implicou uma reorientação de suas investigações. Esta se dá na busca de intelecção dos fenômenos psíquicos normais, ou seja, na elucidação dos processos psíquicos neles envolvidos, como possibilidade de acesso à compreensão dos fenômenos patológicos. Caminho que o leva a privilegiar certos fenômenos psíquicos como objetos de investigação e que permite, ao longo de seu desenvolvimento, elaborar a concepção de sexualidade infantil. No entanto, a aparição e a conexão da sexualidade infantil com a etiologia dos fenômenos patológicos envolvem a exposição de uma série de elementos, cuja sustentação teórica demanda construção. É o caso, por exemplo, da explicação do efeito patógeno *a posteriori* de determinadas vivências ocorridas na infância ou, ainda, da inteligibilidade do mecanismo através do qual as neuroses são geradas. A dimensão dessa construção é assinalada¹¹ por Freud.

¹⁰ Cf. Idem, *Sigmund Freud Briefe an Wilhelm Fliess 1887-1904*. Op. cit., p. 284.

¹¹ Idem, “Die Sexualität in der Ätiologie der Neurosen”. In: STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. III, p. 273; FREUD, Anna et al. (eds.), Bd. I, pp. 511-2.

Com relação à “Traumdeutung”, ele se refere à necessidade, a ser mais amplamente realizada nessa obra, de expor seus pressupostos sobre a composição e trabalho do aparelho psíquico.

Assim, ao acompanhar a elaboração da noção de sexualidade e a reformulação do conceito de recalque que se efetivam nesse momento, constata-se que não são poucas as dificuldades teóricas que se impõem à investigação freudiana com o abandono da hipótese da sedução, e que certos desdobramentos de seu trabalho somente são possíveis após o fracasso desta enquanto fator explicativo.

Com o intuito de esboçar os elementos correlatos à emergência do tema da sexualidade infantil na obra freudiana, referi-me ao “mapeamento” desse período, registrado na correspondência com Fliess. Na carta de 14 de novembro de 1897¹², Freud comunica a Fliess sua busca do “essencial no recalque” e vincula esse tema às investigações anteriores, remetendo à carta de 31 de maio de 1897¹³, na qual lhe teria anunciado a descoberta próxima da fonte do recalque sexual normal (*die Quelle der normalen Sexualverdrängung*). No entanto, no texto desta última encontra-se *fonte da moral (die Quelle der Moral)* e não *fonte do recalque sexual normal* como quer Freud. De qualquer forma, essas duas diferentes apresentações do tema parecem de algum modo antecipar a concepção freudiana, a ser posteriormente desenvolvida, sobre a questão da moral para a psicanálise: o *recalque sexual normal* estará na origem do que constituirá o campo da moralidade na teoria psicanalítica. Muito embora essas duas cartas tenham sido escritas em datas relativamente próximas, é interessante assinalar que

¹² Idem, *Sigmund Freud Briefe an Wilhelm Fliess 1887-1904*, op. cit., pp. 301-4 (Brief 146- November 1897). Também STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. I, p. 310-3 (Carta 75).

¹³ Idem, *Sigmund Freud Briefe an Wilhelm Fliess 1887-1904*, op. cit., pp. 265-70 (Brief 129 – Mai 1897). Também STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. I, pp. 295-9 (Carta 64).

nesse curto espaço de tempo, compreendido entre o final de maio e meados de novembro de 1897, Freud envia a Fliess suas primeiras formulações do que futuramente seria pensado sob a forma do complexo de Édipo e abandona a hipótese da sedução.

A primeira menção indireta ao Édipo encontra-se na própria carta de maio de 1897. Freud refere-se aos impulsos hostis contra os pais como um elemento integrante da neurose, acrescentando que, no caso dos meninos, esse impulso – por ele assimilado ao desejo de morte dos pais – se volta contra o pai e, nas meninas, esse desejo se manifesta contra a mãe. No entanto, ainda que alguns dos elementos próprios ao que futuramente será designado como o complexo de Édipo tenham sido esboçados, nessa carta não se encontra nenhuma formulação explícita de sua relação com o tema da fonte da moral. Expressa somente na carta de outubro de 1897¹⁴, na qual é atribuído um valor universal ao Édipo e indicada sua vinculação à consciência moral (*Gewissen*).

A partir dessas observações, pode-se supor o envolvimento de Freud com questões que determinam uma gradativa complexidade nas suas investigações no período compreendido entre maio e outubro de 1897. No início, Freud está às voltas com a promessa da descoberta de um segredo. Esta se cumpre, ainda que parcialmente, a partir da possibilidade, explicitada em outubro, de estabelecer uma relação entre Édipo e consciência moral, a qual lhe permite vislumbrar a *fonte da moral*. No entanto, pode ser dito que a construção dessa passagem é o resultado da mobilização de um bom número de novos elementos: ela é permeada pela auto-análise, pelo abandono da teoria da sedução e pela “descoberta” da sexualidade infantil.

¹⁴ Idem, *Sigmund Freud Briefe a n Wilhelm Fliess*, pp. 291-294 (Brief 142 – Oktober 1897). Também STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. I, pp. 305-8 (Carta 71).

Nesse sentido, a carta de novembro de 1897, ao remeter à emergência do tema do recalque, ilustra de maneira significativa esse momento da obra, definido pela presença – ainda desconexa – de certos elementos fundamentais à montagem da teoria freudiana, tais como a sexualidade, a moral e o complexo de Édipo. Não se pretende esboçar o “panorama” no qual se insere a sexualidade infantil com essa ordem de considerações, mas sim apontar para a complexidade dos temas mobilizados nesse momento e para a falta de articulação entre os mesmos. Do nosso ponto de vista, a apreensão desse traço da teoria freudiana assinala o caráter necessariamente pontual de nosso trabalho frente à dimensão da obra, mas também o interesse de encontrar, a partir do desenvolvimento de um de seus elementos, a possibilidade de situar os problemas que levaram Freud a empreender determinadas investigações.

Da hipótese em questão

Com a recusa da teoria da sedução¹⁵, encontra-se na obra de Freud, entre outros importantes movimentos¹⁶, uma reorientação de suas investigações etiológicas. Nesse contexto, fenômenos psíquicos normais como

¹⁵ Sobre o momento do abandono da teoria da sedução, Freud escreve o seguinte: “tudo isso me predispôs a uma dupla renúncia: à solução cabal de uma neurose e ao conhecimento certo de sua etiologia na infância. Agora não sei onde estou, pois não alcancei a compreensão teórica do recalque (*Verdrängung*) e seu jogo de forças. Parece de novo discutível que somente vivências posteriores impulsionem fantasias que remontam à infância; com isso o fator de uma predisposição hereditária recobra uma jurisdição da qual eu havia me proposto desalojá-lo (*verdrängen*) no interesse do total esclarecimento da neurose” (cf. FREUD, S. *Sigmund Freud – Briefe an Wilhelm Fliess*, op. cit., p. 284; idem, in: STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. I, p. 302).

¹⁶ Monzani faz o seguinte comentário sobre os problemas envolvidos nessa passagem: “a partir do momento em que se vê obrigado a deixar de lado essa teoria, Freud se vê diante de um impasse. Pois a teoria da sedução era o ponto onde, com a introdução dos fatores externos, se podia escapar aos pressupostos da psiquiatria clássica, isto é, o determinismo organicista. Isso quer dizer que duas coisas foram perdidas com o relegar da sedução: 1) a noção de cena primária (da qual a sedução é apenas um dos casos), isto é, de um acontecimento concreto, enraizado na realidade [...] 2) daí, por consequência, perde-se também a possibilidade de religar a gênese dos sintomas a uma interação onde tanto os fatores internos (que Freud

o esquecimento, as recordações e os sonhos ¹⁷ convertem-se em um campo de interesse privilegiado: torna-se imperativo investigar o caráter do processo psíquico envolvido em tais fenômenos. Três textos assinalam de maneira bastante significativa o movimento ao qual me refiro, são eles: “Sobre o Mecanismo Psíquico do Esquecimento”, “Recordações Encobridoras” e, sobretudo, “A Interpretação dos Sonhos”.

No intervalo aparentemente pequeno, entre o abandono da teoria da sedução e a formulação da primeira tópica, uma série de questões se impõe à teoria: trata-se, acima de tudo, de repensar a possibilidade de acesso à etiologia das neuroses, o estatuto da fantasia e sua incidência preponderante sobre o infantil, bem como elaborar uma explicação mais complexa do mecanismo do recalque. Assim, se Freud mantém em linhas gerais os traços característicos de sua etiologia das neuroses, formulada na “Comunicação preliminar”, nas “Neuropsicoses de Defesa”, em “Estudos sobre histeria” e nas “Novas Observações sobre as neuropsicoses de defesa”, com o abandono da teoria da sedução – elemento de sustentação de toda a teoria psicopatológica que até então se constituíra –, a teoria psicopatológica não pôde deixar de sofrer um abalo considerável em seus alicerces.

Com essa ordem de questões, pretende-se acompanhar a emergência desses temas, bem como dos elementos que de certa maneira anunciam a formulação da primeira tópica. Interessa, portanto, dito um tanto esquematicamente, examinar o diferencial introduzido na orientação das

nunca irá negar) quanto os fatores externos são igualmente importantes” (cf. MONZANI, L. R. Freud: o movimento de um pensamento. Campinas: Editora da Unicamp, 1989, p. 47).

¹⁷ Sobre essa “reorientação” o próprio Freud escreve na “Traumdeutung”: “o sonho não é o único fenômeno que permite fundar a psicopatologia sobre a psicologia. Em uma série de ensaios – *Sobre o mecanismo psíquico do esquecimento* (1898) e *Sobre as Recordações Encobridoras* (1899) – ainda não completada, intentei interpretar certo número de fenômenos da vida cotidiana como provas em favor da mesma conclusão” (cf. FREUD, S. “Die Traumdeutung”. In: MITSCHERLICH, A.; RICHARDS, A. & STRACHEY, J. (eds.), op. cit., Bd. II, p. 577; idem, in: STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. V, p. 597, n. 18).

investigações etiológicas de Freud. Para tanto, a proposta envolve a análise desse período, contrastando-o, a partir de um dos seus traços, com aquele que antecede o abandono da teoria da sedução.

Entre 1890 e 1897

No período compreendido entre 1890 e 1897, a teoria psicanalítica se constitui paulatinamente em torno de uma concepção da etiologia das neuroses organizada a partir da noção de trauma. As primeiras reflexões mais consistentes sobre o tema encontram-se na “Comunicação preliminar”¹⁸. Nesse texto¹⁹, Freud e Breuer definem o trauma psíquico como uma espécie de “corpo estranho” que segue atuando muito tempo depois de sua “entrada”. Essa permanência decorre da impossibilidade, na qual o sujeito se encontra, de uma “reação enérgica” adequada diante de certo tipo de acontecimento. Por reação enérgica, os autores entendem os reflexos voluntários e involuntários pelos quais os afetos são descarregados. No caso da impossibilidade dessa reação ocorrer, o afeto permanece vinculado à lembrança, ou seja, a lembrança do acontecimento preserva integralmente sua tonalidade afetiva. Essa classe de “lembranças” será equiparada ao “trauma”: acontecimentos que não puderam ser ab-reagidos em função da natureza destes (tese de Freud), ou pelo estado psíquico em que o paciente os recebe (tese de Breuer), ou ainda pela presença de ambas as espécies de condições. Para Freud e Breuer, a reação e a retificação associativa de uma lembrança desse tipo, produzida no tratamento hipnótico, a impede de continuar atuando. O método visava portanto cancelar a ação da representação originariamente não ab-reagida.

¹⁸ FREUD, S. “Über den psychischen Mechanismus hysterischer Phänomene: Vorläufige Mitteilung”. In: STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. II, p. 28; idem, in: FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. I, p. 81.

¹⁹ Retoma-se a análise já desenvolvida no primeiro capítulo deste trabalho.

Tratava-se de explicar a impossibilidade de uma defesa normal do sujeito diante de determinados acontecimentos. Assim, a resposta a essa questão envolveria a discussão sobre a divisão da consciência, bem como o tema do caráter relativo à predisposição ou à aquisição dos fenômenos patológicos. Na “histeria de predisposição”, os estados hipnóides são anteriores à manifestação da doença e constituem o solo a partir do qual o afeto não poderá ser ab-reagido, dando espaço para a formação de uma lembrança patogênica com as conseqüentes manifestações somáticas do quadro. Na “histeria psiquicamente adquirida”, um “trauma grave” – responsável por uma supressão trabalhosa – está na origem de uma divisão expulsiva de grupos de representação.

Pouco tempo depois, Freud publica “As neuropsicoses de defesa”²⁰, texto no qual já se apresenta com nitidez a valorização do conflito defensivo como elemento distintivo na etiologia das neuroses e com isso o início da formulação de uma teoria da defesa. Nesse sentido, por exemplo, o aspecto comum às neuropsicoses de defesa – histeria, representações obsessivas e psicose – será precisamente a defesa, ou seja, o fato de que em todas elas ocorre uma “representação incompatível” à consciência, que o ego, em defesa, afasta da consciência. Portanto, a “divisão da consciência” se torna, para Freud, uma “conseqüência da defesa”.

Com relação a esse aspecto, é de particular interesse a discussão sobre a origem da divisão da consciência e seu papel na neurose histérica. Retomando, em seus traços mais gerais, o desenvolvimento dessa primeira parte do texto sobre as neuropsicoses: Freud examina as teses de Janet e

²⁰ FREUD, S. “Die Abwehr – Neuropsychosen (Versuche einer psychologischen Theorie der erworbenen Hysterie, vieler Phobien und Zwangsvorstellungen und gewisser halluzinatorischen Psychosen)”. In: STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. III, pp. 41-68; idem, in: FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. I, pp. 59-74; .

Breuer sobre o complexo sintomático da histeria, o qual é acompanhado, para ambos, da divisão da consciência com formação de grupos psíquicos separados. Para Janet, a divisão da consciência é um *traço primário* da alteração histérica, a qual se caracteriza pela debilidade inata da aptidão para a síntese, por um estreitamento do campo da consciência, que, como “estigma”, testemunha o caráter degenerativo presente nos indivíduos histéricos. Para Breuer, no entanto, a base e a condição da histeria são os estados hipnóides, ou seja, estados de consciência peculiares, caracterizados por uma aptidão limitada para a associação. Assim, a divisão da consciência é concebida por Breuer como secundária. Ela se dá como consequência do fato das representações que têm lugar nos estados hipnóides estarem justamente segregadas da associação com o restante do conteúdo da consciência. Para Freud, no entanto, a divisão da consciência será, em última instância, o resultado, ou a consequência, de um *ato voluntário do enfermo*. Sua origem reside no mecanismo desencadeado pelo ego frente ao advento de uma representação incompatível geradora de conflito, do qual o ego procura se afastar através de um processo de enfraquecimento dessa representação. Esse processo é precisamente o mecanismo de defesa, que consiste no empenho voluntário do sujeito em tratar tal representação como *non arrivée*. Mas, como essa tarefa é impossível, pois o traço mnêmico e o afeto aderido à representação não podem ser extirpados, resta ao ego um caminho alternativo, o qual consiste em converter essa representação em uma representação débil, arrancando-lhe o afeto, a soma de excitação a ela aderida, que deve, no entanto, encontrar outro emprego. Este é propriamente o mecanismo de defesa comum a histeria, fobias e representações obsessivas²¹.

²¹ No texto sobre as *neuropsicoses de defesa*, Freud parece procurar ainda manter uma certa “aliança” com Breuer. Assim, com relação aos “estados hipnóides”, interessava-lhe apenas assinalar sua determinação no caráter secundário da divisão da consciência. Caráter com o qual ele concordava, muito embora o secundário

Dois anos separam o texto da “Comunicação preliminar” e a última seção dos “Estudos sobre histeria”, em que se encontra o texto sobre as neuropsicoses de defesa que, como vimos, introduz claramente a posição de Freud com relação ao papel da defesa na etiologia das neuroses. Em março de 1895 ele conclui a última seção dos “Estudos” e, embora ele afirme continuar fiel ao conteúdo do primeiro texto, é bastante nítida a reorientação de algumas de suas concepções. Ele inicia o texto mencionando justamente o fracasso do “método de Breuer” em casos “claros” de histeria. Assim, o ponto de vista metodológico a ser adotado nesse texto será o exame da etiologia e dos mecanismos das “neuroses em geral”. Como resultado dessas investigações, descobre a importância dos fatores sexuais na etiologia das neuroses. Ele escreve: “*na medida em que se possa falar em causas determinantes que levam à aquisição de neuroses, sua etiologia deve ser buscada em fatores sexuais*”²². A essa formulação segue-se a hipótese de que diferentes *fatores sexuais* produzem diferentes distúrbios neuróticos e, uma vez confirmada essa relação, a possibilidade do emprego da própria etiologia na caracterização e distinção de seus respectivos quadros clínicos.

Assim, de uma certa maneira, as investigações iniciais sobre o trauma se desdobram na formulação da defesa e dos fatores sexuais como

decorresse para ele da defesa do ego frente à representação incompatível. A predisposição nesse texto é atribuída à aptidão para a conversão, ou seja, à capacidade para transpor à inervação corporal grandes somas de excitação. Encontra-se portanto nesse texto e também nos “Estudos sobre histeria” uma certa “composição” entre concepções que desde o início são antagônicas. A esse respeito, Freud escreve na *História do Movimento Psicanalítico*, que a primeira diferença com Breuer aflorou a partir do problema referente ao mecanismo psíquico da histeria: “*Breuer preferia uma teoria ainda fisiológica, queria explicar a divisão psíquica nos histéricos pela não comunicação entre diferentes estados dela (ou estados de consciência, como dizíamos então) e assim, criou a teoria dos estados hipnóides; para Breuer os produtos desses estados penetravam na consciência de vigília como corpos estranhos não assimilados. Eu entendia as coisas menos cientificamente e concebia a divisão psíquica como resultado de um processo de 'repulsão' ao qual chamei de defesa e mais tarde recalcque. Fiz um efêmero intento por deixar subsistir os dois mecanismos um ao lado do outro, mas como a experiência me mostrava só um deles e sempre o mesmo, logo minha doutrina da defesa se contrapôs à teoria dos estados hipnóides de Breuer*” (cf. FREUD, S. In: STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. XIV, pp. 7 e ss.).

determinantes na etiologia das neuroses. No entanto, essa crescente complexidade da teoria do trauma exige uma passagem que consiste na soldagem entre o “traumático” e o “sexual”, pois, no início, o campo recoberto pelo vivenciar sexual não remetia a um fator etiológico. Essa passagem se opera a partir da introdução da hipótese da sedução. Esta última permite situar o traumático no período anterior à puberdade, articulando-o a uma concepção da temporalidade da sexualidade humana. Esse é o papel da teoria da sedução. E é esse modelo que se rompe com o abandono da teoria da sedução.

Nesse momento, a teoria freudiana encontrava-se no interior de uma “lógica” que não comportava a busca da eficácia patológica de certos acontecimentos senão em um acontecimento traumático. Entendendo este último como uma experiência concreta na vida do sujeito. É precisamente para essa situação que Freud chama a nossa atenção na famosa carta de 1897, ou seja, a impossibilidade de continuar pensando a etiologia das neuroses naquele momento. Em outros termos, e selecionando apenas um dos aspectos de sua declaração nessa carta, a questão do estatuto do recalque se recoloca a partir do abandono da teoria da sedução, pois um dos problemas é exatamente o seguinte: se não nos encontramos mais frente ao excesso introduzido pelo trauma e à reação a posteriori gerada por este, o que justificaria, do ponto de vista psíquico (pois é disso que se trata) a hipótese quantitativa do recalque, ou, em outros termos (ainda não explicitamente colocados), no que consiste e sobre quais pressupostos se institui o mecanismo do recalque após o abandono da hipótese da sedução?

Com esse ordenamento de questões, volto para o exame dos textos freudianos publicados no período compreendido entre 1897 e 1899.

²² FREUD, S. “Studien über Hysterie”. In: STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. II, p. 265; idem, in: FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. I, p. 254-55.

Etiologia e sexualidade infantil

O primeiro trabalho de Freud, publicado após o proclamado abandono da teoria da sedução, não anuncia mudanças importantes no que se refere à etiologia das neuroses. Assim, a comparação, por exemplo, entre “Zür Ätiologie der Hysterie”²³ (Sobre a etiologia da histeria), redigido sob a orientação dos elementos presentes na teoria traumática da neurose, e seu primeiro artigo publicado em 1898 – redigido portanto após o abandono da teoria da sedução, intitulado “Die Sexualität in der Ätiologie der Neurosen”²⁴ (A sexualidade na etiologia das neuroses) – não fornece alterações significativas sobre o papel etiológico atribuído ao fator sexual.

Neste último artigo, Freud reafirma a tese de que “*fatores da vida sexual constituem as causas (Ursachen) mais próximas e de maior significação prática em todos os caso de afecção neurótica*”²⁵. A consequência dessa apreensão do fenômeno patológico consistiria essencialmente na importância do papel conferido aos *vínculos causais (die ursächlichen Beziehungen)*, estabelecidos entre a sexualidade e as neuroses, no discernimento dos diferentes quadros patológicos. Pode-se concluir, a partir das observações sobre esse texto de Freud e da análise do período anterior, realizada no primeiro capítulo deste trabalho, que a investigação freudiana sobre a etiologia das neuroses se mantém no registro da sexualidade como *causa externa* das patologias.

²³ Idem, “Zür Ätiologie der Hysterie”. In: STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. III, pp. 186-218; idem, in: FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. I, pp. 423-59.

²⁴ Idem, “Die Sexualität in der ätiologie der Neurosen”. In: STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. III, pp. 251-276; idem, in: FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. I, pp. 489-516.

²⁵ Idem, ibidem, in: STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. III, p. 257; idem, in: FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd.I, p. 491.

No entanto, neste último texto, Freud explicita, de maneira inaugural em sua obra, a idéia da existência de uma sexualidade infantil. Noção que certamente não altera de maneira imediata o quadro conceitual referido acima, mas que sem dúvida não lhe é complementar. Fundamentalmente porque, como vimos, a temporalidade da sexualidade humana (período não sexual seguido de um sexual), enquanto elemento universal, alicerçava a teoria da sedução.

Acompanhemos mais de perto a introdução da noção de sexualidade infantil no texto freudiano. Contrapondo-se à tese da predisposição neuropática particular, concebida como signo de uma degenerescência geral, Freud denuncia e critica a exclusão realizada pelos partidários desta que, ao levarem longe demais suas investigações sobre o caráter degenerativo presente na herança familiar, teriam elidido um importante período da vida, no qual pode-se adquirir os “germes” de uma posterior afecção, a saber, precisamente a infância.

Esse seria, por exemplo, o caso das neuropsicoses. A verdadeira etiologia dessas patologias encontraria sua determinação nas vivências infantis, em impressões que afetam a vida sexual. Erra-se, escreve Freud, “*ao desprezar por completo a vida sexual das crianças; ao que eu saiba, elas são capazes de todas as realizações sexuais psíquicas e de numerosas realizações somáticas*”²⁶. A seqüência do texto permite aferir o quanto a menção da existência da vida sexual das crianças assinala imediatamente um certo desacordo entre esta e o pressuposto, caro à teoria da sedução, da temporalidade da sexualidade humana. Esse caráter, na acepção lhe conferida na constituição da teoria da sedução, é explicitamente afastado nesse texto.

²⁶ Idem, *ibidem*, in: STRACHEY, J. (org.), *op. cit.*, vol. III, p. 272; idem, in: FREUD, Anna et al. (eds.), *op. cit.*, Bd. I, p. 511.

Referindo-se a esse aspecto, escreve Freud: “*assim como não é certo que os genitais externos e as glândulas reprodutoras constituam todo o aparelho sexual do ser humano, tampouco sua vida sexual começa somente com a puberdade*”²⁷.

Não se trata mais, portanto, de um tempo marcado por um período não-sexual, a infância, em face de um período propriamente sexual, no qual se fundava a explicação do efeito patógeno de certas vivências infantis. Com base nessa temporalidade, justificava-se o fato de certas ocorrências aparentemente anódinas vividas na infância poderem, mais tarde (no período dito sexual), assumir dimensão traumática. Trata-se da presença do sexual na infância.

O efeito patógeno das vivências sexuais infantis encontra explicação em um raciocínio ainda incipiente nesse momento da obra, mas que se desenvolverá nos textos posteriores de Freud, dando lugar a uma intensa investigação sobre o papel da cultura na formação da neurose. No entanto, no estudo em questão, a introdução desse tema permite vislumbrar algumas das dificuldades inerentes às investigações freudianas no período subsequente ao abandono da teoria da sedução, passíveis de apreensão na seguinte passagem:

a organização e o desenvolvimento da espécie humana aspiram a evitar uma atividade sexual mais vasta na infância: diríamos que as forças pulsionais sexuais devem armazenar-se no ser humano para que, liberadas na época da puberdade, possam servir a grandes fins culturais (W. Fliess). A partir desses nexos se compreende porque vivências sexuais da infância forçosamente terão efeito patógeno. Somente em mínima medida elas ostentam seu efeito na época em que se produzem; muito mais significativo é seu efeito posterior, que somente pode

²⁷ Idem, *ibidem*, in: STRACHEY, J. (org.), *op. cit.*, vol. III, p. 272; idem, in: FREUD, Anna et al. (eds.), *op. cit.*, Bd. I, p. 511.

sobrevir em períodos posteriores da maturação. Este efeito posterior parte, como não poderia ser de outro modo, dos vestígios psíquicos que as vivências sexuais infantis deixaram como seqüela. No intervalo entre a vivência dessa impressão e sua reprodução (ou antes, o reforço dos impulsos libidinais que daquelas procedem), não só o aparato sexual somático, mas também o aparato psíquico, experimentou um significativo acabamento e por isso resulta da influência dessas vivências sexuais precoces uma reação psíquica anormal: geram-se formações psicopatológicas²⁸.

Antes de qualquer coisa, o raciocínio de Freud parece indicar que ele admite uma tendência – amparada na consideração do modo de ser e de se desenvolver da espécie humana – a não permitir a eclosão da sexualidade na infância, tendência que materializa a reserva da libido infantil para fins culturais (como se a sexualidade adulta, reprodutiva, não pudesse encontrar uma sexualidade para a qual não se pudesse designar esse fim); essa tendência pode ser contrariada pelo reforço que as vivências sexuais infantis promovem em experiências sexuais a elas associadas, fato que parece promover o surgimento de uma sexualidade no mundo adulto que traz um excesso, justamente a sexualidade infantil.

Esse intrincado movimento consiste na afirmação da existência da sexualidade na infância, mas também, simultaneamente, na preservação da idéia de uma invasão do mundo psíquico, através da noção de “posterioridade” (*Nachträglichkeit*). Em suma, abandona-se a idéia da temporalidade da sexualidade humana, cujo início se daria na puberdade, mas certos traços do quadro conceitual no qual a sexualidade até então foi pensada são mantidos nos seus elementos mais importantes: as vivências sexuais infantis, agora não

²⁸ Idem, *ibidem*, in: STRACHEY, J. (org.), *op. cit.*, vol. III, p. 273; idem, in: FREUD, Anna et al. (eds.), *op. cit.*, p. 511.

mais fruto da sedução de um adulto, terão efeito patógeno *a posteriori*. Efeito sujeito aos processos de maturação.

Assim, a sexualidade é ainda concebida como causa externa dos fenômenos patológicos. No entanto, com esse último movimento, Freud a liga a um sistema que guarda certa diferença com relação ao anterior. Antes, a sexualidade – na medida em que a significação que provinha do mundo adulto acrescentava excitação à representação da cena infantil – perturbava com uma sobrecarga o aparelho psíquico; agora, vinculada a tendências genéricas da espécie, que no encontro de sua conseqüência maior parecem se ligar à cultura, a sexualidade, infantil de nascimento, invade o aparelho psíquico e contraria a tendência pressuposta. De uma certa maneira, é como se o conceito de sexualidade, e seu papel etiológico, tivesse sido ampliado: antes, por uma via interna ao aparelho psíquico, a disfunção; agora, uma disfunção marca uma desarmonia da espécie com seus fins na ordem da cultura, gerando um desacordo de escala maior.

Com relação a esse texto, parece também interessante assinalar o fato da menção ao tema da sexualidade infantil estar, nesse período, praticamente restrita a essa ocorrência. Na análise, por exemplo, do artigo sobre as “recordações encobridoras”, e mesmo da *Interpretação dos Sonhos*, surpreende o caráter contraditório de certas afirmações de Freud a respeito desse tema. De qualquer forma, aqui a atenção volta-se ao exame dessa questão.

O mecanismo do esquecimento

Em 1898, após ter publicado o texto sobre a sexualidade na etiologia das neuroses, Freud dedica um trabalho ao exame do mecanismo psíquico do

esquecimento²⁹. Tratava-se então de descrever e esclarecer os processos que lhe são característicos. Tal fenômeno se define por sua incidência preferencial sobre o uso dos nomes próprios e se exterioriza sob a forma do esquecimento destes. É ainda acompanhado por dois fenômenos colaterais: o rebaixamento da atenção que, malgrado os esforços para recuperar o nome perdido, se revela impotente enquanto esse empenho permanecer ativo e o aparecimento (e persistência) de um nome reconhecidamente incorreto em seu lugar, ou ainda, de uma letra ou sílaba percebida como parte integrante do nome buscado.

A análise psíquica de uma vivência particular permitirá a Freud esclarecer a natureza dos processos presentes nos esquecimentos desse gênero. O material a partir do qual organiza sua exposição será a história, já bastante conhecida, da viagem de Freud às cercanias de Herzegovina, durante a qual, em conversa com seu companheiro de viagem, não se recorda do nome Signorelli. Como seus substitutos, ocorre-lhe a mente Botticelli e Boltraffio.

Como se sabe, a conversa que precede à produção desse esquecimento centrava-se na cultura dos turcos na região da Bósnia. Naquela ocasião, Freud referira-se às impressões de um colega sobre o particular respeito que esse povo dedica aos médicos, aos quais chamam de *Herr*, e sua resignação frente ao destino. De tal modo que se um médico se visse obrigado a comunicar a um pai de família a morte de um dos seus, poderia encontrar a seguinte resposta: “*Herr [Senhor], não há mais nada a dizer. Eu sei que se pudesse salvá-lo, o teria feito!*”³⁰. Outra recordação, ainda referente à cultura dos bósnios, lhe vem à memória. Trata-se de um comentário sobre a importância conferida por esse povo às satisfações sexuais, cuja dimensão

²⁹ Idem, “Zum psychischen Mechanismus der Vergesslichkeit”. In: STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. III, pp. 277-89; idem, in: FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. I, pp. 517-27.

³⁰ Idem, in: STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. III, p. 283; idem in: FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. I, p. 522.

poderia ser apreendida na fala de um dos pacientes de seu colega, na qual novamente a palavra *Herr* aparece, mas desta vez relacionada ao valor atribuído aos prazeres sexuais³¹. Além desses dois comentários, Freud guardou a lembrança da suposição de um estreito vínculo entre esses traços da cultura do povo bósnio.

A partir da análise desse material, sustenta que o tema da sexualidade foi reprimido (*unterdrücken*)³² na conversa com seu companheiro de viagem: “naquele momento [na ocasião de sua conversa com o colega] nos parecia que cabia supor um nexo íntimo entre os dois traços de caráter, aqui elucidados, do povo bósnio. Mas, quando durante a viagem à Herzegovina, recordei este relato, reprimi (*Ich unterdrückte*) o segundo, onde se tocava o tema da sexualidade”³³. Precisamente essa “história reprimida” (*unterdrückte Geschichte*) e sua vinculação ao tema da morte fornecerão elementos para a compreensão do fenômeno do esquecimento em questão. Mas, o interesse em sua elucidação reside, sobretudo, na possibilidade de conceber essa

³¹ Idem, in: STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. III, p. 284; idem, in: FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. I, p. 522.

³² A tradução dos termos *Verdrängung* e *Unterdrückung* é problematizada por Laplanche e Pontalis, no *Vocabulário da Psicanálise*, 6ª edição. São Paulo: Martins Fontes, s. d.; e por Elizabeth Roudinesco e Michel Plon no *Dicionário de Psicanálise*, 1ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. Segundo o *Dicionário*, *Verdrängung*, traduzido em português por recalque, refere-se, na linguagem comum, ao “ato de fazer recuar ou de rechaçar alguém ou alguma coisa [...] Para Freud, o recalque designa o processo que visa manter no inconsciente todas as idéias e representações ligadas às pulsões e cuja realização, produtora de prazer, afetaria o equilíbrio do funcionamento psicológico do indivíduo, transformando-se em fonte de desprazer. Freud, que modificou diversas vezes sua definição e seu campo de ação, considera que o recalque é constitutivo do núcleo original do inconsciente. No Brasil também se usa recalçamento” (ROUDINESCO & PLON, p. 647). Quanto a *Unterdrückung*, repressão ou supressão, encontramos no *Vocabulário da Psicanálise* o seguinte: “A) no sentido lato: operação psíquica tendente a fazer desaparecer da consciência um conteúdo desagradável ou inoportuno (idéia, afeto, etc.). Neste sentido, o recalçamento seria uma modalidade especial da repressão. B) Num sentido mais restrito designa certas operações do sentido A diferentes do recalçamento: ou pelo caráter consciente da operação e pelo fato de o conteúdo reprimido se tornar simplesmente pré-consciente e não inconsciente; ou, no caso da repressão de um afeto, porque este não é transposto para o inconsciente mas inibido, ou mesmo eliminado. C) Em certos textos franceses traduzidos do inglês, a palavra *répression* é o equivalente errado de *Verdrängung*” (LAPLANCHE & PONTALIS, op. cit., p. 594). Assim, seguindo a orientação da tradução proposta no *Vocabulário* e no *Dicionário*, utilizam-se recalque (*Verdrängung*) e repressão (*Unterdrückung*).

³³ FREUD, S. In: STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. III, p. 284; idem, in: FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. I, p. 522.

manifestação como um modelo dos processos patológicos, aos quais também os sintomas das psiconeuroses devem sua origem, pois em ambos estão presentes os mesmos elementos e a mesma correlação de forças. É com esse intuito que Freud passa a se dedicar ao exame das “representações intermediárias” (*Zwischenvorstellungen*) que teriam permitido o enlace dos dois temas. O nome Signorelli é recalcado em função da ligação de *Signor* com *Herr* (senhor), forma utilizada nos dois trechos de conversa citados para se dirigir ao médico, e também presente em *Herzegovina*. O nome *Signorelli* é portanto forçado ao “recalcamento” em função da relação com o tema da sexualidade.

Os nomes dos pintores Botticelli e Boltraffio são, segundo Freud, “deslocados” (*verschoben*) e a “linha de prumo do deslocamento” é determinada pelos nomes contidos no tema recalcado ³⁴. Assim, *Botticelli* contém as sílabas finais de *Signorelli*, sem no entanto trazer *Signor*, referência direta a *Herzegovina*, que permanece recalcado. Também Bósnia, nome freqüentemente associado a *Herzegovina*, mostra sua influência ao nortear a formação dos substitutos *Botticelli* e *Boltraffio*. Portanto, o encontro do nome *Signorelli* é dificultado por seu enlace ao tema da sexualidade, do qual fazem parte os nomes Bósnia e *Herzegovina*.

No entanto, para que esse tema produza seus efeitos não seria suficiente reprimi-lo (*unterdrücken*) durante a conversa. Freud supõe seu estreito vínculo a certas “seqüências de pensamento” que se encontram no estado de recalque e que a resistência mantém afastados da consciência. Nesse sentido, o segundo nome substitutivo permitirá apreciar o efeito dessa conexão. Semanas antes da conversa sobre os afrescos de Orvietto, Freud

³⁴ FREUD, S. “Zum psychischen Mechanismus der Vergesslichkeit”. In: STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. III, p. 285; idem, in: FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. I, p. 253.

ocupou-se intensamente com o tema da morte e sua relação com a sexualidade em função de uma notícia recebida em *Trafoi*. Ele se encontrava nessa cidade quando soube do suicídio de um dos seus pacientes, vítima de “incurável perturbação sexual”. Será o nome da cidade na qual Freud se encontrava, *Trafoi*, que influenciará a eleição do substituto *Boltraffio*. Dessa forma, se esclarece o processo psíquico envolvido no esquecimento do nome Signorelli e seu vínculo com o recalcado, expresso na força de recalçamento exercida sobre esse nome e nos seus substitutos.

Como já dito, o interesse na elucidação do processo psíquico próprio a esse esquecimento reside sobretudo na possibilidade de concebê-lo como um modelo dos processos patológicos. Assim sendo, acompanhemos mais de perto a exposição de Freud a esse respeito:

do mesmo modo [como no caso de esquecimento analisado], e por meio de associações de semelhante superficialidade, uma seqüência de pensamento recalçada se apodera, na neurose, de uma impressão recente inofensiva e a faz imergir com ela no recalque (Verdrängung). O mesmo mecanismo que, a partir do nome Signorelli, gera os nomes Botticelli e Boltraffio, a substituição por representações intermediárias ou de compromisso, governa também a formação dos pensamentos obsessivos e das paramnésias paranóicas³⁵.

Ou seja, o mesmo mecanismo que, no exemplo investigado, faz com que o nome do pintor seja recalçado e os nomes dele derivados o substituam, encontra-se também na origem da formação dos pensamentos nos processos patológicos, tanto da neurose obsessiva quanto da paranóia. De qualquer forma, é interessante assinalar nessa citação a presença de certos elementos

³⁵ Idem, ibidem, in: STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. III, p. 286; idem, in: FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. I, p. 525.

que expressam de maneira significativa a distância entre a concepção do patológico anterior ao abandono da sedução e aquela que vemos se constituir ao longo do exame do mecanismo psíquico do esquecimento: não só o mecanismo do esquecimento é aproximado analogamente do mecanismo próprio às patologias – pois em ambos se trata da força exercida pelo recalque e da concorrência de um fator psíquico particular que se opõe ao desprendimento de desprazer –, como também a concepção do sexual, enquanto fator etiológico das neuroses, assume um diferente papel.

Acompanhemos seu desenvolvimento: a aptidão, freqüentemente ininteligível, para “desprender desprazer” que acompanha casos de esquecimento, como o acima relatado, aproxima-se de forma análoga ao modo como “*massas de pensamentos recalcados aderem sua capacidade afetiva a um sintoma cujo conteúdo psíquico parece, a nosso juízo, como inteiramente inadequado para semelhante desprendimento de afeto (Affektentbindung)*”³⁶. Assim, nos seres humanos saudáveis, bem como nos neuróticos, a fraqueza da memória ou a ausência de recordações obedece ao mesmo mecanismo, envolvendo o recalque e a concorrência de “*uma atitude favorável ou desfavorável de um fator psíquico particular que se recusa a reproduzir algo que desprenda desprazer, ou que possa subseqüentemente levar a um desprendimento de desprazer*”³⁷. Portanto, o recalque e uma tendência geral da vontade em evitar um desprendimento de desprazer estão na origem de fenômenos como o esquecimento, os pensamentos obsessivos, a paranóia e

³⁶ Idem, ibidem, in: STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. III, p. 287; idem, in: FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. I, p. 525.

³⁷ Idem, ibidem, in: STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. III, p. 287; idem in: FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. I, p. 526.

também a amnésia histórica, pois justamente nesta as pessoas “*não sabem o que elas não querem saber*”³⁸.

Ao fim deste extenso comentário sobre o mecanismo do esquecimento interessa assinalar, em consonância com o tema aqui desenvolvido, a significativa distância entre a concepção da determinação etiológica das neuroses, com a qual se trabalhou até aqui, e aquela que parece se introduzir a partir da discussão sobre o processo psíquico envolvido no esquecimento. Os textos anteriores, como já visto, estabelecem um nexo causal específico entre o sexual e os fenômenos patológicos. Mesmo o texto sobre a sexualidade na etiologia das neuroses, escrito após o abandono da teoria da sedução, inscreve o patológico nesse mesmo registro, sem importantes alterações no que se refere a essa concepção.

Ao investigar o mecanismo psíquico envolvido no esquecimento, as conseqüências são diversas. Freud aproxima o mecanismo próprio a esse fenômeno daqueles característicos das patologias. Em ambos trata-se da força de atração exercida pelo recalque e da concorrência de um fator psíquico particular que se opõe ao desprendimento de desprazer. Assim, no caso analisado, o “tema reprimido”, ou seja, a sexualidade, vinculado ao tema da morte, expresso nas palavras *Herr* e *Trafoi*, é atraído por seqüências de pensamentos que se encontram no estado de recalque, de tal forma que o nome do pintor Signorelli é forçado a esse estado em função de sua relação com as palavras (*Signor/Herr*, *Trafoi/traffio*). Esse mecanismo fornece um modelo para pensar o patológico que permite aquilatar a distância da concepção do sexual como causa dos fenômenos patológicos: nenhuma palavra sobre a “vida sexual” ou sobre o traumático. A analogia entre o mecanismo do

³⁸ Idem, *ibidem*, in: STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. III, p. 287; idem in: FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. I, p. 526.

esquecimento e o fenômeno patológico centra-se no efeito do recalçado e de um fator psíquico particular, a saber, a tendência do aparelho em evitar o desprazer. Não se trata mais de um fato externo ao próprio psiquismo, tal como a sedução ou determinadas práticas sexuais, mas da força de atração do recalçado, de um conteúdo que não pode aceder à consciência e de uma tendência da vontade em evitar o desprendimento de desprazer. No entanto, como se sabe, esses dois elementos encontravam seu fundamento e modo de operação nas formações patológicas a partir da teoria da sedução.

Com esse texto, portanto, o eixo da investigação sobre a etiologia das neuroses começa a se deslocar. À concepção do sexual como causa específica dos fenômenos patológicos se sobrepõe a noção de que determinados mecanismos psíquicos podem ser investigados como modelos privilegiados para pensar o patológico. A sexualidade é apresentada nesse texto como um “tema reprimido” que produz efeitos por sua relação com um conteúdo recalçado e não pelo seu caráter traumático. O acento incide sobre o exame do mecanismo envolvido nessa operação. Nesse sentido, é nítido o distanciamento da concepção da sexualidade como causa dos fenômenos patológicos, na acepção conferida à sexualidade no período anterior ao abandono da teoria da sedução.

É evidente que nesse momento ainda se percorre o interior de uma psicopatologia que pretende, tal como nos textos referidos acima no mapeamento do período compreendido entre 1890 e 1897, investigar fenômenos determinados por representações conflitantes. No entanto, se opera nesse momento da obra uma certa reorganização dos elementos que caracterizam o fenômeno patológico. Em primeiro lugar, e no texto sobre o mecanismo do esquecimento essa passagem é bastante clara, o recalque não remete exclusivamente à defesa patológica mas também a um funcionamento

constitutivo do psiquismo humano, comum tanto a fenômenos como o do esquecimento de um nome quanto às neuroses. Em segundo, e com relação a este aspecto o texto é um tanto elíptico, o próprio recalque passa a ser definido por outros elementos, restando portanto esclarecer o que constitui e sobre quais pressupostos está fundado o recalque nesse momento. Parece que a partir de questões como esta, que em última instância remete à etiologia das neuroses – em relação à qual Freud encontra-se nitidamente mobilizado – começa a se impor a necessidade de uma investigação que contemple o patológico desde uma teoria sobre a constituição do psiquismo humano, a qual encontra sua formulação metapsicológica na “Traumdeutung”.

Freud está às voltas com esse tipo de dificuldade ao incluir, por exemplo, na origem de fenômenos como o esquecimento os pensamentos obsessivos, a paranóia e a amnésia histérica, ainda um outro fator, a saber, uma *tendência geral da vontade em evitar um desprendimento de desprazer*. Bastante evidente, segundo ele, no caso das amnésias históricas. Nesse sentido, escreve Freud: “as pessoas históricas não sabem o que elas não querem saber”³⁹. Talvez fosse interessante comparar essa concepção com aquela dos “Estudos”, segundo a qual “as históricas sofrem de *reminiscências*”. Mas, seja como for, esses dois elementos (o recalque e uma certa tendência geral da vontade) estão na origem do fenômeno psíquico do esquecimento e dos patológicos e são apresentados desde uma nova perspectiva. Trata-se doravante de focalizar o funcionamento, diga-se, do “aparelho psíquico”, ou, em outros termos, passa-se do exame da reação patológica do sujeito frente à realidade do trauma da sedução ao exame da

³⁹ Idem, *ibidem*, in: STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. III, p. 287; idem in: FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. I, p. 526.

realidade psíquica desse sujeito perante temas como sexualidade e morte⁴⁰. Não se trata da “vida sexual” (*Sexualleben*) ou de qualquer experiência traumática que determine o episódio do esquecimento, mas da vinculação do tema da sexualidade às “seqüências de pensamentos” que se encontram em estado de recalque e da força de atração deste sobre tais representações, bem como da concorrência de um princípio ainda vago relativo à vontade.

Sobre Recordações Encobridoras

Um significativo desdobramento das questões referidas acima se encontra no texto publicado em setembro de 1899. Também dedicado ao exame de problemas relativos à memória e ao funcionamento do aparelho psíquico, o artigo intitulado “Über Deckerinnerungen” (Sobre Recordações Encobridoras)⁴¹ reafirma, entre outros importantes desenvolvimentos, não só a possibilidade de investigar o patológico a partir da elucidação de um processo psíquico envolvido em um fenômeno próprio também às pessoas normais, bem como a efetivação desse trabalho a partir do exame do modo de funcionamento e de organização do conteúdo psíquico característicos desse fenômeno, nesse caso o das “recordações encobridoras”. Desse modo, a direção da investigação não define só a elucidação do conceito de “recordações encobridoras”, introduzido nesse texto, mas também a delimitação do patológico a partir de mecanismos específicos de organização do próprio material psíquico. É ainda igualmente digna de nota nesse texto a

⁴⁰ A idéia, aqui apenas insinuada, encontrará desenvolvimento na “*Traumdeutung*”, quando Freud se dedica, na parte F do capítulo VII, à intelecção do vínculo entre consciente e inconsciente: “é preciso esclarecer que a realidade *psíquica* é uma forma particular de existência que não deve ser confundida com a realidade *material*” (cf. MITSCHERLICH, A.; RICHARDS, A. & STRACHEY, J. (eds.), op. cit., Bd. II, p. 587; STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. V, p. 607).

⁴¹ FREUD, S. “Über Deckerinnerungen”. In: STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. III, pp. 291-315; idem, in: FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. I, pp. 529-54.

afirmação, essencial à sua construção, da existência de um estreito vínculo entre a vida mental da criança e o material psíquico das neuroses.

Passando à análise do texto em questão, nele, Freud elege como material de investigação um fenômeno relativamente freqüente no tratamento psicanalítico de seus pacientes, a saber, a permanência na memória de recordações, ou ainda, de fragmentos de lembranças relativos aos primeiros anos de infância que, apesar de sua distância temporal, são “recordados em demasia”. Trata-se também, tal como no caso do esquecimento, de examinar o mecanismo específico dos processos envolvidos nessa outra manifestação. Freud parte da hipótese de que nessas “recordações” são omitidos precisamente aqueles elementos mais significativos de determinadas vivências e pretende esclarecer, nos termos de uma investigação centrada no funcionamento do aparelho psíquico, o fato do recalque incidir sobre o significativo, substituindo-o pelo indiferente.

Inicia sua argumentação a partir da reflexão sobre uma experiência comum e em relação à qual cada um de nós poderia dar seu testemunho, a saber, a existência de pessoas cujas primeiras recordações da infância referem-se a eventos cotidianos e muitas vezes indiferentes, desprovidos de força para terem provocado qualquer tipo de efeito emocional, até mesmo em crianças, mas que no entanto permanecem detalhadamente presentes na memória, enquanto, por outro lado, acontecimentos mais significativos e contemporâneos a tais eventos não são por ela retidos. Assim, a primeira questão de Freud com relação a esse fenômeno envolverá a necessidade de investigar o mecanismo específico desses processos. Conforme sua hipótese, precisamente os elementos mais significativos de determinadas vivências são omitidos nesse tipo de “recordação”. Desse modo, tratar-se-á de elucidar a

incidência do recalque sobre o significativo e a conseqüente substituição deste pelo indiferente.

A resposta remete à presença e atuação de duas *forças psíquicas* no processamento dessas recordações: uma voltada para a importância da vivência como motivo para lembrá-la e, a outra, uma resistência que se esforça por impedir tal distinção. A dinâmica de ambas é descrita por Freud da seguinte maneira: essas duas forças de contraposto efeito não se cancelam uma à outra, não há portanto predomínio de qualquer um dos motivos, dessa forma ocorre entre ambas um efeito de compromisso. Tal compromisso consistiria em fixar a vivência significativa através de um outro elemento psíquico associado ao elemento “chocante”, resultando desse processo a produção de uma imagem mnêmica deslocada de maneira associativa da primeira, que deveria ser justificada pelo evento original.

Esclarecido esse aspecto do processo, é possível compreender porque a “recordação substitutiva” deve estar revestida de um caráter trivial: ela deve, necessariamente, estar despojada dos componentes importantes da vivência que promoveram o conflito entre as forças psíquicas. A razão da permanência de recordações infantis (ou mesmo de fragmentos de lembrança) de eventos cotidianos e, muitas vezes, indiferentes não se deve então ao seu conteúdo, mas à relação existente entre este e o conteúdo reprimido.

A partir dessa compreensão, Freud elucida os elementos constitutivos do processo psíquico envolvido nesse fenômeno, são eles: conflito, recalque e substituição com formação de compromisso⁴². Processo presente, em todos os seus traços, nos sintomas neuróticos. Dessa maneira, reencontra-se a idéia, já anunciada no texto sobre o mecanismo psíquico do esquecimento, da possibilidade de conhecer o patológico através da

investigação de um fenômeno comum também às pessoas normais. Naquele texto, o tema reprimido e seu enlace a ilações de pensamento recalcadas impedem que a consciência tenha acesso ao nome do pintor, a não ser sob a forma de seus substitutos. Em “Über Deckerinnerungen”, os pensamentos inconscientes encontram também uma forma substitutiva de emergência. Em ambos esses mecanismos permitem esclarecer aspectos dos sintomas próprios às neuroses.

No entanto, além desse traço comum aos dois textos, reencontra-se o tema do conflito como determinante das formações patológicas. Mas, nesse texto, o conflito se funda em *duas forças psíquicas que não se cancelam*, são estas forças que buscam expressão sob a forma do compromisso, ou seja, ainda se encontra de certo modo, antes mesmo da primeira tópica, muito distante do conflito gerado entre representações inconciliáveis e o ego. Mesmo que seja possível pensar no desenvolvimento da noção de “divisão da consciência”, essa determinação *dinâmica* e a própria concepção dos elementos em conflito se alteram profundamente. O recalque não recobre exatamente o mesmo plano que a defesa, pois não se trata do “enfraquecimento” de representações inconciliáveis no ego, como também o conflito não se dá entre o conteúdo das representações e o ego, mas sim na relação existente entre o conteúdo das representações e o recalcado. Dessa relação, ou seja, da relação entre *as forças em jogo no aparelho* (tanto da força de atração do recalcado, quanto das forças que buscam sua expressão) se produz a formação de compromisso e todo o processo próprio aos sintomas psiconeuróticos.

Dessa maneira, o recalque encontra, ainda que embrionariamente, uma de suas bases de sustentação na idéia de que duas forças, que não se

⁴² Idem, in: STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. III, p. 302; FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. I, p. 537.

anulam, participam do funcionamento psíquico, e o conteúdo delas pode guardar relação com o recalçado (em si mesmo também uma força, *uma força de atração*). Não deixa de ser curioso o fato de que o abandono da teoria da sedução tenha dado lugar a um bom número de metáforas relativas às forças e sua dinâmica. Praticamente toda a etiologia das neuroses elaborada até 1897 foi de certo modo tributária da hipótese da sedução, na qual um fato expunha o aparelho a um excesso para o qual ele não encontrava possibilidade de descarga. Com o abandono dessa teoria, essa espécie de “excesso” é produzida pelo próprio funcionamento do aparelho, no jogo de forças que lhe é constitutivo. De qualquer forma, interessa assinalar, ao percorrer essa questão, a reorganização de certos temas da teoria freudiana que, a exemplo do recalque, são fundamentais às investigações etiológicas e foram desarticulados com o fracasso da hipótese da sedução. A partir dessas observações, é ainda possível considerar que a primeira tópica consiste também na resposta a certas questões deixadas em aberto com o abandono da teoria da sedução, como aquelas relativas ao recalque e portanto à própria etiologia das neuroses.

Ainda um outro importante ponto de interesse na análise do texto sobre as recordações, ausente no trabalho anterior, reside na tentativa de encontrar uma explicação para a constituição das fantasias e sua incidência sobre o infantil. O estreito vínculo entre a vida infantil e o material psíquico das neuroses será um dos aspectos a ser desenvolvido na investigação do fenômeno das recordações encobridoras.

Voltemo-nos mais detidamente ao referido estudo. Sob a “aparente inocência” de certas lembranças da infância, Freud encontra uma riqueza de significados, cuja detalhada exposição contempla sobretudo o vínculo entre o infantil e o material psíquico das neuroses. Freud parte do relato de um caso particular (hoje reconhecido como autobiográfico), que lhe parece “bastante

instrutivo”, especialmente por tratar-se de alguém que não é em absoluto neurótico ou, em todo caso, só o é muito levemente: trata-se de um homem de 38 anos, de educação universitária, que se interessa por questões psicológicas e que lhe teria apresentado uma versão abreviada de sua própria vivência.

Esse homem lhe diz sentir-se impossibilitado de compreender porque a lembrança de uma cena, que embora lhe pareça absolutamente indiferente, apresenta-se de maneira tão intensa em sua memória. Essa cena é descrita da seguinte forma:

vejo uma pradaria retangular, algo inclinada, verde e de espessa vegetação; no verde, há muitas flores amarelas, evidentemente são de dente-de-leão comum. No alto da pradaria há uma casa campesina e, à frente de sua porta, duas mulheres estão em pé conversando animadamente entre si: a camponesa com um lenço na cabeça e uma ama de crianças. Três crianças brincam na grama, uma delas sou eu mesmo (entre os dois ou três anos de idade), as duas outras são meu primo, um ano mais velho que eu, e sua irmã, que tem quase exatamente a minha idade. Estamos colhendo flores amarelas e cada um de nós segura um ramo de flores já colhidas. A menina tem o ramallete mais bonito e nós, os meninos, como que orientados por uma mútua combinação, caímos sobre ela e lhe arrebatamos as flores. Ela sobe chorando e a camponesa, como consolação, lhe dá um grande pedaço de pão preto. Tão logo vemos isso, atiramos fora as flores, corremos à casa e pedimos pão também. De fato o recebemos, a camponesa corta o pão com uma longa faca. Em minha lembrança, o pão tem um sabor delicioso. Nesse ponto a cena se interrompe⁴³.

A partir desse relato e das respostas que lhe são fornecidas sobre o momento da emergência da recordação, Freud interpreta as fantasias que a

⁴³ Idem, in: STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. III, pp. 304-5; FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. I, pp. 540-1.

constituem, definindo essa cena como uma “recordação encobridora”, cuja recorrência à memória lhe permite vislumbrar os dois importantes movimentos na vida desse homem, a saber, a fome e o amor. A construção dessa exposição merece ser acompanhada em seus detalhes.

A recuperação dessa cena infantil lhe ocorre aos dezessete anos de idade. Nessa ocasião, ele retorna pela primeira vez à sua cidade natal, hospedando-se na casa de uma família próxima a sua. São muitas as impressões acerca do momento, sobretudo aquelas que o remetem à história do empobrecimento de sua família, a qual lhe era particularmente sensível em comparação à significativa ascensão social experimentada pela família que o hospeda. No entanto, nenhuma dessas impressões é mais forte do que a provocada pela filha de seus anfitriões, uma menina de quinze anos, por quem se apaixona imediatamente. Desse seu primeiro amor, vivido em absoluto segredo, recorda-se do fato de ter sido afetado durante muito tempo pela cor amarela do vestido que ela usava quando se encontraram pela primeira vez e de ter se dedicado, durante longo tempo naquelas férias, a imaginar um passado melhor para sua família, o que lhe teria permitido casar-se com ela.

Três anos depois, uma segunda ocasião lhe suscita lembranças da infância. Dessa vez ele visita seu tio e encontra seus filhos (o menino e a menina da cena fixada na memória). Tal como a sua, essa família deixara a cidade natal à mesma época e, tal como a do seu primeiro amor, prosperara significativamente desde então. No entanto, ele encontrava-se na universidade, totalmente absorvido por seus livros, que não lhe parece ter ocorrido qualquer fantasia com relação à sua prima. De qualquer forma, lembra-se desse assunto ter sido tema de conversas entre seu pai e seu tio e de somente mais tarde, frente a dificuldades financeiras e profissionais, ter lhe sido possível refletir

sobre a boa intenção de seu pai ao planejar esse casamento, como uma espécie de reparação da catástrofe inicial da família que lhe teria marcado a existência.

A partir desses elementos e da confirmação de que esta última consideração ocorre-lhe no momento em que lutava por seu “pão de cada dia”, Freud faz a seguinte interpretação: sob essa cena aparentemente inocente, encontra-se o amálgama de duas fantasias, revelado por três diferentes elementos. Em primeiro lugar, a ênfase no *pão delicioso* servido no campo remete à fantasia da vida confortável, resultado de um bom casamento. O *amarelo* das flores corresponde à mesma fantasia, a de casar-se com a menina do vestido da mesma cor. Por fim, *atirar fora as flores em troca de pão*, refere-se a uma outra fantasia, a de desposar sua prima, ou seja, desistir de suas idéias pouco práticas e ocupar-se em ganhar o pão.

Essa cena infantil, portanto, é o resultado da projeção de duas fantasias, uma sobre a outra. As flores alpinas são indício da elaboração dessa lembrança, construída com freqüência inconscientemente, como um trabalho de ficção. Nesse sentido, a autenticidade ou não da cena seria irrelevante, pois sua importância reside no fato de ter sido selecionada, entre inúmeras outras, em função do seu conteúdo (em si mesmo indiferente) estar apto a figurar essas duas fantasias. Em suma, esta é precisamente a natureza de uma “recordação encobridora”, a saber, ser “*uma recordação cujo valor consiste em substituir na memória impressões e pensamentos de uma data posterior, cujo conteúdo relaciona-se ao genuíno mediante vínculos simbólicos e outros semelhantes*”⁴⁴.

Para Freud, essa “recordação encobridora” ilustra os importantes movimentos da biografia desse homem. Trata-se da influência das duas mais poderosas forças pulsionais nela presentes: a fome e o amor. Segundo ele, a

fome está evidentemente figurada nas idéias relativas ao pão. O amor, no entanto, encontra figuração de maneira mais complexa, pois o pensamento inconsciente que acompanha o pensar-se casado é “grosseiramente sensual” (tirar as flores de uma moça = deflorar). Por esse motivo, não se desenvolve em fantasia consciente, encontrando seu caminho na forma de uma cena infantil, nesse caso, sob a metáfora das flores.

Resta no entanto esclarecer porque essas fantasias buscam figurar-se justamente em uma cena infantil. Com relação a esse ponto, Freud sustenta a hipótese da existência de “razões mais gerais” que promovam o desvio de pensamentos e desejos recalcados em recordações da infância, pois a mesma conduta pode ser observada com total regularidade em pessoas histéricas⁴⁵.

Seguindo novamente o texto de Freud, que chega à conclusão de que, a partir das duas ocasiões acima mencionadas, e apoiado em motivos reais, deve ter ocorrido a esse homem o seguinte pensamento: “*se você tivesse se casado com essa menina ou com outra, sua vida teria sido muito mais agradável*”⁴⁶. A análise desse pensamento dá lugar à explicação do processo psíquico nele envolvido, a saber, “a corrente sensível” (*die sinnliche Strömung*) repete os pensamentos da “oração condicional” (*Bedingungssatzes*) em representações aptas a proporcionar satisfação. No entanto, por ser inconciliável com a predisposição sexual dominante, a segunda versão do pensamento permanece inconsciente, mas justamente por isso pode perdurar na vida psíquica mesmo depois da versão consciente ter sido anulada por uma alteração na realidade objetiva. De acordo com essa lei mais geral, a oração que permanecera inconsciente transforma-se em uma cena infantil que, esta sim, em função de seu caráter de inocência, pode tornar-

⁴⁴ Idem, in: STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. III, p. 309; FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. I, p. 546.

⁴⁵ Idem, in: STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. III, p. 310; FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. I, p. 547.

⁴⁶ Idem, in: STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. III, p. 310; FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. I, p. 548.

se consciente. Com a finalidade de aceder à consciência, essa cena experimenta no entanto duas novas transformações, uma delas remove o elemento “chocante” da premissa maior (*Vordersatz*), expressando-o figurativamente, a outra impõe à premissa menor (*Nachsatz*) uma forma apta à figuração visual. De tal forma que, através dessa fantasia, se encontra uma realização dos dois desejos reprimidos: o desejo de deflorar e o desejo de bem-estar social⁴⁷.

No entanto, em toda essa imbricada construção, há ainda um aspecto a ser esclarecido, a saber, a tendência das fantasias reprimidas buscarem figuração na cena infantil. A explicação consiste no seguinte: esse “desvio” se deve à existência de um traço mnêmico, cujo conteúdo oferece pontos de contato com a fantasia. A partir desse ponto de contato – nesse caso, deflorar e arrebatrar as flores – o conteúdo restante da fantasia é remodelado, mediante representações intermediárias admissíveis (o pão, por exemplo), até encontrar novos pontos de contato com o conteúdo da cena infantil. Assim, é provável que no curso desse processo a mesma cena infantil sofra alterações e se produza dessa forma falseamentos da recordação. No caso desse relato, observa-se a acentuação de algumas de suas impressões, tal como, por exemplo, o excessivo realce do amarelo e o exageradamente rico sabor do pão. No entanto, essa recordação somente chega à consciência, em detrimento de todas as outras, pelo fato de sua matéria prima ser utilizável. Um segundo aspecto relaciona-se à autenticidade da cena infantil: o fato da fantasia não coincidir completamente com ela, mas estar somente apoiada em alguns de seus pontos⁴⁸.

⁴⁷ Idem, in: STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. III, pp. 310-1; FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. I, p. 548.

⁴⁸ Idem, in: STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. III, pp. 311-2; FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. I, pp. 548-9.

Como já foi dito acima, uma “recordação encobridora” deve seu valor mnêmico ao vínculo existente entre seu conteúdo e um outro (reprimido). Assim, é possível distinguir diversas classes de lembranças a partir do tipo de vínculo estabelecido entre esses conteúdos. De qualquer forma, o fundamental é que essas recordações não remetem à realidade objetiva dos primeiros anos de nossas vidas, mas sim como elas apareceram mais tarde (no momento em que foram despertadas). Segundo Freud, essas lembranças são formadas nesse momento e desse processo de formação participam motivos cujo propósito é alheio à fidelidade histórica. As lembranças infantis não afloram intactas da memória em um período posterior, elas são, isto sim, o resultado de um compromisso.

As considerações de Freud nesse texto fornecem certos elementos sobre a construção do conceito de sexualidade. Como já visto anteriormente⁴⁹, ele não desconhece a idéia de sexualidade infantil. No entanto, em todo o seu desenvolvimento não há qualquer menção direta a esse tema. A investigação sobre as “recordações encobridoras” se efetiva a partir da concepção da sexualidade adulta: a fantasia inconsciente do adulto procura seu acesso à consciência através de sua figuração em uma cena infantil. É esse “desvio” que, sob o “disfarce inocente” de uma recordação da infância, lhe permite o acesso à consciência. Não se trata portanto da sexualidade infantil, mas sim de uma “recordação da infância”, na qual se apóia uma fantasia sexual, ocorrida posteriormente. O “infantil”, nesse texto, é apenas portador de um material “*utilizável*”⁵⁰, as fantasias são nele projetadas.

É necessário fazer uma breve “ressalva” a estas últimas observações. Ao iniciar a resposta da questão posta pela incidência das

⁴⁹ Durante exame do texto “Die Sexualität in der Ätiologie der Neurosen”.

⁵⁰ “Das Rohmaterial war aber brauchbar” (cf. FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. I, p. 549): “mas a matéria prima era utilizável” (cf. STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. III, p. 311).

fantasias sobre a cena infantil, o “amor à inocência”, tão próprio à infância, é apresentado por Freud como uma justificativa plausível para tal ocorrência. Com essa declaração, devolve a observação a seu suposto interlocutor e acrescenta o seguinte comentário: *“pode o senhor imaginar um maior contraste com esses propósitos de agressão sexual grosseira que uma brincadeira infantil?”*⁵¹. Esse “diálogo” não deixa de ser intrigante, pois, de fato, restou esclarecer o porquê do privilégio concedido ao material infantil entre outros possíveis. A comparação entre esse comentário e o texto publicado pouco mais de um ano antes dele, no qual afirmou que *“erra-se ao desprezar por completo a vida sexual das crianças [...] elas são capazes de todas as realizações sexuais psíquicas e de numerosas realizações somáticas”*⁵², parece evidenciar que o tema da sexualidade infantil, embora não seja diretamente tratado no exame das recordações encobridoras, não deixa de ser apresentado como um dos seus necessários desenvolvimentos.

É plausível que Freud ao mencionar o “amor à inocência” refira-se, apenas ironicamente, ao desenvolvimento a ser feito a partir da investigação acerca da questão da incidência e figuração das fantasias sobre o infantil. Contudo, no texto analisado, o infantil aparece somente sob a forma de um “disfarce útil”. O recurso aos pontos de contato existentes entre traços mnêmicos e fantasia não esgota a explicação. Esta se restringe a fazer das recordações encobridoras uma formação de compromisso capaz de permitir o acesso das fantasias inconscientes à consciência. Tal processo envolve um conflito entre pensamentos inconscientes, tais como deflorar uma moça e casar-se por uma vida financeira mais agradável, e pensamentos conscientes

⁵¹ FREUD, S. “Über Deckerinnerungen”. In: STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. III, p. 310; idem in: FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. I, p. 547.

⁵² Idem, “Die Sexualität in der Ätiologie der Neurosen”. STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. III, p. 272; idem in: In: FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. I, p. 511.

de um homem moralmente educado. Esse conflito psíquico impede o livre trânsito desses pensamentos à consciência. São estas, portanto, as “razões mais gerais” que norteiam o desvio de pensamentos e desejos recalcados em direção às recordações infantis, mas, novamente, não explicam o porquê dessa direção e não outra. A partir dessas observações, é possível aquilatar a considerável distância do “infantil recalcado”: os pensamentos e desejos recalcados guardam, nesse texto, uma relação de uso com o infantil.

Como se procurava apontar, no início da análise desse texto, encontra-se também neste o desenvolvimento de uma certa reorientação das investigações sobre os fenômenos patológicos, ou ainda, um desdobramento da discussão por ele articulada ao pesquisar o mecanismo psíquico do esquecimento. Assim, o exame do processo psíquico que converte cenas infantis em “recordações encobridoras” permite concluir que os elementos que lhe são próprios, a saber, “conflito, recalque e substituição com formação de compromisso” caracterizam, invariavelmente, todos os sintomas psiconeuróticos. E essa apreensão do caráter do processo psíquico envolvido no fenômeno franquia a possibilidade de compreensão da “formação do sintoma”. Com essa passagem, o patológico é circunscrito por uma investigação que contempla o psiquismo e seus processos constitutivos, encontrados a partir da análise de certos fenômenos psíquicos, como fatores determinantes na etiologia das neuroses.

Algumas observações

A proposta deste capítulo consistiu em acompanhar uma certa reorientação das investigações etiológicas de Freud no período compreendido entre o proclamado abandono da teoria da sedução e aquele que antecede a

formulação da primeira tópica. A hipótese centrava-se na suposição de que esse abandono teria provocado um considerável abalo nas investigações, fundamentalmente porque tal teoria permitia conciliar os dois fatores etiológicos até então descobertos, a saber, o trauma e o sexual. Na ausência da sedução, o próprio Freud se declara aturdido com relação ao problema da etiologia das neuroses.

Neste capítulo, portanto, pretendeu-se estudar o movimento posterior da teoria freudiana e suas necessárias reformulações. Na análise dos textos produzidos nesse período, priorizou-se o desenvolvimento da temática relativa à etiologia das neuroses em seus dois elementos fundamentais, a noção de sexualidade e a reformulação da noção de defesa através do conceito de recalque. Assim, desde o texto sobre o esquecimento, a questão do conflito psíquico se reorganiza em outras bases, esboçando, no movimento que se inaugura e desenvolve a partir desta, a direção a ser assumida definitivamente na “Traumdeutung”. Esse movimento consistiu em situar paulatinamente as investigações etiológicas no campo da constituição do psiquismo, o qual se realiza com o exame de certos fenômenos psíquicos e a formulação do próprio modo de funcionamento do aparelho psíquico e sua construção na primeira tópica.

Portanto, este trabalho acompanha a “reconstrução” da possibilidade de acesso à etiologia das neuroses a partir de um traço fundamental na reorientação das pesquisas etiológicas de Freud, ou seja, a concepção e investigação dos processos envolvidos nos fenômenos psíquicos normais como modelos de acesso ao patológico, do qual decorre o interesse pelo esquecimento, as recordações encobridoras e o sonho.

Com relação ao primeiro, aproximado analogamente do mecanismo próprio às patologias, pois se tratava em ambos da força exercida pelo

recalque e de um fator psíquico particular (a tendência da vontade em evitar o desprazer), constata-se a distância dessa concepção com relação ao período anterior. O elemento distintivo refere-se à nitidez com que o recalque não remete exclusivamente à defesa patológica e passa a se insinuar como um fator constitutivo do psiquismo, comum a fenômenos como o esquecimento e às neuroses. Assinala-se com isso a perspectiva desde a qual esses elementos são apresentados: focalizar o funcionamento do “aparelho psíquico”, ou ainda, passar do exame da reação patológica do sujeito diante da realidade do trauma da sedução ao exame da realidade psíquica deste sujeito diante de temas como sexualidade e morte. Passagem que remete à questão da sustentação da teoria do recalque, necessariamente posta em causa a partir do abandono da teoria da sedução e, sobretudo, à alteração do papel conferido à sexualidade enquanto fator etiológico.

Esta última é uma das questões centrais no texto sobre as recordações. Freud reafirma o movimento iniciado no texto anterior e, através da investigação de um fenômeno psíquico normal, pretende elucidar também o mecanismo comum aos fenômenos psicopatológicos. De certo modo, esse texto antecipa alguns dos elementos da “Interpretação dos Sonhos”, como, por exemplo, a idéia da presença de duas forças psíquicas e da dinâmica entre elas. O processo envolvido tanto nas recordações quanto nos sintomas psiconeuróticos decorre desse fator e seus elementos são: conflito, recalque e formação de compromisso. Nesse texto, encontra-se novamente a distância entre a concepção dos elementos nele envolvidos e aqueles presentes no quadro delimitado pela teoria do trauma, em que a hipótese da sedução desempenha papel fundamental.

A partir dessas observações, pretende-se dar continuidade ao exame da questão com a análise do texto de Freud sobre o sonho, pois, como é

possível concluir com base na análise dos estudos que o antecedem, o significativo deslocamento das investigações etiológicas promove um bom número de problemas que encontrarão sua formulação explícita somente neste último escrito. É o caso, por exemplo, das questões relativas ao mecanismo próprio ao recalque. Trata-se, portanto, de recolocar, em relação à “Traumdeutung”, a pergunta pelo modo de inscrição da sexualidade nesse deslocamento das investigações etiológicas. No trabalho sobre as “recordações encobridoras”, encontra-se um certo “indício” do caminho trilhado por Freud com relação a essa questão: a sexualidade, ou o amor em sua expressão “grosseiramente sensual” (deflorar a moça), é recalcada enquanto conteúdo psíquico suscetível de promover conflito com as aspirações de um homem moralmente educado. Nesse sentido, a sexualidade converte-se em um “tema recalcado”, uma espécie de “idéia incompatível”, cujos efeitos patógenos decorrem do processo de recalque que a envolve, sem qualquer menção à cena de sedução ou a determinadas práticas sexuais, nem mesmo à sexualidade infantil que, como visto, apresenta-se como uma espécie de “disfarce útil” à figuração de um “pensamento inconsciente”. Em outros termos, a noção da importância de determinados processos psíquicos na etiologia das neuroses se sobrepõe à concepção da sexualidade como “causa” das patologias. Resta portanto esclarecer a natureza desses processos e sobre quais pressupostos eles se fundam.

Por fim, a partir da análise dos textos publicados após o abandono da teoria da sedução e de algumas observações muito genéricas de parte da correspondência de Freud com Fliess durante esse período, este capítulo se restringe a esboçar o distanciamento das investigações freudianas relativas à concepção da sexualidade como causa dos fenômenos patológicos. Esse movimento mais geral, que envolveu o delineamento, é sem dúvida permeado

pela emergência de uma série de elementos caros à teoria freudiana. Pensa-se, nesse sentido, nas primeiras formulações sobre o complexo de Édipo, em sua relação com a fonte da moral e o acesso à natureza essencial do recalque e também na concepção da sexualidade infantil. No entanto, embora eles estejam contemplados na mencionada correspondência, e sua presença de certo modo “marginal” em determinados textos possa ser, tal como se fez, assinalada, sua assunção na obra obedece a uma apresentação necessariamente mais rigorosa, que será verificada a partir de sua relação com a construção da teoria da sexualidade.

Capítulo 3

Etiologia das neuroses e funcionamento psíquico

Como mostrado no capítulo anterior, o abandono da teoria da sedução implicou uma certa reorientação das investigações etiológicas e, num tal contexto, os fenômenos psíquicos normais como o esquecimento, as recordações (encobridoras) e os sonhos converteram-se no campo de interesse privilegiado de Freud: tratava-se de investigar o processo psíquico neles envolvido. Assim, o exame do início desse movimento, realizado a partir da análise dos textos dedicados à investigação dos dois primeiros fenômenos, aponta para o delineamento de um novo campo de pesquisas, no qual o papel da sexualidade parece não mais coincidir com o de causa dos fenômenos patológicos, no sentido a ela atribuído no momento anterior. No entanto, como foi também assinalado, ele não franqueou imediatamente, como muitas vezes se supõe, o caminho em direção à sexualidade infantil. Ao contrário, a análise dos estudos em questão pôde evidenciar a complexidade da discussão que a envolve.

O sonho, ou a compreensão do processo psíquico próprio a esse fenômeno, será objeto de investigação da “*Traumdeutung*”, obra que, muito embora esteja situada nesse momento de reorientação das investigações etiológicas aqui apontado, pela dimensão do trabalho realizado se constitui como um dos mais complexos e importantes estudos da psicanálise e, nesse sentido, ultrapassa o limite do recorte por ora proposto. De qualquer forma, interessa assinalar que nesse escrito de Freud se encontra um grande esforço de articulação de algumas das respostas às dificuldades impostas à teoria desde o abandono da hipótese da sedução. É o caso, por exemplo, do

desenvolvimento da reflexão referente ao mecanismo do recalque. Além disso, e sobretudo, realiza-se nessa obra, de modo mais extensivo, esse deslocamento das investigações etiológicas, delineado desde o texto sobre o mecanismo psíquico do esquecimento: a causa do adocimento passa definitivamente a ser buscada através da investigação do funcionamento do psiquismo humano.

Contudo, neste terceiro capítulo, pretende-se apenas circunscrever a noção de desejo com a qual Freud opera em “Interpretação dos Sonhos” e sua relação com o campo designado pela sexualidade. Na medida em que o fenômeno a ser nela investigado articula-se, desde o início, à idéia de realização de *desejo*, seu papel na economia desse texto é de fundamental importância. Assim, neste momento do desenvolvimento do trabalho, trata-se de analisar a concepção da natureza do desejo realizado no sonho e sua possível referência à sexualidade.

Sobre a noção de desejo

Voltemo-nos, portanto, para a análise do texto de Freud, mas, antes do exame da questão que interessa, é necessário circunscrever um dos problemas centrais na recepção da “Traumdeutung”, no que se refere a esse aspecto. Dificuldade em relação à qual, aliás, o próprio Freud não deixou de ser testemunha, como demonstra, por exemplo, a carta publicada parcialmente em 1921¹. Nesta, Freud protesta veementemente contra o equívoco presente na

¹ Tanto na edição da *Studienausgabe*, “Die psychogene Sehstörung in psychoanalytischer Auffassung” [MITSCHERLICH, A.; RICHARDS, A. & STRACHEY, J. (eds.). *Die Freud-Studienausgabe*. Bd. VI, Frankfurt am Main: S. Fischer, 1989, pp. 205-213, nota 1, p. 210], quanto na edição da *Amorrortu*, “La perturbación psicógena de la visión según el psicoanálisis” [STRACHEY, J. (org.). *Obras Completas Sigmund Freud*. Tradução do alemão de José L. Etcheverry. Vol. XI. Buenos Aires: Amorrortu, pp. 205-16], uma nota de rodapé assinala a primeira aparição do termo “Ichtriebe”, traduzido por “pulsões egóicas”. No entanto, na edição em espanhol, há um acréscimo a essa observação que interessa apontar neste trabalho. Etcheverry traduz integralmente a nota de Strachey, na qual ele cita uma carta de Freud, publicada parcialmente na edição

recepção da teoria dos sonhos, assinalando com muita clareza o ponto sobre o qual incide sua crítica. Escreve ele: “*jamais afirmei que todo sonho expresse a realização de um desejo sexual, com freqüência disse o contrário. Não obstante, não alcancei qualquer resultado com isso, e se continua repetindo o mesmo*”.

Ainda sobre essa aproximação imediata entre “desejo” e “sexual”, encontra-se a referência ao mesmo problema no próprio texto da “*Traumdeutung*”. Em duas notas² a ele posteriormente acrescentadas, a primeira datada de 1911 e a segunda de 1925, Freud cita a ampliação e a modificação de sua fórmula sobre o sonho, tal como ela foi expressa por Otto Rank em seu trabalho de 1910: “*o sonho, sobre a base e com o auxílio de um material infantil-sexual recalcado, figura desejos atuais disfarçados e com roupagem simbólica, em geral também eróticos*”. Na segunda³, Freud é contundente na crítica à leitura que pretende atribuir a sua própria teoria a

francesa de 1921. Nessa carta, Freud denuncia o equívoco presente na introdução feita por Edouard Claparède, então professor da Universidade de Genebra, à publicação das *Cinco Conferências de Introdução à Psicanálise* na Revue de Genève. Por ocasião da edição francesa dessa obra, Claparède acrescenta um apêndice no qual cita um fragmento dessa carta. Nela, Freud insiste na distinção por ele estabelecida entre as duas classes de pulsões e protesta contra a confusão acerca de suas concepções por parte de Claparède. Mas, no âmbito deste trabalho, interessa o comentário de Freud sobre o equívoco, de alguma maneira generalizado, em torno de sua concepção do sonho como realização de desejo. Com este objetivo, cita-se mais extensamente a referida passagem [cf. STRACHEY, J. (org.), op. cit., p. 212]: “*eu tenho declarado e repetido com a máxima clareza, em relação com as neuroses de transferência, que estabeleço uma distinção entre as pulsões sexuais e as pulsões egóicas, e que, no que me diz respeito, a libido só designa a energia das primeiras das pulsões sexuais. É Jung, e não eu, quem torna equivalente a libido à força pulsional de todas as operações psíquicas, e quem combate a natureza sexual da libido. Sua descrição não se ajusta à minha concepção e nem à concepção de Jung, é uma mescla de ambas: de mim toma a natureza sexual da libido e de Jung sua significação generalizada. Assim se cria na imaginação dos críticos um pansexualismo que não existe em minhas concepções, nem nas de Jung. No que me diz respeito, advirto cabalmente a presença do grupo de pulsões egóicas, assim como tudo o que a vida psíquica deve a elas. Mas isto é ocultado do público em geral, que o ignora. Costuma-se agir da mesma maneira ao descrever minha teoria dos sonhos. Jamais afirmei que todo sonho expresse a realização de um desejo sexual, com freqüência disse o contrário. Não obstante, não alcancei qualquer resultado com isso e se continua repetindo o mesmo” [grifo meu].*

² Peter Gay [in: Uma vida para o nosso tempo. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 655] assinala o valor da Studienausgabe no que se refere ao aparato editorial baseado na Standard Edition inglesa e a importante diferenciação das diversas edições de obras como “A Interpretação dos Sonhos” e os “Três ensaios sobre teoria sexual”. Em razão do papel desse diferencial na análise destas obras, mantêm-se como referência, nos capítulos dois e três deste trabalho, a edição da Studienausgabe.

³ Idem, ibidem.

concepção desenvolvida por Rank, tal como aparece formulada no trabalho deste último.

Esse comentário de Freud é de particular interesse para o desenvolvimento da hipótese deste trabalho, portanto, pede-se licença para uma longa citação do mesmo. Deste consta:

em parte alguma eu disse que subscrevia esta fórmula de Rank acerca do sonho. Em meu juízo, basta a versão mais breve exposta no texto⁴. Mas simplesmente o fato de ter citado a modificação de Rank foi suficiente para atrair à psicanálise esta pecha, repetida inúmeras vezes: ela afirma que todos os sonhos têm conteúdo sexual. Se se entende esse enunciado dessa maneira, isto não provará senão a falta de escrúpulos com que procedem os críticos em seus assuntos e a tendência dos adversários de não verem as manifestações mais claras quando elas não se prestam às suas inclinações agressivas, pois umas páginas antes⁵ eu havia mencionado as múltiplas realizações de desejo dos sonhos infantis (fazer uma excursão ou um passeio pelo lago, obter uma comida proibida, etc.), e em outros lugares me ocupei dos sonhos de fome⁶, dos sonhos por estímulo de sede⁷, por estímulo de excreção e dos sonhos de pura comodidade⁸. Tampouco Rank sustenta uma asseveração absoluta. Diz em geral também eróticos, e isto pode ser corroborado na maioria dos sonhos de adultos.

⁴ Esta nota se inscreve no capítulo IV da “Traumdeutung” e, a seguir, examina-se a “versão mais breve”, à qual Freud se refere nessa passagem, a saber, à fórmula de que “o sonho é a realização (disfarçada) de um desejo (reprimido, recalcado)”.

⁵ Referência às páginas nas quais o tema das múltiplas realizações de desejo é mencionado [cf. MITSCHERLICH, A.; RICHARDS, A. & STRACHEY, J. (eds.), op. cit., Bd. II, p. 145 e ss.; STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. IV, p. 146 e ss.; FREUD, Anna et al. (eds.). *Sigmund Freud Gesammelte Werke*. Bd. VI. Frankfurt am Main: Fischer, 1999, Bd. II/III, p. 132 e ss.

⁶ Referência à nota na qual explicita este tema: p. 149, nota 1 (MITSCHERLICH, A.; RICHARDS, A. & STRACHEY, J. (eds.), op. cit., Bd. II); p. 150, nota 11 (STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. IV) e p. 136, nota 2 (FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. II/III).

⁷ Referência às páginas 142-3 (MITSCHERLICH, A.; RICHARDS, A. & STRACHEY, J. (eds.), op. cit., Bd. II); pp. 143-4 (STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. IV) e pp. 128-129 (FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. II/III).

⁸ Referência às páginas 143-4 (MITSCHERLICH, A.; RICHARDS, A. & STRACHEY, J. (eds.), op. cit., Bd. II); pp. 144-5 (STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. IV); e pp. 129-130 (FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. II/III).

Também ao tratar da “Revisão da Teoria dos Sonhos”, na vigésima nona conferência das *Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse* (Novas Conferências de Introdução à Psicanálise)⁹, Freud retoma a mesma crítica: “*certas fórmulas se tornaram conhecidas; entre elas, algumas que nós nunca sustentamos [grifo meu], como a tese de que todos os sonhos são de natureza sexual*”.

A essas suas contundentes declarações, é necessário acrescentar a formulação sobre o que Freud considera “o essencial no sonho”, cuja “versão mais breve” é apresentada nos parágrafos finais do capítulo quatro da “Traumdeutung”: “o sonho é a realização (disfarçada) de um desejo (reprimido, recalçado)”¹⁰. Ou seja, nessa “fórmula” (*Formel*), palavra com que Freud a designa, não se encontra qualquer referência ao conteúdo exclusivamente sexual dos sonhos, sejam eles de adultos ou crianças. Ela decorre, ao contrário, de uma extensa investigação, iniciada no capítulo três, sobre a validade da hipótese do sonho como realização de desejo, no qual, como veremos a seguir, Freud afirma, com muita clareza, as múltiplas realizações de desejos presentes tanto nos sonhos infantis quanto nos sonhos de adultos. Nessa fórmula, não se apresenta também qualquer elemento que permita supor um vínculo implícito entre o “reprimido/recalçado” e o sexual infantil, como sugerem certas leituras.

⁹ FREUD, S. “Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse”. In: MITSCHERLICH, A.; RICHARDS, A. & STRACHEY, J. (eds.), op. cit., Bd. I, p. 452; idem, “Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis”. In: STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. XX, p. 8. [FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. XV, p. 7]

¹⁰ Idem. “Die Traumdeutung”. In: MITSCHERLICH, A.; RICHARDS, A. & STRACHEY, J. (eds.), op. cit., Bd. II, p. 175; idem, “La Interpretación de los sueños”. In: STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. IV e V, p. 177. Na edição alemã: “Der Traum ist die (verkleidete) Erfüllung eines (unterdrückten, verdrängten) Wunches” [FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. II/III, p. 166]. Aqui, com relação aos dois termos usados por Freud, “Unterdrückung” e “Verdrängung”, opta-se pela tradução proposta por Laplanche e Pontalis, respectivamente, como repressão e recalque [cf. LAPLANCHE, J. & PONTALIS. *Vocabulário da psicanálise*. 6ª edição. São Paulo: Martins Fontes, s. d., pp. 594-5 e pp. 552-8].

No entanto, apesar de suas declarações e esforços, esse aspecto da teoria dos sonhos seguiu gerando, como não deixou de insistir Freud, equívocos por parte de seus adversários. Talvez hoje se possa dizer que muitos daqueles que vieram a compartilhar a teoria freudiana parecem subscrever essa mesma leitura. Não obstante, a questão aqui não se refere em absoluto a esse aspecto, pelo menos não em um dos seus possíveis desdobramentos, cuja síntese poderia ser expressa na seguinte formulação: se tantos se equivocaram, não seria plausível admitir que Freud disse mais nas entrelinhas de seu próprio texto do que ele mesmo pretendeu admitir e, como consequência desse tipo de argumentação, assumir que o trabalho verdadeiramente fecundo para a psicanálise consistiria em decifrá-las a partir dos posteriores desenvolvimentos da teoria freudiana?

As constantes declarações de Freud exigem um movimento contrário ao acima descrito, ou melhor, os posteriores desenvolvimentos da teoria freudiana podem ser mais bem apreendidos a partir da compreensão do trabalho a ela imposto no decorrer destes. Assim, a questão aqui se refere mais precisamente, se for possível designá-la dessa maneira, à gênese do problema implícito na fórmula freudiana sobre o essencial no sonho.

Dito de outra maneira: orientar-se na direção de uma investigação que contemple essa questão pressupõe a hipótese de que a noção de desejo, com a qual Freud opera na “Traumdeutung”, relaciona-se a essa espécie de grande equívoco, ao qual ele se refere. Assim, como ponto de partida da exposição do problema, assinala-se, mais especificamente, o comentário final de Freud na nota de 1925, na qual assimila o sexual a Eros. Essa passagem oferece indícios de um trajeto passível de investigação, ainda que também alguns problemas, de “ordem metodológica”, que serão referidos um tanto esquematicamente.

Estes últimos decorrem da formulação do conceito freudiano de Eros. Tal conceito, como se sabe¹¹, é introduzido a partir da chamada segunda teoria das pulsões, portanto, com a publicação de “Jenseits des Lustprinzips” (Para Além do Princípio do Prazer)¹². Fato compatível, do ponto de vista cronológico, com o comentário de Freud, datado de 1925¹³: torna-se possível designar Eros. No entanto, e é precisamente este o problema assinalado acima, como prosseguir, se, como já dito, não interessa “explicar” a obra a partir de seus desenvolvimentos posteriores e sim, em um certo sentido, exatamente o movimento contrário. Uma das saídas possíveis para escapar ao eterno retorno, expresso no “já estava tudo lá”, seria pôr em questão a natureza da concepção freudiana do “sexual” na “Traumdeutung”, a qual lhe teria permitido, ainda que posteriormente, identificá-la a “Eros”.

Entretanto, responder a essa questão implicaria a exposição detalhada da primeira teoria das pulsões, no que se refere à concepção do aparelho psíquico que lhe é correlata, de seus desdobramentos e dos impasses aos quais teria conduzido Freud, levando-o à formulação de uma segunda teoria das pulsões, para finalmente, após esse trajeto, alcançar o tema da suposta “questão”, ou seja, o da relação entre a concepção do “sexual” na “Traumdeutung” e “Eros”, a partir de sua formulação na segunda teoria das pulsões. Em suma, implicaria examinar extensivamente a primeira e a segunda teoria das pulsões.

¹¹ Apesar da importância desse conceito na teoria freudiana, sua relação com o tema deste trabalho, dado o recorte da obra proposto, não é pertinente. Assim, aqui se remete à indicação do verbete “Eros” do *Vocabulário da Psicanálise*, na medida em que este assinala o aspecto que nos interessa: “*termo pelo qual os gregos designavam o amor e o deus Amor. Freud utiliza-o na sua última teoria das pulsões para designar o conjunto das pulsões de vida em oposição às pulsões de morte*” [cf. pp. 205-6].

¹² Freud, S. “Jenseits des Lustprinzips”. In: MITSCHERLICH, A.; RICHARDS, A. & STRACHEY, J. (eds.), op. cit., Bd. III, pp. 213-72; idem, “Más allá del principio de placer”. In: STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. XVIII, pp. 1-62; FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. V, pp. 1-69.

¹³ Antes da segunda teoria das pulsões, o termo “Eros” encontra-se presente na teoria psicanalítica, no entanto, no sentido designado, ou seja, como um conceito próprio à teoria freudiana, seu “aparecimento” pode ser datado.

Certamente não se trata de percorrer esse trajeto. Não obstante, uma outra direção parece factível. Nesse sentido, a referência ao comentário de Freud como indício de uma direção possível remete à investigação da construção do conceito de pulsão. Sua primeira formulação conceitual data de 1905. No entanto, anos antes¹⁴ da publicação do texto no qual esta se dá, “Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie” (Três Ensaios sobre Teoria Sexual)¹⁵, algumas das noções que irão posteriormente compor o quadro da teoria das pulsões, tais como, por exemplo, a de *apoio* e a própria concepção de dois grandes grupos de *pulsões vitais* (*Lebenstriebe*), já estão formuladas, embora não articuladas enquanto teoria das pulsões. O fato de Freud não dispor da teoria das pulsões no momento da construção da obra dedicada ao sonho não deixa de ter conseqüências no desenvolvimento de suas investigações sobre a natureza do processo envolvido nesse fenômeno. Em outros termos, a sexualidade e o sexual infantil são dela dependentes e seu desenvolvimento é posterior àquele realizado na “Traumdeutung”.

Nessa obra, não é o conceito de *pulsão*, mas, o de *desejo*¹⁶, referido aos dois grandes grupos de “pulsões vitais” como fontes de estímulo, que organiza, enquanto noção central, o desenvolvimento da teoria do sonho. Ocorre que a noção de desejo nessa obra não se refere exclusivamente ao sexual, além do fato de que nem todo desejo é sexual, um bom grupo deles é de origem distinta, tal como atestam os sonhos por estímulo de sede ou, até mesmo, sede de vingança. A pressuposição da natureza eminentemente sexual da noção de desejo nesse trabalho de Freud parece estar na origem dessa espécie de “mal-entendido” em relação à teoria freudiana sobre o sonho e

¹⁴ Como apresentado a seguir, no exame do terceiro capítulo da “Traumdeutung”.

¹⁵ Freud, S. “Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie”. In: MITSCHERLICH, A.; RICHARDS, A. & STRACHEY, J. (eds.), op. cit., Bd. V, pp. 37-145; idem, STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. VII, pp. 109-222, idem, FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. V, pp. 27-145.

¹⁶ Essa questão será tratada em mais detalhes na análise do capítulo III da “Traumdeutung”.

decorre da atribuição da leitura de um desenvolvimento que lhe é posterior como se fosse dela constitutivo. Os sonhos, na “Traumdeutung”, buscam realizar tanto o desejo de saciar a sede, literalmente figurando uma cena na qual este se encontre realizado, quanto, por vezes, o desejo sexual. Para que esses desejos – e aqui parece significativo que o plural seja mantido – venham recobrir o campo designado por “Eros” é necessário formular a segunda teoria das pulsões e, antes desta, a teoria da sexualidade.

Será preciso um longo, talvez tortuoso, desenvolvimento da teoria para que o conceito de pulsão, ao ser definido como “conceito limite entre o somático e o psíquico”, venha franquear-lhe o início desse caminho. Minha hipótese de leitura, a ser posteriormente examinada¹⁷, a formulação do conceito de pulsão, ou melhor, a construção da teoria da sexualidade, na qual este se situa, responde a uma exigência gerada no interior desse movimento realizado na “Traumdeutung”, no qual a investigação da natureza do desejo humano é determinante. No entanto, no âmbito deste capítulo, interessa apenas mapear as conseqüências teóricas do desenvolvimento da reflexão freudiana sobre a natureza do desejo e sua relação com a sexualidade.

O sonho como realização de desejo

Esta ordem de questões orienta a análise dos capítulos três, quatro e sete da “Traumdeutung”. Trata-se, portanto, de circunscrever, em seus traços mais gerais, a concepção freudiana do sonho como realização de desejo, bem como a do modelo de aparelho psíquico e, a partir dessa leitura, examinar a natureza do desejo envolvido no sonho.

¹⁷ No capítulo quatro deste trabalho.

Passamos ao exame mais cuidadoso do texto de Freud. O terceiro capítulo da “Traumdeutung”¹⁸, “Der Traum ist eine Wunscherfüllung” (O sonho é uma realização de desejo), organiza-se em torno da investigação da hipótese, como indica o próprio título, do “sonho como realização de desejo”. Trata-se mais precisamente, no entanto, de examinar a possibilidade da formulação de uma teoria do sonho. É este o problema a ser enfrentado nesse capítulo e Freud o designa do seguinte modo: “*existem outros sonhos além dos de desejo ou acaso só existem os de desejo?*”¹⁹. A introdução dessa pergunta parte da reflexão sobre a hipótese do sonho como realização de desejo, em relação a qual é possível afirmar que ela pode, indiscutivelmente, ser aplicada ao sonho que dá início ao trabalho de *interpretação*, ou seja, aquele que se tornou conhecido como o “Sonho da Injeção de Irma”. No entanto, resta ainda investigar a possibilidade dessa hipótese referir-se aos sonhos *em geral* e não somente a *um caso particular*. Escreve Freud:

*temos averiguado que o sonho figura um desejo realizado. Nosso interesse imediato deve ser saber se este é um traço geral do sonho ou somente o conteúdo contingente daquele sonho (o da Injeção de Irma) do qual partiu nossa análise. Com efeito, por mais que contemos com que todo sonho tenha um sentido e um valor psíquico, ainda temos que deixar aberta a possibilidade de que esse sentido não seja o mesmo em todos os sonhos. Nosso primeiro sonho foi a realização de um desejo; quem sabe outro resulte ser um temor realizado, talvez um terceiro tenha por conteúdo uma reflexão e um quarto reproduzirá simplesmente uma recordação*²⁰.

¹⁸ FREUD, S. “Die Traumdeutung”. In: MITSCHERLICH, A.; RICHARDS, A. & STRACHEY, J. (eds.), op. cit., Bd. II, p. 141; idem, “La Interpretación de los sueños”, in: STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. IV e V, p. 142; idem, FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. II/III, p. 127.

¹⁹ Idem, ibidem, in: MITSCHERLICH, A.; RICHARDS, A. & STRACHEY, J. (eds.), op. cit., Bd. II, p. 142; idem, in: STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. IV e V, p. 143; idem, in: FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. II/III, p. 128.

Como ponto de partida, Freud descreve certos tipos de sonho nos quais essa hipótese seria facilmente demonstrável, aos quais se refere como “sonhos de comodidade”. No caso destes, o estímulo (*Reiz*) sobrevém ao dormir e o sonhar substitui a ação. Assim, o estímulo, no primeiro dos exemplos desse tipo de sonho, é nítido: trata-se da sede. Uma certa modificação nesse primeiro sonho permite assinalar a possibilidade do sonho realizar mais de um desejo: à sede se sobrepõe a “intromissão” de um certo objeto, que indicaria a realização do desejo de reaver o mesmo. Por fim, o sonho do “jovem médico”, que se refere à realização do desejo de continuar dormindo. Do exame dos sonhos designados como de “comodidade”, Freud conclui que sua hipótese pode ser facilmente comprovada: são efetivamente sonhos nos quais um desejo, ou mesmo mais de um, é realizado.

O sonho de uma de suas pacientes permite igualmente exemplificar seu caráter de realização de desejo. Nele se expressaria um desejo muito comum após a vivência de situações desagradáveis, ou seja, o desejo de experimentar algo mais divertido. Com esse sonho, Freud acrescenta outros elementos à teoria, cuja exposição encontrará lugar no desenvolvimento da “*Traumdeutung*”, tais como a distinção entre fonte e material do sonho: o estímulo nesse caso não é da mesma ordem da sede ou mesmo do desejo de continuar dormindo. Nem mesmo o material e a forma como o sonho deles dispõe são tão evidentes quanto nos “sonhos de comodidade”. Aponta ainda para uma questão cara a Freud, a da proximidade entre o normal e o patológico.

Na seqüência encontra-se um outro grupo de exemplos, desta vez de sonhos de “pessoas que gozam de boa saúde”. Trata-se da realização de

²⁰ Idem, *ibidem*.

desejo figurada no sonho de três mulheres: na primeira, o desejo de não estar grávida; na segunda, o desejo de ter mais leite para alimentar seu segundo filho do que pôde com relação ao primeiro; e, na última, o desejo de viver algo mais divertido depois de ter se dedicado, durante semanas ao filho doente, tal como o desejo de sua paciente.

Com esses sonhos, Freud finaliza a primeira parte da investigação sobre a hipótese do sonho como realização de desejo e, com ela, pretende ter demonstrado sua veracidade. Contudo, o caráter parcial de sua exposição é também imediatamente assinalado através do cuidado com que formula a conclusão. Ele escreve: *“talvez esta seleção seja suficiente para demonstrar que, com muita freqüência e sob as condições mais diversas, encontramos sonhos que podem ser compreendidos como realização de desejos e que expõem seu conteúdo sem nenhum disfarce”*²¹.

Seria necessário, portanto, aprofundar a investigação desses sonhos mais simples, nos quais o caráter da realização de desejo é facilmente demonstrável. Nesse caso, os sonhos de crianças se apresentam como uma fonte privilegiada de interesse para Freud, pois embora suas operações psíquicas sejam menos complexas que as dos adultos²², e ainda que se expressem com freqüência²³ como simples realizações de desejo, despertando

²¹ Idem, in: MITSCHERLICH, A.; RICHARDS, A. & STRACHEY, J. (eds.), op. cit., Bd. II, p. 145; idem, in: STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. IV e V, p. 146; idem, in: FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. II/III, p. 132.

²² Idem, ibidem. Nesse momento, Freud anuncia uma passagem, a ser retomada em *Totem e Tabu* (ainda que de outra maneira), acerca da riqueza contida na investigação do infantil com o propósito de compreender o adulto. Posteriormente, tratar-se-á da investigação da infância da humanidade como uma via de acesso à compreensão do humano. Embora esse não seja o tema deste trabalho, parece interessante assinalar esse prenúncio do trajeto freudiano. A continuação do texto referido acima é: *“A psicologia infantil (die Kinderpsychologie) está chamada, na minha opinião, a prestar à psicologia do adulto serviços semelhantes aos que o estudo da conformação e o desenvolvimento dos animais inferiores presta à investigação da estrutura dos animais superiores. Até agora existem poucos escritos que deliberadamente tiraram partido da psicologia da criança (die Psychologie der Kinder) com este propósito”*.

²³ Conforme nota [na edição da Studienausgabe, p. 145 e na edição da Amorrortu, p. 146], a palavra “häufig” (com freqüência) foi introduzida somente em 1911. A justificativa para a introdução desta é descrita por Freud da seguinte maneira: *“a experiência demonstrou que em meninos de quatro ou cinco anos já se*

desse ponto de vista menos interesse que os dos adultos, possuem grande valor enquanto material para avaliar sua hipótese acerca da essência (*Wesen*) do sonho.

Do material que lhe foi proporcionado pelos seus filhos, Freud nos dá alguns exemplos: os primeiros têm por referência uma excursão realizada por ele e sua família no verão de 1896. Esse passeio teria despertado desejos tanto em sua filha, que naquela ocasião tinha oito anos e meio, quanto em seu filho, então com cinco anos e três meses. Desejos que, como Freud demonstra, seus sonhos satisfizeram (*befriedigen*). No entanto, antes de relatá-los Freud apresenta um menino de doze anos, filho de um vizinho, que o acompanhou nessa excursão: trata-se de um “pequeno cavalheiro” que, segundo lhe parecia, conquistou inteiramente a simpatia da menina. Dessa maneira, ele introduz o sonho da filha, em que ela realiza o desejo de estar com o menino que tanto a teria impressionado, mas observa que neste se expressa a única forma de estar junto que ela conhece, ou seja, “a ternura derivada do amor fraterno”. A condução da análise desse sonho, tanto no que se refere à apresentação inicial do menino, quanto nos termos deste comentário final, parece comprovar a distância da teoria do sonho com relação às posteriores formulações sobre a sexualidade infantil²⁴.

Acompanhando um pouco mais rigorosamente o texto, há três outros exemplos: o de uma menina (também de oito anos), da filha (com três anos e três meses) e do filho (aos oito anos). Em todos três o caráter de realização de desejo é facilmente demonstrável. E Freud vai ainda mais longe, encerrando essa passagem com um dos mais precoces sonhos de sua coleção:

encontram sonhos desfigurados, que requerem interpretação; e isto concorda inteiramente com nosso ponto de vista teórico sobre as condições que determinam a desfiguração dos sonhos”.

²⁴ Cf. FREUD, S. In: MITSCHERLICH, A.; RICHARDS, A. & STRACHEY, J. (eds.), op. cit., Bd. II, p. 147; STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. IV, p. 148; FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. II/III, p. 134.

trata-se do sonho de sua filha mais nova, então com dezenove meses. Sujeita a uma dieta, Anna sonha durante a noite com um “cardápio” contendo variedades da fruta que lhe teria feito mal, realizando desse modo seu protesto contra a austera polícia sanitária a ela imposta.

Esse sonho dará lugar à introdução da questão referente à fonte de estímulo. Poder-se-ia dizer que esse movimento organiza-se em torno da seguinte questão: se o sonho é uma realização de desejo, tal como parece ter sido possível demonstrar até aqui, de onde provém seu estímulo?

O início da argumentação é, no mínimo, curioso. Pelo menos para o leitor do texto “Die Sexualität in der Ätiologie der Neurosen” (A sexualidade na etiologia das neuroses)²⁵, ao qual Freud de certa forma surpreende com a afirmação sobre a existência da sexualidade infantil, escrevendo, como já dito no segundo capítulo deste trabalho, o seguinte: “*erra-se ao desprezar por completo a vida sexual das crianças [...] elas são capazes de todas as realizações sexuais psíquicas e de numerosas realizações somáticas*”²⁶. No entanto, na “Traumdeutung”, remete explicitamente à inocência infantil, bem como à recusa do “apetite sexual infantil” como fonte de estimulação onírica, afirmando que “*se julgamos felizes às crianças por não conhecerem o apetite sexual, não devemos desconhecer em quão rica fonte de frustração, renúncia e, portanto de estimulação onírica, pode converter-se para elas a outra das grandes pulsões vitais*”²⁷.

²⁵ Idem. “Die Sexualität in der ätiologie der Neurosen”, In: , MITSCHERLICH, A.; RICHARDS, A. & STRACHEY, J. (eds.), op. cit., Bd. V, pp. 11-35; idem, “La sexualidad en la etiología de las neurosis”, in: STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. III, pp. 251-276.; FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. I, pp. 489-516.

²⁶ Cf. FREUD, S. In: MITSCHERLICH, A.; RICHARDS, A. & STRACHEY, J. (eds.), op. cit., Bd. V, p. 31; STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. III, p. 272; FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. I, p. 511.

²⁷ Durante o trabalho manteve-se o texto da edição da Amorrortu como parâmetro para a tradução de Freud, no entanto, essa passagem parece pouco precisa no espanhol, podendo, do nosso ponto de vista, gerar equívocos na interpretação do texto. Embora nesse momento da obra, Freud ainda não tenha formulado a teoria das pulsões, na “Traumdeutung” já está presente a expressão de uma dualidade pulsional e este aspecto pode sofrer distorções na tradução proposta pela Amorrortu. Cita-se esta última: “*si julgamos dichosos a los niños porque todavía no conocen el apetito sexual, no desconozcamos que las otras grandes pulsiones*

Esse comentário de Freud, no qual a sexualidade, ou melhor, o sexual infantil é afastado enquanto fator explicativo, assim como a menção à inocência da infância, é suficiente para recomendar cautela diante do uso do termo “*desejo*” e de seu suposto correlato, o “*sexual*”²⁸. Como se pretendeu ter demonstrado a partir da análise do terceiro capítulo da “*Traumdeutung*”²⁹, Freud, em momento algum, afirmou ser o sonho a realização de um desejo *sexual*. Ele afirma, muito claramente, serem os sonhos, *em geral*, realização de desejo, cuja fonte de estímulos provém de dois grandes grupos de pulsões vitais³⁰. Esse terceiro capítulo, organiza-se em torno de uma noção bastante

vitales pueden convertirse para ellos riquísima fuente de desengaño y de renunciamento, y por lo tanto de estimulación onírica” [cf. STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. IV e V, pp. 149-50]. Em alemão: “*Wenn wir die Kindheit glücklich preisen, weil sie die sexuelle Begierde noch nicht kennt, so wollen wir nicht verkennen, eine wie reiche Quelle der Enttäuschung, Entsaugung und damit der Traumanregung der andere der grossen Lebenstrieb für sie werden kann*” [cf. MITSCHERLICH, A.; RICHARDS, A. & STRACHEY, J. (eds.), op. cit., Bd. II e III, p. 148]. Freud refere-se a uma dualidade ao remeter “à outra das grandes pulsões vitais” (*der andere der grossen Lebenstrieb*) e não às “outras grandes pulsões vitais” (*las otras grandes pulsiones vitales*) como fonte de estimulação onírica; FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., p. 136.

²⁸ Peter Gay assinala, em relação a essa declaração de Freud, que “*em 1899, na Interpretação dos Sonhos, ele ainda era capaz de observar categoricamente, de passagem, que exaltamos a felicidade da infância, porque ainda não conhece o apetite sexual*”, mas, conclui rapidamente tratar-se da expressão de “*um solene tributo à tenacidade da opinião aceitável, ou de seus resíduos, num pesquisador tão intrépido quanto Freud*”. A justificativa, formulada pelo próprio Freud para tal ocorrência, de que a obra “*fora publicada em 1899 e não poderia pressupor o conhecimento de idéias que ele só publicou em 1905*”, lhe parece pouco convincente [cf. GAY, P. *Freud – Uma vida para o nosso tempo*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 145].

²⁹ Muito embora, ao final desse capítulo sejam acrescentadas várias notas ao texto, datadas em sua maioria de 1911, nas quais Freud admite que um estudo mais aprofundado da vida psíquica das crianças ensinou-lhe que as forças pulsionais sexuais desempenham um considerável papel na atividade psíquica das mesmas, interessa assinalar aqui neste trabalho justamente a impossibilidade, na qual se encontrava a própria teoria, de contemplar essas concepções; por esse motivo elas foram a ele posteriormente acrescentadas. Assim, incorpora-se esse material, a saber, as notas às quais são referidas, como um argumento a favor da hipótese de leitura, ou seja, de que na “*Traumdeutung*” o “*desejo*” não se articula imediatamente ao campo designado pela sexualidade. Como indicação dessa sugestão, aponta-se a *nota 10*, agregada em 1911 ao “*livro do sonho*” [cf. MITSCHERLICH, A.; RICHARDS, A. & STRACHEY, J. (eds.), op. cit., Bd. II e III, p. 149; STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. IV e V, p. 150; FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. II/III, p. 136].

³⁰ No verbete *pulsão*, do *Vocabulário da Psicanálise*, Laplanche e Pontalis assinalam que o termo *Trieb* só aparece nos textos freudianos de 1905. No entanto, como se pode notar, ele já está presente na “*Traumdeutung*”. Nesse texto, Freud refere-se explicitamente às *Lebenstrieb* (pulsões de vida). De qualquer forma, a observação que interessa neste momento remete à origem da concepção, posteriormente designada pelo termo *Trieb*, na teoria freudiana. Cito Laplanche e Pontalis: “[o termo] *tem sua origem como noção energética na distinção que desde cedo Freud opera entre dois tipos de excitação (Reiz) a que o organismo está submetido e que tem de descarregar em conformidade com o princípio de constância. Ao lado das excitações externas a que o indivíduo pode fugir ou de que pode proteger-se, existem fontes internas portadoras constantes de um fluxo de excitação a que o organismo não pode escapar e que é o fator propulsor do funcionamento do aparelho psíquico*” (LAPLANCHE & PONTALIS, op. cit., p. 507).

ampla de desejo, a qual Freud nos remete reiteradamente. Assim, deparamo-nos, por exemplo, com o seguinte comentário de Freud, acrescido ao texto em 1925, portanto muitos anos depois de ter escrito sua teoria do sonho:

[...] *umas páginas antes*³¹ *eu havia mencionado as múltiplas [grifo meu] realizações de desejo dos sonhos infantis (fazer uma excursão ou um passeio pelo lago, obter uma comida proibida, etc.) e em outros lugares me ocupei dos sonhos de fome, dos sonhos por estímulo de sede, por estímulo de excreção e dos sonhos de pura comodidade*³².

Sobre a versão mais breve

No entanto, a validade da hipótese do sonho como realização de desejo deve ser ainda investigada com relação aos sonhos de desprazer. Esta será portanto uma das questões centrais do quarto capítulo da “Traumdeutung”. Assim, ao abordar a “desfiguração onírica” (*Traumentstellung*), Freud expõe extensivamente os “pontos de apoio” da teoria do sonho, aos quais me reporto de maneira sintética neste trabalho. Em primeiro lugar, a teoria refere-se ao conteúdo de pensamento encontrado no sonho mediante o trabalho de interpretação, ou seja, ao conteúdo latente e não ao conteúdo manifesto do mesmo. Quanto à desfiguração onírica, é o modo de expressão do desejo, quando este mobiliza uma defesa contra si. Por fim, da analogia entre censura e desfiguração onírica deriva a existência de dois sistemas psíquicos nos indivíduos: em um deles se forma o desejo a ser

³¹ No capítulo III da “Traumdeutung”.

³² Passagem mencionada neste capítulo [p. 145-6].

expresso no sonho, enquanto o outro exerce uma censura sobre esse desejo, obrigando-o a desfigurar sua exteriorização³³.

Da distinção entre conteúdo manifesto e conteúdo latente depreende-se o seguinte: o acesso deste último à consciência decorre exclusivamente da análise, enquanto o primeiro é recordado como consciente, tornando possível supor que o privilégio da censura consiste precisamente em controlar a passagem dos conteúdos latentes à consciência. O raciocínio de Freud aqui é relativamente claro: o acesso à consciência é mediado pela segunda instância, ou seja, nenhum conteúdo do primeiro sistema chegaria à consciência sem passar pela segunda instância, a qual exerce seu poder de censura impondo as modificações necessárias para o acesso à consciência.

Tal argumentação pressupõe evidentemente uma concepção muito precisa da “essência” da consciência. A esse respeito Freud assinala que

o tornar-se consciente (Bewusstwerden) é para nós um ato psíquico particular, diverso e independente do processo de tornar-se presente ou tornar-se representado (Gesetzt- oder Vorgestelltwerdens), e a consciência nos aparece como “um órgão sensorial” que percebe um conteúdo dado em outra parte. É fácil demonstrar que a psicopatologia não pode abster-se destes pressupostos básicos³⁴.

Esse ato psíquico, próprio do tornar-se consciente, cujas conseqüências para as investigações psicopatológicas são acompanhadas no exame do capítulo VII, envolve sempre para Freud a passagem de algo externo à consciência até a consciência. No caso do sonho, pois é disso que se

³³Esse desenvolvimento esquematicamente descrito pressupõe uma determinada concepção do psiquismo, sobre a qual Freud se detém no capítulo VII da “Traumdeutung”, a qual será retomada durante a análise desse capítulo.

³⁴FREUD, S. “Die Traumdeutung”. In: MITSCHERLICH, A.; RICHARDS, A. & STRACHEY, J. (eds.), op. cit., Bd. II, p. 160; idem, “La Interpretación de los sueños”, in: STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. IV e V, pp. 162-3 (vol. IV). FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. II/III, pp. 149-150.

trata, ele é invariavelmente iniciado na primeira instância e portanto fora da consciência, enquanto à segunda instância cabe um papel apenas defensivo e não criador³⁵. Nesse sentido, e evidentemente apenas a título de introdução, dada a complexidade da questão, é possível conceber um dos sentidos da noção freudiana de consciência como um “órgão sensorial”. O “perceber” aqui é o tornar-se consciente e isso implica a passagem de uma instância à outra, mediada pela censura.

A pergunta sobre a natureza dos sonhos de desprazer e sua relação com a definição do sonho como realização de desejo será pensada no âmbito do conflito entre essas duas instâncias do aparelho psíquico. Freud conclui, como se sabe, que mesmo os sonhos que envolvem intenso desprazer não excluem a existência de um desejo. Em todo ser humano, escreve ele, há desejos que ele não gostaria de comunicar a outros e que não quer, sequer, confessar a si mesmo. Assim, o caráter de desprazer envolvido em determinados sonhos envolve um ato de censura. Os sonhos de desprazer apresentam-se desfigurados e irreconhecíveis por existir uma repugnância, um propósito repressivo contra o tema do sonho ou contra o desejo inspirado por ele. Citando Freud: “*a desfiguração onírica aparece efetivamente como um ato da censura*”³⁶. A conclusão do exame dos sonhos de desprazer impõe um acréscimo à definição do sonho, sintetizada na seguinte fórmula: “*o sonho é a realização (disfarçada) de um desejo (reprimido, recalçado)*”³⁷.

³⁵ Em nota agregada em 1930, assinala-se que nos capítulos VI e VII da “Traumdeutung” encontram-se exemplos nos quais o sonho expressa um desejo dessa segunda instância [cf. MITSCHERLICH, A.; RICHARDS, A. & STRACHEY, J. (eds.), op. cit., Bd. II, p. 162; STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. IV e V, p. 164; FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. II/III, p. 151].

³⁶ FREUD, S. In: MITSCHERLICH, A.; RICHARDS, A. & STRACHEY, J. (eds.), op. cit., Bd. II, p. 175; idem, in: STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. IV e V, p. 177; idem, in: FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. II/III, p. 166.

³⁷ Idem, ibidem. Em alemão: “*Der Traum ist die (verkleidete) Erfüllung eines (unterdrückten, verdrängten) Wunches*” [FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. II/III, p. 166].

*Censura e Trabalho do Sonho*³⁸

A censura incide sobre o material fornecido pelas experiências do dia anterior e as recordações infantis. Quanto às primeiras, pode-se dizer que seu traço mais característico reside no fato, já bem explorado no texto sobre as “recordações encobridoras”, de serem freqüentemente acontecimentos de pouca importância. No entanto, sob essas recordações se encontram vivências mais significativas, cuja relação é expressa indiretamente no conteúdo manifesto do sonho.

Esse processo, através do qual o conteúdo latente do sonho se torna manifesto, é designado por Freud como “o trabalho do sonho”, objeto do capítulo VI da “*Traumdeutung*”. Esse processo, por sua vez, se constitui de quatro mecanismos: “deslocamento” (*Verchiebungsarbeit*), “condensação” (*Verdichtungsarbeit*), “consideração pela figurabilidade” (*die Rücksicht auf Darstellbarkeit*) e “elaboração secundária” (*die sekundäre Bearbeitung*). O primeiro se caracterizaria pelo “desvio” do acento psíquico de uma idéia para outra. Já a condensação consistiria naquele mecanismo em que elementos constitutivos do material do sonho são comprimidos em um conjunto único. É o caso, para exemplificar, das diferentes experiências vividas no dia anterior que se encontram muitas vezes “condensadas” no sonho. O terceiro, por ele designado como “consideração pela figurabilidade”, do qual o deslocamento também participa, decorre da necessidade própria ao pensamento no sonho, de encontrar expressão em imagens visuais, pois a especificidade do “texto” do sonho consiste no fato dele ser necessariamente construído de forma a permitir uma transposição em imagens. Assim, o desaparecimento das relações lógicas entre os pensamentos latentes e sua substituição por outros elementos, tais

³⁸ Trata-se, aqui de maneira muito esquemática, da breve apresentação desses temas.

como a simultaneidade ou mesmo a sucessão de imagens, decorre do funcionamento deste mecanismo. O quarto e último mecanismo deve sua origem à censura, consistindo mais precisamente na função de dotar o sonho de uma certa “coerência”.

O aparelho psíquico na primeira tópica

Depois desta breve digressão em torno da idéia de “trabalho do sonho”, voltamos a atenção para o capítulo VII da “Traumdeutung”, no qual é apresentada a formulação freudiana do aparelho psíquico, designada desde então como a “primeira tópica”. Para a construção deste, Freud retoma a observação de Fechner, segundo a qual o “cenário” do sonho é distinto daquele da vida de representações da vigília, e a utiliza como inspiração para a idéia de “localidade psíquica”. A partir desta, mas com o cuidado de assinalar que não pretende com isso se referir a qualquer tipo de determinação anatômica, Freud imagina o instrumento do qual se valem as “operações da alma” como se este fosse um microscópio, um aparelho fotográfico, ou algo do gênero.

O “aparelho psíquico” é então concebido como um instrumento composto por “instâncias”, ou mais claramente, por “sistemas” organizados segundo uma seqüência fixa, estabelecida de tal forma que estes sejam atravessados pela excitação dentro de uma determinada “série temporal”. O modelo do arco-reflexo lhe permite conceber o modo de funcionamento mais geral do aparelho, consistindo este basicamente no transcurso da excitação do extremo da percepção a motilidade. No entanto, para dar conta, por exemplo, da memória, essa construção deve ganhar complexidade e considerar uma primeira diferenciação na extremidade perceptiva: essa primeira diferenciação

deixaria um “traço mnêmico”, cuja função a ela pertinente seria precisamente a memória. No entanto, argumenta Freud, supor que um mesmo sistema conserve as alterações consignadas à memória e se mantenha simultaneamente aberto a novas modificações traz sérias dificuldades, pois os traços mnêmicos das percepções, ao provocar uma modificação duradoura do sistema, dificultariam a recepção de novos elementos neste. Supõe então, para dar conta dessa dificuldade, a existência no aparelho de um sistema que recebe os “estímulos perceptivos”, mas não os conserva, e de um segundo sistema que transporta a excitação momentânea do primeiro para “traços permanentes”. O “sistema percepção” não tem portanto qualquer memória; esta será função do “sistema mnêmico”.

Há ainda uma segunda ordem de dificuldades, que diz respeito ao modo como o “sistema mnêmico” armazenará seu conteúdo. Como sabemos, as percepções se encontram em associação, entendida esta última como a ligação determinada pela simultaneidade do conteúdo de nossas percepções. Assim, essa associação será função do “sistema mnêmico” e se estabelece “como consequência das diminuições da resistência e facilitações”. Temos então o seguinte: “*desde um dos elementos Mn a excitação se propaga melhor para um segundo elemento Mn do que para um terceiro*”³⁹. Impossível deixar de reconhecer ecos do modelo presente no *Projeto*. Se, por um lado, e isto é bastante claro, tratava-se de neurônios suscetíveis de localização e agora da pretensão de manter-se inteiramente no terreno psicológico, significando com isso o abandono de qualquer referência à anatomia; por outro, é complexo definir que tipo de “barreiras de contato” se estabeleceriam entre “traços

³⁹ FREUD, S. “Die Traumdeutung”. In: MITSCHERLICH, A.; RICHARDS, A. & STRACHEY, J. (eds.), op. cit., Bd. II, p. 515; idem, “La interpretación de los sueños”. STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. IV e V, p. 532 (vol. V); idem, FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. II/III, p. 544.

mnêmicos”, pois ao falar de diminuições de resistência e caminhos de facilitação é precisamente disso que se trata⁴⁰.

No capítulo VII, Freud retoma e aprofunda a pressuposição da existência de duas instâncias psíquicas, utilizada no capítulo IV para explicar a formação do sonho. A instância crítica será agora designada como “sistema pré-consciente”, o qual se situa no extremo motor do aparelho, indicando com isso que os processos de excitação nele ocorridos podem alcançar mais prontamente a consciência, desde que satisfaçam as condições estabelecidas pela função denominada “atenção”. É também o sistema que controla nossas ações voluntárias. A instância criticada, chamada “sistema inconsciente”, caracteriza-se pelo acesso, necessariamente mediado pelo “sistema pré-consciente”, à consciência e, também, por ser o ponto de partida para o sonho.

No sonho, no entanto, a excitação psíquica segue um caminho distinto daquele próprio à vigília: a representação retorna à imagem da qual partiu, caracterizando com isso uma “regressão”. A investigação desse caráter do sonho leva Freud à seguinte conclusão: *“o sonhar é uma regressão à condição mais primitiva daquele que sonha, uma reanimação de sua infância, das moções pulsionais que o governaram então e dos modos de expressão dos quais dispunha”*⁴¹.

⁴⁰ A questão da relação entre o modelo energético e o modelo compreensivo na teoria freudiana é, com toda certeza, mais complexa do que a que interessa desenvolver no âmbito deste trabalho. No entanto, pretendeu-se fazer algumas indicações sobre o assunto na introdução deste.

⁴¹ FREUD, S. “Die Traumdeutung”. In: MITSCHERLICH, A.; RICHARDS, A. & STRACHEY, J. (eds.), op. cit., Bd. II, p. 524; STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. IV e V, p. 542; FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. II/III, p. 554.

Sobre a natureza do desejo

Caracterizar o sonho como uma regressão à infância exige que Freud esclareça a natureza da noção de desejo com a qual opera na “Traumdeutung”. Ele introduz esse tema com a seguinte questão: “por que durante o sonho, o inconsciente não pode oferecer nada mais que a força pulsional para uma realização de desejo?”. Indicando, desse modo, também os elementos que pretende mobilizar para respondê-la. Assim, escreve: “a resposta a esta pergunta está destinada a lançar luz sobre a natureza psíquica do desejar; deve-se procurá-la com o auxílio do esquema do aparelho psíquico”⁴².

Freud parte da idéia de que o aparelho psíquico só alcançou sua “perfeição atual” mediante um longo desenvolvimento. Em seus primórdios, o funcionamento desse aparelho era regulado pelo “esquema do arco reflexo”, mediante o qual lhe era permitido descarregar, por “vias motoras”, toda a excitação que o acometesse. No entanto, escreve Freud, em algum momento, “a necessidade da vida” lhe impõe certas alterações, cercandoo primeiro sob a forma das “grandes necessidades corporais”: nesse caso, a excitação interior busca uma drenagem na motilidade, cujo exemplo pode ser dado pelo choro da criança com fome. No entanto, nesse exemplo, a situação se manterá inalterada, pois justamente o caráter dessa excitação, de origem interna, é ser contínuo. Assim sendo, qualquer tipo de mudança só poderá advir quando se tem uma “vivência de satisfação”, capaz de cancelar o estímulo interno. Nessa vivência se produz uma certa “percepção”, cuja “imagem mnêmica” seguirá

⁴² Idem, *ibidem*, In: MITSCHERLICH, A.; RICHARDS, A. & STRACHEY, J. (eds.), op. cit., Bd. II, p. 538; idem, in: STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. IV e V, p. 557; idem, in: FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. II/III, p. 570.

associada ao “traço” que deixou na memória a excitação produzida pela necessidade. De tal forma que, quando essa excitação se der, uma moção psíquica será suscitada e buscará investir novamente a “imagem mnêmica” daquela percepção, gerando de novo a mesma percepção, ou seja, buscando restabelecer a situação da primeira “satisfação” (*Befriedigung*).

Pois bem, é a uma “moção” desse tipo que Freud chama “desejo” e a reparação da percepção de “realização de desejo” (*Wunscherfüllung*). O caminho mais curto para essa realização de desejo se configura naquele trajeto que parte da excitação produzida pela necessidade até o investimento pleno da percepção. Nessa primeira atividade psíquica ocorre o que Freud chama de uma “identidade perceptiva”, na qual o desejar termina no alucinar, ou seja, na repetição da percepção associada à satisfação da necessidade.

No entanto, uma “amarga experiência de vida” modificará essa primitiva atividade do pensamento, transformando-a em outra, secundária, mais adequada. Isso se tornou necessário precisamente porque o estabelecimento da “identidade perceptiva” (pela regressão) não tem, no contato com o mundo externo, a mesma consequência associada ao investimento dessa percepção: a satisfação não se dá e a necessidade se mantém. Portanto, para que se alcance um emprego mais adequado da força psíquica é imperioso deter a regressão de modo a impedir que ela vá além da imagem mnêmica, fazendo com que essa força possa então buscar outro caminho que lhe permita estabelecer, a partir do mundo externo, a “identidade perceptiva” desejada. Como se sabe, essa inibição da regressão e o consequente desvio da excitação serão doravante obrigação do sistema pré-consciente, responsável pelo governo da motilidade voluntária.

Por fim, Freud concluirá que toda a complexa atividade de pensamento, que se trama, como visto, desde a “imagem mnêmica” até o

estabelecimento da “identidade perceptiva” graças à “intervenção” do mundo externo, não é senão um “rodeio (*Umweg*) para a realização do desejo, que a experiência tornou necessário”: somente um desejo pode impulsionar nosso aparelho psíquico ao trabalho. Assim, o sonho que realiza seus desejos através de uma regressão guardaria em si, segundo Freud, o modo de trabalho primário de nosso aparelho psíquico, abandonado precisamente por ter se tornado inadequado, cujo destino foi permanecer confinado à vida noturna: “o sonhar é um fragmento da vida infantil da alma, já superada”⁴³. O sonho figura uma etapa do desenvolvimento do aparelho psíquico, na qual o desejo o impulsionava. De que forma este o impulsionava? Simplesmente buscando sua realização. Em que consiste esse desejo? Na busca da primeira vivência de satisfação que o constitui.

Algumas observações sobre a noção de desejo e sua referência ao sexual

A investigação da noção de desejo com a qual Freud opera na *Traumdeutung* permite concluir que essa noção não remete imediatamente ao sexual. Assim, aquela espécie de equívoco, para o qual Freud chama a atenção, advém do movimento mesmo de construção presente no “livro do sonho”.

Dito de outra maneira: em todo o livro, ou melhor, do capítulo dois ao capítulo seis, estabelece-se uma rigorosa constituição da teoria da interpretação do sonho. O sonho é apresentado como um fenômeno psíquico pleno de sentido, ou seja, como uma realização de desejo, a qual se dá

⁴³ Na Studienausgabe: “*Das Träumen ist ein Stück des überwundenen Kinderseelenlebens*” (MITSCHERLICH, A.; RICHARDS, A. & STRACHEY, J. (eds.), op. cit., Bd. II, p. 540; STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. IV e V, p. 559). Com base no texto da Amorrortu: “o sonhar é um fragmento da vida infantil da alma, já superada” (FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. II, III, p. 573).

mediante um trabalho, o *trabalho do sonho*. No entanto, no capítulo VII, todo esse desenvolvimento se submete a uma portentosa formulação sobre o aparelho psíquico⁴⁴. À parte as imbricadas relações entre os dois “momentos” dessa obra⁴⁵, o traçado da construção da “Traumdeutung” restringe-se, aqui, àquele delineado pela denúncia de Freud no que se refere ao destino da noção de desejo na recepção dessa obra. Ainda que não seja o caso de examinar tal construção, é possível afirmar, inclusive a partir das observações de Freud a esse respeito que na “primeira parte”, trata-se dos *múltiplos* desejos realizados no sonho e, no “capítulo filosófico”, da *natureza* do desejar, designada, em última instância, pelo desejo de realizar o desejo.

Entretanto, dada a complexidade envolvida na passagem entre esses dois “momentos” da obra, determinada pelos problemas epistemológicos que a

⁴⁴ Contudo, é importante assinalar que o problema da distância e/ou proximidade entre ambos já foi suficientemente explorado, legando-nos uma boa bibliografia e, por esse motivo, não há aqui outra pretensão senão apontar para um dos elementos nele situado.

⁴⁵ Com relação a essa questão, assinalam-se, entre outras importantes contribuições, duas diferentes leituras. Em primeiro lugar, a de Bento Prado Jr., desenvolvida no ensaio intitulado “1895-1900: O nascimento do conceito freudiano de interpretação”, parcialmente reproduzido numa nota do artigo sobre Hume, Freud, Skinner, na qual ele recorre ao conceito kantiano de regulação para pensar o procedimento de Freud na “Traumdeutung”. A idéia kantiana de regulação não implica, segundo Prado Jr., a determinação plena do objeto, implica a significação de uma orientação justa do pensamento, que não chega a configurar um conhecimento, tal como a objetividade definida no terreno da *Naturwissenschaft*, e torna possível a idéia de compreensão da experiência que não determina qualquer forma de objetividade. Assim, ele reencontra essa forma na inversão da ordem das razões operada pela teoria freudiana na “Traumdeutung”, na qual a “*interpretação dos sonhos precede e fundamenta a arquitetura da teoria*” e, com essa operação, subverte a idéia de teoria, tal como a entendia a ciência contemporânea de Freud [PRADO JR., B. *Alguns ensaios: filosofia, literatura, psicanálise*. São Paulo: Max Limonad, 1985, pp. 34-37]. Em outra direção, Zeljco Loparic subordina a discussão sobre a relação entre a elaboração da primeira tópica e a interpretação aos problemas oriundos da inscrição da teoria psicanalítica do aparelho psíquico e da teoria do método psicanalítico à tradição da metafísica ocidental. Assim, com relação à primeira, ele afirma, ao se referir à *metafísica da teoria psicanalítica do aparelho psíquico*, que Freud teria elaborado desde o Projeto “*um aparelho geral supostamente capaz de imitar todas as funções observadas do psiquismo*” e, em textos posteriores, teria descrito “*vários mecanismos ou aparelhos não mais gerais, mas específicos para esse ou aquele tipo de performance*”. Seria o caso, por exemplo, do mecanismo descrito na *Traumdeutung*, “*proposto como produtor de sonhos*”. Na origem da teoria psicanalítica do aparelho psíquico se encontraria, segundo Loparic, “*o projeto de mecanização da imagem do mundo e do ser humano que se iniciou com a Antiguidade grega*”, relação que determinaria suas *dificuldades e insuficiências internas*. Ainda que ele admita que esta é uma “teoria do como se”, ou seja, “*trata-se a mente como se fosse uma máquina; não se afirma que ela é uma máquina mas que, ao menos em certos casos, ela age como se fosse uma*”, ela apresenta várias dificuldades internas: “*não é geral, não é internamente articulada, nem unificada, nem, ao que parece, internamente consistente*” [LOPARIC, Z. “A máquina no homem”. In: *Psicanálise e Universidade: revista do Núcleo de Pesquisas em Psicanálise da PUC-SP*. São Paulo, vol. 7, 1997, p. 97].

envolvem e pela exigência de certas formulações teóricas ainda não desenvolvidas, como, por exemplo, aquelas relativas à sexualidade, o equívoco acaba por se instaurar.

Com toda certeza, as dificuldades intrínsecas a um tal projeto não passaram despercebidas a Freud. A introdução do conceito de pulsão, definido como o “conceito limite entre o somático e o psíquico”, está atravessada por esse debate. Ainda com relação ao conceito de pulsão, cabe acrescentar uma observação final: é evidente a presença de certos “traços” deste na “Traumdeutung”; no entanto, eles não são essenciais à economia da teoria do sonho. Contudo, isso não significa que as questões relativas ao recalque não tenham que ser respondidas – e serão, no âmbito de uma teoria da sexualidade –, mas apenas, e tão-somente, que o desejo (reprimido/recalcado) com o qual nos deparamos na teoria do sonho não é exclusivamente o famoso “sexual infantil” nem sequer o “desejo sexual”.

Processos de pensamento no sonho

Ao tratar dos processos primário e secundário, Freud investiga a questão da presença de processos de pensamento anormais nos sonhos, pois, a tese, fundamental à “Traumdeutung”, de que os pensamentos oníricos nascem de um trabalho mental normal a exige. Tal investigação impõe, antes de tudo, a elucidação dos pressupostos sobre a natureza e o funcionamento da consciência.

Essa discussão se desenvolve em diferentes planos. Inicialmente, se refere ao fenômeno psíquico do sonho, remetendo ao já demonstrado na obra, ou seja, à afirmação de que este “*substitui a uma quantidade de pensamentos que provém de nossa 'vida diurna' (Tagesleben) e possuem uma perfeita*

seqüência lógica”⁴⁶. Nesse sentido, não haveria lugar para a dúvida com relação à procedência dos pensamentos no sonho: eles são engendrados na “vida psíquica” (*Geistesleben*) normal. Uma segunda ordem de referência remete a algumas das propriedades dos pensamentos oníricos, nos quais são também reencontradas aquelas que caracterizam as “seqüências de pensamento” como “operações complexas de uma ordem superior”. A essas duas observações acrescenta-se a plausibilidade da hipótese de que esses pensamentos se originem durante o dia, prossigam inadvertidos pela consciência e se encontrem prontos no sono. Tal como ocorre em certas patologias: nas análises dos casos de histeria e neurose obsessiva, por exemplo, “os rendimentos intelectuais mais complexos são possíveis sem a intervenção da consciência”⁴⁷. Se, no entanto, prossegue Freud, os pensamentos oníricos não se caracterizam por sua inacessibilidade à consciência, essa ocorrência tem necessariamente que estar sujeita a outras determinações. Trata-se portanto de investigá-las.

A questão da presença dos pensamentos anormais nos sonhos introduz, como visto, uma ordem mais ampla de problemas. Trata-se de investigar o modo de funcionamento do aparelho psíquico, ou ainda, o modo de processamento dos pensamentos no interior do mesmo. Tarefa que implica explicitar os pressupostos de Freud sobre a consciência. Acompanhemos esta construção. O “tornar-se consciente” (*Bewustwerden*) envolve a participação de uma certa função psíquica, a atenção. E, do fato desta ser utilizada somente em determinada quantidade, decorrem duas possibilidades de explicação para a interrupção do processo que conduz uma seqüência de pensamento à

⁴⁶ Freud, S. “Die Traumdeutung”. In: MITSCHERLICH, A.; RICHARDS, A. & STRACHEY, J. (eds.), op. cit., Bd. II, p. 563; idem, STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. IV e V, p. 582; idem, FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. II/III, p. 598.

⁴⁷ Idem, in: MITSCHERLICH, A.; RICHARDS, A. & STRACHEY, J. (eds.), op. cit., Bd. II, p. 563; idem, STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. IV e V, p. 582, idem, FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. II/III, p. 573.

consciência: a) outras metas podem ter desviado a atenção da seqüência em questão, impedindo dessa forma seu acesso à consciência e b) “nossa atividade reflexiva consciente” pode interromper um determinado caminho iniciado a partir de uma seqüência de pensamento, provocando com isso um decréscimo do investimento em tal seqüência que, “iniciada e abandonada”, pode permanecer assim ou, no caso de receber uma intensidade elevada, se impor à atenção.

Freud constrói uma imagem que lhe permite expor o decurso das representações no aparelho psíquico, designando a seqüência que não se torna consciente como “pré-consciente”, a qual pode ter tido seu trajeto interrompido ao ser descuidada, interrompida ou “reprimida” (*unterdrückte*). Acompanhando o texto de Freud:

desde uma “representação-meta” (Zielvorstellung)⁴⁸, uma certa magnitude de excitação, designada “energia de investimento” (Beetzungsenergie), se desloca (verschoben) ao longo das vias associativas selecionadas por aquela. Uma seqüência de pensamento “descuidada” (vernachlässigter) não recebeu este tipo de investimento, se ela foi “reprimida” ou “repudiada/recusada”

⁴⁸ Laplanche faz duas interessantes observações com relação ao determinismo psíquico e à idéia de finalidade presentes no termo *Zielvorstellung*, utilizado por Freud para expressar o que orienta o curso dos pensamentos conscientes, pré-conscientes e inconscientes. Segundo ele, esse termo já presente no *Projeto* e muitas vezes mencionado no capítulo VII de “A Interpretação dos Sonhos”, evidencia em ambos a originalidade da concepção freudiana do determinismo psíquico: “o curso dos pensamentos nunca é indeterminado, isto é, livre de qualquer espécie de lei, e, mais as leis que o regem não são as leis puramente mecânicas definidas pela doutrina associacionista, segundo a qual a sucessão das associações pode sempre reconduzir-se à contigüidade e à semelhança sem haver razão para que se lhe reconheça um sentido mais profundo [...] Por que falará Freud de representação-meta, e não apenas de meta ou finalidade? A questão põe-se sobretudo quanto à finalidade inconsciente. Poderíamos responder-lhe dizendo que as representações em causa não são outra coisa senão os fantasmas inconscientes. Essa interpretação justifica-se em referência aos primeiros modelos apresentados por Freud do funcionamento do pensamento: este, incluindo a exploração que caracteriza o processo secundário, só é possível graças ao fato de que a meta, ou a representação-meta, permanece investida, exerce uma atração que torna mais permeáveis, mais bem facilitados, todos os caminhos que dela aproximam. Esta meta é a representação do desejo que provém da vivência de satisfação” [cf. LAPLANCHE & PONTALIS, op. cit., pp. 586-8].

(verworfenen), é por *lhe* ter sido retirado tal investimento. Em qualquer dos dois casos, ela fica abandonada à sua própria excitação⁴⁹.

Veja-se agora o “destino” dessas representações. Uma representação pré-consciente pode extinguir-se espontaneamente ou conservar-se. O primeiro caso implicaria a difusão de sua energia segundo o mecanismo de descarga, que transformaria a excitação que *lhe* é própria em “investimento-quietescente” (*ruhende Besetzung*), o qual não desempenha papel significativo na formação do sonho. Importante significado é reservado a outras “representações-meta” encontradas no pré-consciente, aquelas que provêm das fontes dos desejos inconscientes. Estas podem se apropriar da excitação “no círculo dos pensamentos abandonados a si mesmos, estabelecer a conexão entre este e o desejo inconsciente e *transferir-lhe* a energia que pertence ao desejo inconsciente”. A partir desse processo uma seqüência de pensamento, até então pré-consciente, é, segundo Freud, “*arrastada para o inconsciente*”. Fundamental na exposição de Freud é ressaltar que no interior do pré-consciente pode se cumprir um “itinerário” de pensamentos que encontra investimento desde o desejo inconsciente.

A partir desse ponto, e é precisamente este o aspecto que nos interessa nesta exposição de Freud a respeito do pré-consciente, esse “itinerário de pensamentos” sofre certas transformações, cujo resultado conduz a uma “formação psicopatológica” e cuja intelecção permite supor a participação de dois processos, de distinta natureza, na formação do sonho: aquele que cria pensamentos equiparados ao pensamento normal e aquele que

⁴⁹ FREUD, S., “Die Traumdeutung”. In: MITSCHERLICH, A.; RICHARDS, A. & STRACHEY, J. (eds.), op. cit., Bd. II, p. 564; idem, STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. IV e V, p. 583; idem, ; FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. II/III, p. 599.

procede de maneira absolutamente estranha a este último. Trata-se da distinção entre processo primário e processo secundário.

Em que consistiria o processo primário? A resposta de Freud mobiliza o conhecimento adquirido com a psicologia das neuroses, mais especificamente com a histeria. Antes de tudo, nesse desenvolvimento, o patológico permite a intelecção de um processo próprio ao sonho: trata-se de buscar a intelecção, a partir de um funcionamento anormal do itinerário de pensamentos, previamente encontrado através da psicologia das neuroses, de um processamento anormal do pensamento comum às patologias e ao sonho, ou seja, próprio ao funcionamento do aparelho psíquico. Em outros termos, da descrição dos processos envolvidos no trabalho do sonho passa-se à investigação da natureza desses processos e sua presença nas formações patológicas, como também sua dedução resulta da exploração conjunta dos fenômenos normais e patológicos. Assim, com relação à histeria, Freud é levado a afirmar que *“dada a plena identidade entre as peculiaridades do trabalho do sonho e as da atividade psíquica que desemboca nos sintomas psiconeuróticos, nos julgamos autorizados a transferir ao sonho as conclusões que a histeria nos força a extrair”*⁵⁰.

Sobre o recalque

O que a etiologia da histeria, até então formulada, poderia fornecer à teoria do sonho no que se refere aos processos anormais de pensamento? A resposta de Freud organiza-se em torno da elucidação do mecanismo do recalque. Em outros termos: a existência do processamento anormal do

⁵⁰ Idem, *ibidem*, p. 567; idem, in: STRACHEY, J. (org.), *op. cit.*, vol. IV e V, p. 587, idem, in ; FREUD, Anna et al. (eds.), *op. cit.*, Bd. II/III, p. 603.

pensamento na histeria, portanto fora do sonhar, demonstra a possibilidade de sua ocorrência e a determinação deste pelo recalque. Na teoria da histeria⁵¹ encontra-se o seguinte enunciado: “*essa elaboração psíquica anormal de um itinerário normal de pensamentos só ocorre quando este último é submetido à transferência de um desejo inconsciente que provém do infantil e se encontra no recalque*”⁵².

Para elucidar o mecanismo próprio ao recalque, Freud recorre à ficção através da qual construiu a noção de aparelho psíquico. As atividades deste são concebidas, como já visto, segundo o plano do arco-reflexo, como regidas pelo esforço para evitar um acúmulo de excitação e manter-se, o quanto possível, sem excitação. Nesse quadro, o acúmulo de excitação é vivido como desprazer e coloca o aparelho em situação de repetir a vivência de satisfação, que envolveu diminuição de excitação e foi sentida como prazer. Essa “corrente”, do desprazer ao prazer, é designada por Freud como desejo e somente este pode colocar o aparelho em movimento, cujo curso é regulado por sentimentos de prazer e desprazer. No entanto, o primeiro desejo pode ter consistido no investimento alucinatorio de uma lembrança que, enquanto tal, não seja apropriada para produzir prazer, exigindo dessa maneira a atividade de um segundo sistema do aparelho psíquico. Até aqui nenhuma novidade, o acréscimo consistirá na descrição do trabalho próprio a cada um dos sistemas desse aparelho e sua relação com o recalque.

⁵¹ Na teoria da histeria elaborada até 1897, o desejo infantil era o resultado de uma vivência de sedução. No texto de 1898, “A sexualidade na etiologia das neuroses”, a etiologia das psicose neuroses encontra-se determinada por vivências sexuais infantis, pertencentes a uma ainda incipiente concepção da sexualidade infantil. No entanto, mesmo depois desse texto, as afirmações de Freud a esse respeito são contraditórias (incluindo aquelas mencionadas na própria “Traumdeutung”). Assim, esse *desejo inconsciente que provém do infantil* não pode ser imediatamente assimilado à sexualidade infantil, como suposto desenvolvimento da teoria da histeria mencionada por Freud.

⁵² FREUD, S. “Die Traumdeutung”. In: MITSCHERLICH, A.; RICHARDS, A. & STRACHEY, J. (eds.), op. cit., Bd. II, p. 567-568; idem STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. IV e V, p. 587, idem, FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. II/III, p. 603.

A atividade própria ao primeiro sistema residiria em garantir a “livre descarga das quantidades de excitação” e, ao segundo, produzir, pelos investimentos que dele partem, uma “*inibição desta descarga, sua transformação em investimento quiescente*”⁵³. A partir dessas considerações, Freud introduz o protótipo e o primeiro exemplo do *recalque psíquico*, que consistiria no afastamento da recordação de qualquer coisa que alguma vez tenha envolvido desprazer.

Ao regular o aparelho, esse princípio determina o funcionamento do primeiro e segundo sistemas. Assim, o primeiro sistema não pode incluir na “trama do pensamento” que lhe é própria o desagradável e não pode, portanto, fazer outra coisa a não ser *desejar*. Caso nada interferisse nesse funcionamento, não haveria possibilidade do desenvolvimento do segundo, o qual necessita das “recordações decantadas na experiência”. Nesse sentido, se apresentam apenas duas saídas, a saber, ou o trabalho do pré-consciente se torna totalmente independente do princípio de desprazer ou deve investir a recordação que provoca desprazer de tal forma a evitar o desprendimento deste. Nesse último caso, o investimento consistiria ao mesmo tempo numa inibição da drenagem da excitação. É precisamente este o elemento fundamental à teoria do recalque que está se montando, ou seja, que “*o segundo sistema só pode investir uma representação se estiver em condições de inibir o desenvolvimento de desprazer que parte dela*”⁵⁴. No entanto, essa inibição não pode ser completa, pois justamente um sinal dela deve indicar ao segundo sistema a natureza da recordação, quer dizer, sua falta de adequação

⁵³ Idem, “Die Traumdeutung”. In: MITSCHERLICH, A.; RICHARDS, A. & STRACHEY, J. (eds.), op. cit., Bd. II, p.569; idem, in: STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. V, p. 589; idem in: FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. II/III, p. 605.

⁵⁴ Idem, “Die Traumdeutung”. In: MITSCHERLICH, A.; RICHARDS, A. & STRACHEY, J. (eds.), op. cit., Bd. II, p.571; idem, in: STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. V, p. 590; idem, in: FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. II/III, p. 607.

para a finalidade do pensar. Com isso, Freud esclarece que o primeiro sistema, o sistema inconsciente, se caracteriza pelo processo primário do pensar, cabendo o processo secundário ao sistema pré-consciente. Estes se distinguiriam ainda pelo tipo de energia que processam, a saber, livre ou móvel (no Icc), ligada ou quiescente (no Prcc)⁵⁵.

Tanto o processo que leva aos sonhos quanto o que leva à histeria podem, nesse sentido, ser equiparados e descritos como o resultado do trabalho de pensamento secundário que sucumbiu ao processo primário e este não é o resultado de uma falha funcional do aparelho, mas o produto da conjunção de fatores procedentes da história evolutiva do homem. Ambos provêm da vida infantil, são “um sedimento da alteração que nosso organismo psíquico e somático experimentou desde as épocas infantis”. Assim, quando Freud se refere ao “primário”, remete à sua posição hierárquica e sua capacidade de operação, mas também à cronologia. Pois em função da lenta constituição do aparelho, os processos secundários só muito tardiamente chegam a submeter os processos primários, impondo assim ao processo secundário apenas o papel de indicar às moções de desejo inconsciente os caminhos mais adequados à sua realização.

Entre as moções que provêm do infantil existem aquelas que entraram em contradição com as representações-meta do processo secundário, cuja realização provocaria um afeto de desprazer e, *“justamente esta mudança do afeto constitui a essência do que designamos recalque”*⁵⁶.

⁵⁵ Idem, “Die Traumdeutung”. In: MITSCHERLICH, A.; RICHARDS, A. & STRACHEY, J. (eds.), op. cit., Bd. II, cf. p. 571, nota 1; idem, in: STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. V, p. 591, nota 10.

⁵⁶ Idem, “Die Traumdeutung”. In: MITSCHERLICH, A.; RICHARDS, A. & STRACHEY, J. (eds.), op. cit., Bd. II, p. 573; idem, in: STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. V, p. 593; idem in: FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. II/III, p. 609.

Recalque e mudança do afeto

Como visto até aqui, a teoria do recalque pressupõe a regulação do aparelho psíquico pelo princípio do desprazer, a partir do qual o funcionamento do primeiro sistema é determinado pelo desejar, não incluindo nada portanto do âmbito do “desagradável” e o do segundo, pelo investimento exclusivo de uma representação quando em condições de inibir o desenvolvimento de desprazer que dela pode advir. Agora, no entanto, ao nos depararmos com a possibilidade da contradição entre as moções que provêm do primeiro e as representações-meta do segundo, cujo efeito, no caso da realização daquelas, é provocar um afeto de desprazer, nos defrontamos com o que Freud designa como a *essência (Wesen) do recalque*.

Tratar-se-á, portanto, do exame dos caminhos e forças pulsionais (*Triebkräfte*) a partir das quais tal mudança se opera. Questão que, conforme sua advertência, será apenas tangencialmente trabalhada neste texto. Em primeiro lugar, uma tal mudança ocorre no curso do desenvolvimento humano e está atrelada à atividade do sistema secundário. É possível pensar essa mudança através do seguinte modelo:

as recordações desde as quais o desejo inconsciente provoca o desprendimento de afeto nunca foram acessíveis ao Prcc; por isso não foi possível inibir seu desprendimento de afeto. E precisamente por causa deste desenvolvimento do afeto tais representações tão pouco agora são acessíveis desde os pensamentos pré-conscientes sobre os quais transferiram sua força de desejo. Ao contrário, entra em ação o princípio de desprazer e faz com que o Prcc se afaste de tais pensamentos de transferência. Estes são abandonados a si mesmos, são recalcados, e dessa maneira a existência de um tesouro de recordações infantis

subtraídas desde o começo do Prcc passa a ser a condição prévia para o recalque (Verdrängung)⁵⁷.

Frente a essa situação, o aparelho é suscetível a diferentes ocorrências: reagir em harmonia com o princípio do desprazer, ou seja, subtrair o investimento dos pensamentos de transferência presentes no pré-consciente ou, numa situação mais complexa – quando o desejo inconsciente recalçado recebe um reforço orgânico que lhe permite irromper com sua excitação no pré-consciente –, desencadear uma *luta defensiva* mediante a formação de um sintoma. De qualquer forma, o fundamental é que

desde o momento em que pensamentos recalçados são investidos com força pela moção inconsciente de desejo, mas abandonados pelo investimento pré-consciente, eles ficam a mercê do processo primário, restritos à descarga motriz ou, quando o caminho está livre, à reanimação alucinatória da identidade perceptiva desejada⁵⁸.

Algumas observações

As investigações do processo primário, do secundário, de sua relação no funcionamento do aparelho psíquico e de sua determinação no recalque, permitem concluir que ambos são “modos de trabalho do aparelho psíquico”. Fato que delimita a questão dos processos de pensamento da seguinte maneira: aqueles descritos como incorretos são os que se encontram

⁵⁷ Idem, “Die Traumdeutung”. In: MITSCHERLICH, A.; RICHARDS, A. & STRACHEY, J. (eds.), op. cit., Bd. II, p. 573; idem, in: STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. V, p. 593; idem, in: FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. II/III, pp. 609-10.

⁵⁸ Idem, “Die Traumdeutung”. In: MITSCHERLICH, A.; RICHARDS, A. & STRACHEY, J. (eds.), op. cit., Bd. II, p. 574; idem, in: STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. V, p. 594; idem, in: FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. II/III, p. 610.

sob o recalque, estes são os primários no aparelho, e em segundo lugar, eles não são propriamente incorretos, no sentido de falseamentos de processos normais, erros de pensamento. Ao contrário, são precisamente os modos de trabalho do aparelho. Assim, a reflexão sobre os processos de pensamento próprios ao psiquismo, campo no qual se instala o recalque com o desenvolvimento da hipótese sobre o aparelho psíquico, permite aquilatar a distância entre a investigação etiológica organizada a partir da noção de trauma e aquela própria a esse “território” no qual se trava uma nova forma da “luta defensiva”.

A questão não respondida se refere às recordações não acessíveis ao sistema pré-consciente, fato que impede a este último a inibição do afeto por elas desprendido. Ou seja: por que essas recordações nunca estiveram no Prcc? Sugere-se uma primeira aproximação pelo aspecto cronológico das primeiras experiências, as quais, por sua relativa antigüidade, se encontram submetidas ao processo primário e são por isso passíveis das transformações próprias a esse processo. No entanto, o desenvolvimento do texto de Freud aponta com toda a clareza para as lacunas da teoria do recalque e para a impossibilidade da resposta a essa questão. Assim, a partir da referência à tese central à teoria das psiconeuroses, segundo a qual somente moções de desejo sexuais procedentes do infantil experimentam o recalque nos períodos de desenvolvimento da infância e proporcionam as forças pulsionais de toda formação de sintoma psiconeurótico, ele sustenta que somente com a *“introdução destas forças sexuais é possível preencher as lacunas ainda registradas na teoria do recalque”*⁵⁹. Passagem que ele declara não pretender realizar nesse texto. Com relação ao sonho, por maiores que sejam as

⁵⁹ Idem, “Die Traumdeutung”. In: MITSCHERLICH, A.; RICHARDS, A. & STRACHEY, J. (eds.), op. cit., Bd. II, p. 575; idem, in: STRACHEY, J. (org.), op. cit., vol. V, p. 595; idem, in: FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. II/III, p. 611.

analogias a partir das quais fez sua investigação sobre os processos de pensamento comuns a esse fenômeno e à histeria, Freud é categórico: não se trata de um fenômeno patológico. O sonho nos permite, tal como ele o fez no exame de outros fenômenos psíquicos normais, a inteligência da estrutura do “edifício normal de nosso instrumento psíquico”, a qual consiste de dois sistemas, a censura da passagem entre eles e a inibição e superposição de uma atividade pela outra. Dessa inteligência decorre também a compreensão de que o mecanismo psíquico do qual se serve a neurose não é gerado por uma perturbação patológica, mas é próprio ao aparelho psíquico normal.

Por fim, a partir da consideração da análise de Freud sobre os processos primário e secundário nos deparamos com o início da formulação metapsicológica do recalque, cujos pressupostos se sustentam na idéia de regulação do aparelho psíquico pelo princípio do desprazer, na divisão desse aparelho em dois sistemas de cuja relação decorre a chave dessa teoria. E na definição da essência do recalque como mudança do afeto provocada pela contradição entre moções de desejo inconsciente e representações-meta pré-conscientes. O argumento de Freud a esse respeito parte da consideração do processo primário, assinalando a importância, inclusa em sua designação, do aspecto cronológico que lhe é próprio e do processo secundário, tardio no desenvolvimento psíquico. Por esse motivo, as moções de desejo inconsciente, originadas no primeiro, podem gerar desprazer ao entrarem em contradição com as representações-meta do pré-consciente, na medida em que não têm acesso ao Prcc, no qual o processo secundário tem por função indicar os caminhos de descarga mais adequados para esses desejos. Dessa maneira, Freud descreve a origem do recalque. No entanto, como visto ao fim da exposição, são muitas as lacunas dessa teoria e ele indica o “lugar da falta”

remetendo à teoria das psiconeuroses e ao papel por ela atribuído às moções sexuais infantis.

A partir dessa consideração de Freud sobre a teoria do recalque, a hipótese de leitura sobre as conseqüências do abandono da teoria da sedução pode ser retomada. Como dito no início, a sedução permitiu a Freud articular o traumático ao sexual e, como visto, a ruptura desse modelo não deixou de exigir uma reorientação das investigações relativas à etiologia das neuroses. No entanto, nesse movimento é precisamente a noção de trauma (pelo menos na sua acepção inicial) que se desarticula e cede lugar a toda uma investigação sobre o funcionamento e, por fim, a constituição do aparelho psíquico, como fundamental nas investigações etiológicas. Assim, o sexual, ainda que seu papel enquanto fator etiológico seja preservado na teoria das psiconeuroses, a qual Freud se refere na “Traumdeutung”, também não é incorporado no desenvolvimento dessa obra a não ser no final do capítulo VII como a direção necessária das investigações. Caminho este que somente lhe será franqueado a partir da teoria da sexualidade formulada nos *Três Ensaio*s, a qual lhe permitirá “reencontrar”, não sem uma profunda alteração, um dos termos da equação presente na etiologia das neuroses, ou seja, a idéia de que a sexualidade é *causa* dos fenômenos patológicos.

Capítulo 4

Teoria da sexualidade e etiologia das neuroses

Ao expor os limites da teoria do recalque, Freud afirma, no final do capítulo VII da “Traumdeutung”, a conseqüente necessidade de investigá-la a partir das moções de desejos sexuais infantis que lhe são determinantes. Movimento não realizado em relação à análise do fenômeno do sonho, pois essa passagem deveria ser construída a partir do legado da psicopatologia da histeria que declara ter consistido, desde “Estudos sobre Histeria”, na descoberta da importância dos fatores sexuais na etiologia das neuroses.

No entanto, a leitura do período compreendido entre a redação de “Estudos sobre Histeria” e a “Traumdeutung” permitiu assinalar justamente a reorientação das investigações etiológicas nesse momento da obra. Ora, se os fatores sexuais são de fundamental importância na construção da teoria etiológica, não deixa de ser também nítida a alteração de seu modo de inscrição no quadro conceitual que possibilita elucidar os fenômenos psicopatológicos. Assim sendo, a lacuna para a qual aponta Freud em seu trabalho sobre o sonho assinala a necessidade de explicitar os pressupostos que possibilitam conciliar tal fator etiológico com o estado atual de suas pesquisas. Dito em outros termos, trata-se de articular a indagação sobre o aparelho psíquico e os processos próprios ao seu funcionamento aos fatores sexuais na determinação dos fenômenos patológicos, ou seja, inscrever o legado da teoria sobre a psicopatologia da histeria em um quadro conceitual delimitado a partir da recusa da teoria da sedução. Nesse sentido, a falta à qual se refere Freud na “Traumdeutung” remete à exigência de uma teoria que

responda pela natureza das moções de desejos sexuais infantis, a qual dará lugar a uma reflexão sobre a concepção de sexualidade.

Desse modo, a teoria da sexualidade é o resultado de uma exigência interna a esse movimento de reorientação das investigações etiológicas, no qual o sexual se desarticula do traumático. Nos “Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie” (Três Ensaio sobre Teoria Sexual)¹, ela será concebida como constitutiva do psiquismo e, como uma das principais conseqüências dessa passagem, definida como “causa interna” dos fenômenos patológicos. Nesse capítulo, acompanha-se a construção do conceito de sexualidade e seu papel na etiologia das neuroses.

Sobre o primeiro ensaio

O primeiro desses ensaios se compõe da desmontagem da teoria da sexualidade do século XIX, oriunda da biologia e da psiquiatria, que se articulava fundamentalmente em torno da noção de “instinto natural”, teleologicamente orientado para a reprodução. O escopo da crítica de Freud, portanto, será o alicerce dessa teoria. Direção que o levará a contrapor o caráter constitutivo da sexualidade humana.

Passemos à análise desse primeiro ensaio. Trata-se do exame das “aberrações sexuais” e Freud assinala que as referências nele contidas são retiradas das publicações de Krafft-Ebing, Moll, Moebius, Havellock Ellis, Schrenck-Notzing, Löwenfeld, Eulenburg, I. Bloch, M. Hirschfeld, dos

¹ Freud, S. “Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie”. In: MITSCHERLICH, A.; RICHARDS, A. & STRACHEY, J. (eds.). *Die Freud-Studienausgabe*. Bd. V, Frankfurt am Main: S. Fischer, 1989, pp. 37-145; idem, “*Tres ensayos de teoría sexual*”. In: STRACHEY, J. (org.). *Obras Completas Sigmund Freud*. Tradução do alemão de José L. Etcheverry. Vol. VII. Buenos Aires: Amorrortu, 1994, p. 109-224. Idem, in: FREUD, Anna et al. (eds.). *Sigmund Freud Gesammelte Werke*. Nachtragsband. Frankfurt am Main: Fischer, 1999Bd. V, pp. 27-145.

trabalhos do *Jahrbuch für sexuelle Zwischenstufen* e das indicações bibliográficas dos estudos contidos neste último. A seleção das referências e o próprio tema indicam que o objeto de Freud nesse capítulo é uma perspectiva cara à concepção da sexualidade no século XIX: uma teoria assentada nos pressupostos da degenerescência e na discussão presente na alternativa inato/adquirido. Assim, embora situadas como anomalias, as aberrações sexuais explicitam o campo que define a sexualidade, bem como a fronteira entre o normal e o patológico. Nesse sentido, o primeiro alvo de Freud refere-se ao terreno delimitado como patológico pela medicina da época, em relação à qual aponta o equívoco na demarcação da fronteira entre o normal e o patológico.

Os elementos que sustentam a teoria da sexualidade a ser criticada são apresentados de maneira sucinta nas primeiras linhas de seu trabalho. Esta consiste fundamentalmente na idéia da existência de necessidades sexuais, no homem e nos animais, expressa, na biologia, através da suposição de uma “pulsão sexual” (*Geschlechtstrieb*) concebida, analogamente, a partir da “pulsão de nutrição”, ou seja, da fome. No caso da pulsão sexual, por falta de uma designação equivalente a esta última, a ciência usa para tanto “libido”. Quanto à “opinião popular”, a libido tem certas representações sobre a natureza e propriedades da pulsão sexual que podem ser claramente sintetizadas, a saber: a pulsão está ausente na infância, advém com a puberdade e, vinculada ao processo de maturação próprio a esse período, se exterioriza sob a forma da atração de um sexo sobre o outro, consistindo sua meta na união sexual entre ambos.

Com relação a esses traços da opinião popular a respeito da pulsão sexual, não é possível deixar de constatar uma evidência: precisamente eles sustentaram a hipótese freudiana da sedução. Entretanto, logo a seguir,

acrescenta ter fundamento suficiente para discernir nessas idéias não só o fato delas consistirem em uma cópia infiel da realidade como também o quanto estão marcadas por erros, imprecisões e conclusões apressadas². Portanto, a mera apresentação da “opinião popular” a respeito da sexualidade evidencia a distância assumida por Freud nesses três ensaios com relação aos textos anteriores, nos quais abordou o papel etiológico dos fatores sexuais nos fenômenos patológicos.

Trata-se, nesse primeiro ensaio, como visto, de desmontar a noção de sexualidade do século XIX. No entanto, boa parte desta foi por ele compartilhada até o abandono da teoria da sedução. Apesar de uma extensa discussão sobre a etiologia das neuroses se ocupar dos temas relativos à hereditariedade e conduzir à formulação da hipótese da sedução, através da qual o traumático e o sexual foram articulados, essa hipótese se sustenta sobre tais pressupostos. Assim, desmontar a concepção de sexualidade própria ao século XIX implica desmontar também aquela que norteou boa parte das investigações etiológicas de Freud até então. Movimento possível a partir do momento em que a psicopatologia pode efetivamente ser pensada em outros termos, ou seja, quando o deslocamento das investigações etiológicas, referido ao longo deste trabalho, coloca a questão em termos de constituição do psiquismo humano.

A concepção da sexualidade em questão

Voltemo-nos para o exame do primeiro ensaio e a desarticulação do conceito de sexualidade que nele se opera. Ao analisar certos desvios com

² Cf. MITSCHERLICH, A.; RICHARDS, A. & STRACHEY, J. (eds.), op. cit., p. 47; STRACHEY, J. (org.), op. cit., p.123; FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. V, p. 33.

relação à norma, cujo resultado põe em questão o caráter supostamente necessário do vínculo entre pulsão e objeto, Freud investiga os pressupostos sobre os quais a medicina constrói suas concepções sobre as aberrações sexuais, ou seja, a degenerescência e a alternativa inato/adquirido (a qual contempla a hipótese da bissexualidade como fator explicativo), os quais serão por ele paulatinamente afastados. Com esse fim introduz os conceitos de objeto e meta sexual, a partir dos quais identifica a existência de desvios com relação a ambos. Assim, ao conceito de “pulsão sexual” acrescenta os conceitos de “objeto sexual”, para designar aquele de quem parte a atração, e de “meta sexual”, para definir a ação para a qual a pulsão impele.

Sobre a relação entre pulsão e objeto, Freud assinala que a “teoria popular” encontra perfeita expressão na fábula poética das duas partes do homem que buscam se reencontrar e sua negação na existência da “inversão”, ou seja, na existência de um certo grupo de pessoas para as quais o objeto da pulsão sexual não se caracteriza por ser do sexo oposto ao delas. A inversão é inicialmente descrita quanto à conduta dos indivíduos, que são classificados como “absolutos”, quando o objeto sexual tem necessariamente que ser do mesmo sexo, de tal modo que qualquer contato com o sexo oposto provoca repugnância e incapacita esses indivíduos para o ato sexual normal; como “anfígenos” (hermafroditas psicosexuais), quando seu objeto sexual pode ser do mesmo sexo ou não e, nesse caso, a inversão não tem o caráter de exclusividade; como “ocasionais”, aqueles que sob a influência de certas condições externas podem tomar como objeto sexual pessoas do mesmo sexo e sentir satisfação no ato sexual.

Sobre a inversão

Em relação à concepção da inversão, Freud investiga os dois elementos presentes em sua primeira definição, a saber, seu caráter inato e a degeneração. Quanto a esta última, ele retoma as observações de Moebius sobre o uso excessivo desse termo e assinala que seria mais adequado falar de degeneração somente quando vários desvios graves quanto à norma coincidem e a capacidade de rendimento esteja gravemente comprometida³. Com base nesses critérios, Freud afasta o caráter degenerativo da inversão, pois seguramente entre os invertidos encontram-se aqueles que não apresentam qualquer outro desvio grave quanto à norma e também aqueles em que a capacidade de rendimento tampouco está prejudicada

Afastada essa primeira característica, trata-se de examinar a alternativa inato/adquirido. Assim, no que diz respeito ao caráter inato, Freud objeta que ele só poderia ser válido para o primeiro grupo dos invertidos, o dos absolutos. Fato que evidentemente inviabilizaria pensar em uma definição mais geral para a inversão. Entre aqueles que sustentam tal opinião, mantém-se a idéia de que em uma série de casos ela poderia ser inata e em outros ter nascido de outro modo. Nesse sentido, encontra-se a tentativa de circunscrever a inversão como “um caráter adquirido da pulsão sexual” a partir de considerações relativas às impressões precoces na vida de sujeitos invertidos (absolutos), cujas seqüelas teriam produzido a inclinação homossexual, ou ainda relativas a certas influências externas favorecedoras e inibidoras que levariam à fixação da inversão, tais como o trato exclusivo com pessoas do

³ Cf. MITSCHERLICH, A.; RICHARDS, A. & STRACHEY, J. (eds.), op. cit., p. 50; STRACHEY, J. (org.), op. cit., p. 126; FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. V, p. 37.

mesmo sexo, a camaradagem na guerra, detenção em prisões, o celibato etc. Por fim, também o fato da inversão poder ser eliminada através da hipnose, por si mesmo impede defini-la como inata.

Assim, depois de afastar o degenerativo como um traço próprio da inversão, trata-se também de recusar a alternativa “inato-adquirido” em sua definição. Com essa ordem de argumentos Freud põe em questão a explicação da inversão e se lança para o exame da elucidação desta a partir da hipótese da bissexualidade inata dos seres humanos. O raciocínio é o seguinte: a hipótese de que ela seja inata não explica sua natureza e tampouco o faz a de que ela seja adquirida. No primeiro caso, é necessário esclarecer o que nela seria inato, pois é evidente que uma dilucidação deste não pode se fundar na idéia de um vínculo predeterminado entre a pulsão e seu objeto. Também com relação ao adquirido caberia a pergunta pela suficiência dos fatores acidentais na aquisição da inversão sem a “necessária solicitação de algo que já existisse no indivíduo”. Os termos da equação são desse modo recolocados.

Com relação ao recurso à bissexualidade como possibilidade de explicação do caráter inato da inversão, o argumento de Freud é mais detalhado, sobretudo porque lhe interessa manter, desde que devidamente depurados, dois dos elementos presentes nessa concepção, a saber, a noção de uma disposição bissexual e a existência de perturbações que afetam a pulsão sexual em seu desenvolvimento. Acompanhemos seu argumento. Em primeiro lugar, o exame do hermafroditismo anatômico permite compreender a presença de um certo grau deste como um traço normal dos indivíduos, cuja conseqüência é admitir uma disposição originariamente bissexual que se alteraria até alcançar, no curso de seu desenvolvimento, a “monossexualidade” (*Monosexualität*). No entanto, com relação ao passo seguinte, e neste reside o cerne da crítica de Freud, nada autorizaria a compreender a inversão a partir

da transferência da concepção desse hermafroditismo anatômico para o hermafroditismo psíquico. Não há coincidência entre a inversão e os signos psíquicos e somáticos do hermafroditismo. Dessa maneira Freud mantém a noção de um certo “hermafroditismo”, mas recusa o vínculo direto entre o psíquico e o anatômico. Seja qual for a natureza do hermafroditismo, essas considerações não permitem supor relações estreitas entre uma possível hibridez psíquica e uma comprovada hibridez anatômica e utilizá-las na explicação da inversão. Assim, ainda que entre os invertidos encontre-se uma diminuição da pulsão sexual e atrofias anatômicas dos órgãos, esses traços não são regulares ou dominantes, sendo portanto necessário admitir que inversão e hermafroditismo somático são independentes entre si. O mesmo raciocínio vale para a presença dos chamados caracteres sexuais secundários e terciários nos invertidos que não obstante aparecem em ambos os sexos e são signo de hibridez, mas nem por isso determinam uma mudança na escolha do objeto como na inversão. Também o suposto hermafroditismo psíquico não se sustenta, pois com a inversão da escolha do objeto não ocorre, de maneira regular e concomitante, salvo em certos casos, uma mudança de outras propriedades psíquicas, pulsões e traços de caráter em direção ao que é próprio ao outro sexo. Ainda com relação ao recurso à bissexualidade, trata-se de assinalar o caráter injustificado das tentativas de substituir o problema psicológico pelo anatômico, presente nas teorias que pretendem explicar a inversão pelas conseqüências anatômicas da disposição bissexual, apelando para a determinação desta não só dos centros cerebrais masculinos e femininos mas também dos órgãos sexuais. Depois desse extenso argumento contra o recurso à bissexualidade enquanto elemento inato à pulsão, tal como ele fora até então concebido, Freud mantém “em pé”, como assinalado acima, a noção

de uma “disposição sexual” e de “perturbações que afetam a pulsão sexual em seu desenvolvimento”.

No entanto, resta examinar esse recurso enquanto hipótese explicativa da escolha de objeto. Freud submete à crítica um certo pressuposto da teoria do hermafroditismo psíquico que pretende definir o objeto sexual dos invertidos como contrário ao normal. Segundo ele, tanto para os invertidos quanto para os sujeitos normais há uma independência entre a escolha de objeto e o sexo deste.

Após o exame da inversão, o próprio Freud declara serem poucas as conclusões, muito especialmente no que se refere à sua gênese. No entanto, o exame desses casos considerados como anormais permitiu apreender que entre “*pulsão sexual e objeto sexual há uma soldadura (Verlötung)*”⁴. Relação que, em função de sua regular correspondência no quadro normal, faz parecer necessário um vínculo inexistente entre pulsão e objeto. Escreve Freud: “*a pulsão sexual é provavelmente no início independente de seu objeto e tampouco deve sua origem aos encantos deste*”⁵. Assim, o exame dessa “aberração sexual” tem por objetivo deslocar o eixo da patologia, na medida em que o foco não é afirmar o caráter patológico, mas investigar sobre quais pressupostos ele se funda. Noções como degeneração e a alternativa “inato/adquirido” são afastadas enquanto fatores explicativos da inversão, para dar lugar a uma só conclusão, ou seja, pulsão e objeto guardam independência entre si.

Com essa passagem, construída no interior do que a medicina definia como “aberração”, Freud efetivamente desmonta o mais fundamental

⁴ Cf. MITSCHERLICH, A.; RICHARDS, A. & STRACHEY, J. (eds.), op. cit., p. 58; STRACHEY, J. (org.), op. cit., p. 134; FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. V, p. 46.

⁵ Cf. MITSCHERLICH, A.; RICHARDS, A. & STRACHEY, J. (eds.), op. cit., p. 58; STRACHEY, J. (org.), op. cit., p. 134; FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. V, p. 47.

de seus pressupostos. No entanto, sua investigação não se encerra com essa conclusão, possível a partir do exame da inversão, concebida como um desvio da pulsão sexual quanto ao objeto. Resta ainda por examinar o desvio da pulsão sexual quanto à meta que, como se sabe, será o caso das perversões. A introdução desse aspecto pode ser acompanhada ainda no item relativo a desvios com relação ao objeto, que discorre sobre “as pessoas sexualmente imaturas e animais como objetos sexuais”. Freud conclui que para um bom número de indivíduos, “a classe e o valor do objeto sexual passam a um segundo plano. Alguma outra coisa é o essencial e o constante na pulsão sexual”⁶. Com essa questão acerca do essencial da pulsão, Freud passa ao exame dos desvios desta quanto à meta.

Os desvios quanto à meta

Freud começa por definir a “meta sexual normal”, a união dos genitais, no ato designado como coito, que leva ao alívio da tensão sexual e à extinção temporária da pulsão, produzindo um tipo de satisfação que pode ser analogamente comparada àquela produzida pela saciedade da fome; e introduzir que, mesmo no ato considerado normal, encontram-se esboços daquilo que uma vez plenamente desenvolvido pode ser caracterizado como perversão. Seria o caso, por exemplo, de certas práticas a ele associadas que se definem por encerrar prazer em si mesmas e aumentar a excitação a ser mantida até atingir a meta sexual definitiva. Desse modo, Freud vincula, desde o início da exposição, vida sexual normal e perversões. Estas últimas são classificadas como “transgressões anatômicas”, no caso das atividades que

⁶ Cf. MITSCHERLICH, A.; RICHARDS, A. & STRACHEY, J. (eds.), op. cit., p. 60; STRACHEY, J. (org.), op. cit., p. 136; FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. V, p. 48.

excedem as zonas do corpo destinadas à união sexual, e como “fixação de metas provisórias”, no que diz respeito à duração das relações intermediárias com o objeto sexual.

A fronteira entre ambas será situada a partir do papel desempenhado pela supervalorização do objeto, determinante em atividades perversas tais como o uso sexual da mucosa dos lábios e da boca, uso sexual do orifício anal, significação de outros lugares do corpo e fetichismo. A supervalorização conferida ao objeto da pulsão faz com que a meta não cesse nos órgãos genitais e estenda-se a todo o corpo, participando portanto na transformação de atividades ligadas a outras partes do corpo, além da união dos órgãos genitais, em objetivos sexuais. A perversão é definida como um desvio da pulsão quanto à meta sexual, mas nessa passagem são assinalados os elementos que compõem a pulsão em sua relação com a meta, ou seja, a supervalorização do objeto que determina a extensão da meta a outras partes do corpo além dos genitais, o sentimento de asco que concorre com esse desvio e contribui para restringir essa extensão conferindo o selo de perversão a determinadas práticas e o próprio desenvolvimento da pulsão sexual que marca determinados lugares do corpo como equivalentes aos genitais.

Com relação à segunda das classificações, “a fixação de metas sexuais provisórias”, ela será examinada desde o ponto de vista dos seguintes tópicos, a saber: “o surgimento de novos objetivos”, “o tocar e o olhar” e “sadismo e masoquismo”. Tal como no exame anterior, trata-se de ressaltar o estreito liame entre essa presença como parte do ato sexual normal e a patologia. Todo esse desenvolvimento acaba por permitir a abordagem das perversões em geral. Acompanhemos este desenvolvimento.

Freud começa por considerar que os médicos que primeiro estudaram as perversões atribuíram-lhe o caráter de um signo patológico ou

degenerativo, tal como fizeram com relação à inversão. No entanto, para a psicanálise é possível demonstrar que a maioria dessas transgressões é um ingrediente da vida das pessoas saudáveis. Ele escreve: “*em nenhuma pessoa saudável faltará algum complemento da meta sexual normal que poderia chamar-se perverso, e esta universalidade basta por si só para mostrar quão inadequado é usar pejorativamente o nome de perversão*”⁷.

Freud aproxima, portanto, a sexualidade perversa da normal: o essencial na perversão deixa de consistir na transgressão da meta sexual, na substituição dos genitais, ou ainda na variação do objeto, pois esses traços podem ser encontrados nas práticas sexuais normais e se definem pela maneira exclusiva com que os desvios de meta e objeto se efetuam, excluindo o ato sexual próprio à reprodução. As ações perversas deixam de ser consideradas como tais, na medida em que se integram ao ato sexual normal como contribuições que o preparam ou reforçam.

Com relação à pulsão sexual, dois outros importantes resultados são obtidos através do estudo das perversões: ele revelou que certos poderes psíquicos se opõem à transgressão, entre eles a vergonha, o asco e a moral, que contribuem para circunscrever a pulsão no interior de limites considerados normais e se desenvolvem precocemente no indivíduo. Assim, antes que a pulsão sexual assuma a plenitude de sua força, eles marcam a direção de seu desenvolvimento. Por outro lado, esse estudo revelou também o caráter de síntese da pulsão sexual, ou seja, sua natureza composta⁸.

⁷ Cf. MITSCHERLICH, A.; RICHARDS, A. & STRACHEY, J. (eds.), op. cit., p. 70; STRACHEY, J. (org.), op. cit., p. 146; FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. V, p. 60.

⁸ Cf. MITSCHERLICH, A.; RICHARDS, A. & STRACHEY, J. (eds.), op. cit., p.71; STRACHEY, J. (org.), op. cit., p. 148; FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. V, p. 61.

De volta às neuroses

Com essa ordem de observações sobre a pulsão, extraída do estudo das perversões, Freud passa ao exame das pulsões sexuais nos neuróticos, pois justamente as psiconeuroses se sustentam em forças de caráter sexual. A energia da pulsão é a única fonte constante das neuroses, de tal modo que a vida sexual dos neuróticos se exterioriza nos sintomas, ou seja, “*os sintomas são a prática sexual dos enfermos*”⁹.

Eis o início da discussão que interessa focalizar. De modo paralelo à desmontagem do conceito de sexualidade opera-se, em seu primeiro ensaio, a introdução do conceito de pulsão sexual na investigação da etiologia das neuroses. Nesse sentido, Freud retoma a importância desse fator, mas não se trata mais da prática sexual cuja disfunção provoca a patologia e tampouco do efeito *a posteriori* (*nachträglich*) da sedução. Trata-se de uma força de caráter sexual, única fonte constante das neuroses.

Acompanhemos o argumento. A prova da afirmação relativa ao caráter dos sintomas neuróticos reside na análise dos histéricos e de outros neuróticos. Os sintomas histéricos são eliminados, na análise, sob a premissa de que são os substitutos de uma série de processos investidos de afetos, desejos e aspirações, aos quais, em virtude do recalque, foram negados acessos à consciência, e que, relegados ao inconsciente, aspiram a uma expressão proporcional ao seu valor afetivo, ou seja, a uma descarga. Na análise, seguindo certas regras, é possível transformar os sintomas em representações conscientes investidas de afeto. Processo por meio do qual se

⁹ Cf. MITSCHERLICH, A.; RICHARDS, A. & STRACHEY, J. (eds.), op. cit., p.72; STRACHEY, J. (org.), op. cit., p. 148; FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. V, p. 63.

consegue averiguar a natureza dessas formações psíquicas anteriormente inconscientes.

Através desse caminho verifica-se que os sintomas são um substituto de aspirações, cuja fonte é a pulsão sexual. Fator que harmoniza com a teoria sobre a histeria e com o caráter dos histéricos, o qual consiste em um recalque sexual que excede o normal, com um aumento significativo das resistências à pulsão e uma espécie de fuga em face do conflito. Outro fator constitucional da histeria, também descoberto pela análise, consiste no intenso desenvolvimento da pulsão sexual, que permite compreender a coexistência nessa patologia de uma necessidade sexual muito grande e simultaneamente de uma, também importante, desautorização da mesma. A enfermidade encontra sua ocasião quando, diante do conflito entre a pulsão e a força a ela contraposta, as aspirações libidinais se transformam em sintomas.

No entanto, os sintomas não nascem de maneira exclusiva, nem mesmo predominantemente da pulsão sexual normal. Eles são a “expressão convertida” de pulsões perversas: *“portanto, os sintomas se formam em parte às custas de uma sexualidade anormal; a neurose é, por assim dizer, o negativo da perversão”*¹⁰. Assim, a pulsão sexual dos neuróticos permite discernir todas as aberrações presentes na vida sexual normal e nas manifestações patológicas. Na vida psíquica inconsciente dos neuróticos se encontram: a) moções de inversão, de fixação da libido em pessoas do mesmo sexo; b) inclinações à transgressão anatômica; c) pulsões parciais como promotoras de novas metas sexuais.

¹⁰ Cf. MITSCHERLICH, A.; RICHARDS, A. & STRACHEY, J. (eds.), op. cit., p. 74; STRACHEY, J. (org.), op. cit., p. 150; FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. V, p. 65.

A sexualidade nasce do infantil

Toda a construção desenvolvida por Freud, desde a aproximação da sexualidade perversa da normal – a qual incluiu estabelecer a definição da perversão e a presença de seus traços na sexualidade normal, bem como, a partir de suas manifestações explicitar certas características da pulsão sexual – até a exposição dos elementos que compõem essa pulsão nos neuróticos, obedece a uma lógica que busca estabelecer o elemento comum à sexualidade (seja ela perversa ou neurótica).

As aberrações são desvios da pulsão quanto ao objeto e à meta. Com relação ao primeiro, examinado através da inversão, foi possível estabelecer que entre ambos (pulsão e objeto) não há um vínculo necessário e, quanto às perversões, caracterizadas como desvios da pulsão quanto à meta sexual, que a sexualidade não coincide com a reprodução, tampouco com o genital. No entanto, o fundamental é o modo como Freud organiza os argumentos e sustenta a tese que antecipa a necessidade do desenvolvimento do segundo capítulo sobre a sexualidade infantil.

Para chegar à afirmação de que a sexualidade nasce do infantil, o texto parte do exame das aberrações e percorre a aproximação entre a sexualidade perversa, a neurótica e a normal para desembocar na origem comum entre elas, ou seja, os elementos presentes nas aberrações sexuais. Assim, essa estrutura de certo modo circular do primeiro ensaio obedece à lógica da construção da exposição freudiana da teoria da sexualidade e do problema por ela visado. Como assinalado no início deste capítulo, ao finalizar a “*Traumdeutung*”, Freud explicita a necessidade de abordar a natureza das moções sexuais infantis. São estas que se constituem no objeto de investigação da teoria da sexualidade a ser montada nos “*Três Ensaio*s”.

Caberia portanto a pergunta pela necessidade do extenso desenvolvimento sobre as aberrações para afirmar a tese da existência de uma sexualidade infantil. Não se trata de asseverar a universalidade da sexualidade infantil como ponto de partida dos “Ensaio”, mas de, a partir da investigação das aberrações sexuais – estas sim, universalmente reconhecidas como sexuais –, demonstrar o caráter necessário da construção da tese acerca da sexualidade infantil.

Retomemos em linhas gerais a estratégia do primeiro ensaio. A inversão explicitou o aspecto contingente do objeto sexual: entre pulsão e objeto não há mais do que uma “soldadura”. As perversões demonstraram que sexualidade e reprodução não coincidem, pois elas desmentem (*verleugnen*) a meta da reprodução. No entanto, não é possível passar da consideração das práticas perversas na sexualidade adulta para a constatação de sua presença na vida infantil. Essa passagem é construída na aproximação da sexualidade perversa com a sexualidade adulta normal, através do argumento de que nesta última observa-se com muita freqüência traços perversos. Considerando-se que o essencial na perversão não consiste na transgressão da meta sexual, nem mesmo na substituição dos genitais e tampouco na diversificação dos objetos, mas sim na exclusividade com que os desvios de meta e objeto se efetuam, recusando o ato sexual a serviço da reprodução, as ações perversas, assim concebidas, deixam de ser consideradas como tais. Na medida em que fazem parte do ato sexual normal como traços que o complementam, as práticas perversas são um elemento comum tanto à sexualidade normal quanto à perversa. Diminuída a distância entre ambas, é possível inferir que elas têm uma origem comum. Hipótese a ser examinada também a partir da teoria freudiana das psiconeuroses e da relação entre neurose e perversão, marcada

pelo par positivo/negativo (“a neurose é, por assim dizer, o negativo da perversão”¹¹).

Todo o desenvolvimento desta última passagem, que será examinado a seguir, centra-se na exposição dos elementos que compõem a sexualidade neurótica e a perversa, assinalando o papel desempenhado em ambas pelas pulsões parciais e zonas erógenas; franqueando a passagem fundamental, cuja conclusão é que na base de todas as perversões – e portanto como um elemento comum à sexualidade perversa, neurótica e normal – reside “algo que é inato (*angeboren*) em todos os homens”¹². Trata-se de certas “raízes inatas da pulsão sexual, dadas na constituição da mesma”¹³.

Pulsão sexual e constituição

Da teoria das neuroses, Freud retoma a idéia de que o fator sexual é determinante na etiologia das mesmas. No entanto, essa concepção é expressa em termos de “forças pulsionais de caráter sexual”; são essas forças que determinam os fenômenos patológicos, consistindo na única fonte energética constante das neuroses. Com relação à histeria, o raciocínio é o mesmo: os sintomas são substitutos de processos psíquicos que, em virtude do recalque, não encontraram acesso à consciência. Por esse motivo, quando relegadas ao inconsciente, aspiram a uma descarga que, no caso dessa patologia, se dá através do processo de conversão em fenômenos somáticos. A técnica psicanalítica permitiu transformar esses sintomas em representações conscientes e verificar que eles são substitutos de aspirações cuja fonte é a

¹¹ Idem, *ibidem*.

¹² Cf. MITSCHERLICH, A.; RICHARDS, A. & STRACHEY, J. (eds.), *op. cit.*, p. 80; STRACHEY, J. (org.), *op. cit.*, p. 156; FREUD, Anna et al. (eds.), *op. cit.*, Bd. V, p. 71.

¹³ Idem, *ibidem*.

pulsão sexual. No caso da histeria, um segundo fator constitucional que lhe é peculiar advém do desenvolvimento hiperpotente da pulsão sexual, o qual configura a existência de um par de opostos: uma necessidade sexual intensa e uma extrema desautorização da mesma. A ocasião da enfermidade se apresenta, nesse caso, quando se estabelece um conflito entre o pulsional e a ação contrária a ele. A enfermidade é uma tentativa de escapar ao conflito, transformando as aspirações libidinais em sintomas. A patologia, portanto, não é causada pelo fator sexual, no sentido anteriormente investigado, mas sim o resultado de um compromisso entre forças de naturezas distintas.

Além disso, nesse momento a psicanálise pode afirmar que os sintomas psiconeuróticos não surgem, de modo exclusivo ou sequer predominante, da pulsão sexual chamada normal. Eles são a expressão convertida de pulsões que poderiam ser designadas como perversas e, nesse sentido, eles se formam à custa de uma sexualidade anormal. A neurose é o negativo da perversão, ou seja, ela recalca aquilo que a perversão revela; permitindo discernir na pulsão sexual dos psiconeuróticos todas as aberrações anteriormente estudadas como patológicas. Assim, na vida inconsciente de todos os neuróticos encontram-se moções de inversão, de fixação da libido em pessoas do mesmo sexo e todas as inclinações à transgressão anatômica, em particular as que se referem à mucosa bucal e anal como substitutas dos genitais. Também as pulsões parciais, promotoras de novas metas sexuais no caso das perversões, desempenham um importante papel na formação dos sintomas psiconeuróticos, sobretudo a pulsão à crueldade, configurada ativa e passivamente, indispensável à compreensão da natureza penosa dos sintomas.

Com relação às pulsões parciais, Freud escreve, em 1905, que é possível, além da pulsão não sexual em si mesma, proveniente de fontes motrizes de impulso, distinguir nas pulsões parciais a contribuição de um

órgão que recebe estímulos e cuja excitação confere caráter sexual à pulsão; órgão que por esse motivo deve ser designado como “zona erógena”.

Mas o essencial para o objetivo da análise desse texto é o aspecto relativo à sexualidade e as psiconeuroses. Nesse sentido, voltemo-nos para as páginas finais de seu primeiro ensaio, em que Freud retoma as questões que acompanham a discussão acerca da sexualidade na etiologia das neuroses, referindo-se à disposição constitucional, aos fatores acidentais, bem como ao recalque. Com relação à disposição constitucional nas psiconeuroses, afirma ser possível nelas encontrar, junto a um grau hipertrófico do recalque sexual e a uma hiperpotência da pulsão, uma inclinação à perversão. Como fatores externos, circunscreve certas ocorrências na vida do sujeito, tais como a restrição da liberdade ou a inacessibilidade do objeto normal, as quais acabam por gerar perversões em indivíduos que, na ausência destas, teriam uma vida normal. No entanto, a neurose demonstra a existência de um “*nexo de cooperação*”¹⁴ entre o fator constitucional e o vivenciar. De qualquer forma, o constitucional passa a designar o recalque sexual, a pulsão sexual e uma inclinação que pode vir aliada aos fatores externos. E, como a inclinação à perversão pode ser pensada como parte da constituição psiconeurótica, inaugura-se a possibilidade de investigar a gama das constituições segundo a preponderância de certas zonas erógenas e pulsões parciais e também a possibilidade da disposição perversa relacionar-se à escolha da forma da enfermidade.

Nesse capítulo, conclui-se que na base de todas as perversões há algo inato, “*mas algo que é inato em todos os homens*”¹⁵. A investigação do

¹⁴ Cf. MITSCHERLICH, A.; RICHARDS, A. & STRACHEY, J. (eds.), op. cit., p. 79; STRACHEY, J. (org.), op. cit., p. 155; FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. V, p.70.

¹⁵ Cf. MITSCHERLICH, A.; RICHARDS, A. & STRACHEY, J. (eds.), op. cit., p. 80; STRACHEY, J. (org.), op. cit., p. 156; FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. V, p. 71.

primeiro ensaio termina por situar a sexualidade, ou melhor, a pulsão sexual no constitucional. Acompanhemos sua formulação: trata-se das raízes inatas da pulsão sexual, dadas na constituição mesma, que se desenvolvem até serem portadoras da atividade sexual; outras vezes sofrem um recalque e podem atrair para si como sintomas uma parte da energia sexual e, em outros casos, sob a influência de uma restrição adequada, levam à vida sexual normal. No entanto, essa constituição só pode ser rastreada na criança. Dessa constatação decorre que “*os neuróticos conservaram o estado infantil de sua sexualidade ou foram remetidos a ele*”¹⁶ e dessa formulação, o interesse pela vida sexual da criança e as vicissitudes do processo de desenvolvimento da sexualidade infantil que determinam a perversão, a neurose ou a vida sexual normal.

O infantil

O descuido do infantil por parte da opinião popular, que não reconhece a existência da pulsão sexual na infância, admitindo-a somente na puberdade, é o alvo inicial dos comentários de Freud em seu segundo ensaio. Imediatamente a este, segue-se a crítica aos autores que se ocuparam com o indivíduo adulto e não deram atenção à pré-história, atribuindo dessa maneira maior influência à herança. Ele concede que na bibliografia encontram-se algumas referências às práticas sexuais precoces, mas nitidamente sob o signo de processos excepcionais. E, com essa ordem de observações, introduz a afirmação de que a “*pulsão sexual na infância possui o caráter de uma lei*”¹⁷.

A investigação do sexual na criança parte da consideração da amnésia infantil. A questão fundamental diz respeito às forças atuantes nessa

¹⁶ Idem, *ibidem*; idem FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. V, p. 72.

amnésia e sua relação com a amnésia histérica, que só é explicável a partir da existência da primeira. Na amnésia histérica, os traços mnêmicos subtraídos da consciência atraem as forças do recalque. Desse modo, começa a se cumprir a investigação, anunciada no final do capítulo VII da “Traumdeutung”, sobre as moções sexuais infantis recalçadas, cujo esclarecimento não era possível sem a teoria da sexualidade, cuja desmontagem implicou não só o conceito de sexualidade próprio à medicina do século XIX, como também a desarticulação da concepção presente nos textos de Freud embasados na teoria da sedução e mesmo em alguns de seus elementos após seu abandono.

Nesse sentido, o limite da consideração do sexual infantil, na formulação da noção de desejo na “Traumdeutung”, perde seu caráter enigmático e pouco crível. Com os “Três Ensaio” configura-se a possibilidade de articular a sexualidade à investigação sobre o aparelho psíquico e os processos próprios ao seu funcionamento. Em outros termos, o deslocamento das investigações etiológicas, desencadeado pelo abandono da hipótese da sedução - em direção à constituição do aparelho psíquico - encontra seu “complemento” na concepção de sexualidade introduzida nos “Ensaio”. Com isso, o exame dos fenômenos decorrentes da constituição do psiquismo assume gradativa importância nas investigações etiológicas.

Entretanto, esse aspecto inaugural dos “Ensaio” nem sempre é reconhecido por Freud. Assim, por exemplo, ao introduzir a importância da amnésia infantil como condição para a histérica, Freud cita seu texto sobre a etiologia da histeria e escreve: *“já em 1896 destaquei a relevância dos anos infantis para a gênese de certos importantes fenômenos, dependentes da vida*

¹⁷ Cf. MITSCHERLICH, A.; RICHARDS, A. & STRACHEY, J. (eds.), op. cit., p. 81; STRACHEY, J. (org.), op. cit., p. 157; FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. V, p. 74.

sexual, e depois não cessei de trazer ao primeiro plano o fator infantil da sexualidade”¹⁸. Ora, essa relevância do infantil, como já visto, estava inscrita em uma teoria que postulava a temporalidade da sexualidade humana, ou seja, um período não-sexual seguido de um propriamente sexual. Resta a questão relativa à insistência freudiana na manutenção de uma certa linha de continuidade na teoria da sexualidade, mas, de qualquer forma, nosso interesse foi percorrer a distância entre 1896 e 1905.

No texto de 1905, Freud afirma que o recém-nascido

*traz em si germes de moções sexuais que seguem se desenvolvendo durante certo lapso, mas depois sofrem uma progressiva repressão (Unterdrückung); esta, por sua vez, pode ser interrompida por embates regulares de avanço do desenvolvimento sexual ou suspensa por peculiaridades individuais*¹⁹.

Suposição possível a partir de manifestações da sexualidade infantil e também das recordações infantis presentes nos neuróticos. De qualquer maneira, parece interessante que desde as linhas iniciais do segundo ensaio se coloque a questão da origem das moções sexuais, presentes no recém-nascido, mas acessíveis à observação somente a partir de um certo momento.

Será com a questão acerca da “*conformação originária da pulsão sexual*”²⁰ que Freud se dedicará ao exame e exposição das exteriorizações da sexualidade infantil, organizadas, como se sabe, em torno da noção de desenvolvimento, cujo ponto de partida, tomado como modelo, é o “sugar com leite” (*Ludeln ou Lutschen*). A exploração desse modelo permite estabelecer

¹⁸ Cf. MITSCHERLICH, A.; RICHARDS, A. & STRACHEY, J. (eds.), op. cit., p. 84; STRACHEY, J. (org.), op. cit., p. 160; FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. V, p. 77.

¹⁹ Idem, *ibidem*.

²⁰ Cf. MITSCHERLICH, A.; RICHARDS, A. & STRACHEY, J. (eds.), op. cit., p. 86; STRACHEY, J. (org.), op. cit., p. 162; FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. V, p. 80.

a linha sobre a qual se dá tal desenvolvimento, determinando a configuração inicial da pulsão. Retomemos essa exposição em seus traços mais gerais. A partir da definição desse ato como independente do propósito da nutrição, é possível afirmar tratar-se de uma atividade auto-erótica, na qual “*a pulsão não está dirigida a outra pessoa, se satisfaz no próprio corpo*”²¹. Além disso, é um ato regido pela busca de um prazer já vivenciado e que com ele é recordado, cujo protótipo é sugar o seio materno. Assim, os lábios se convertem em uma zona erógena, cuja causa da sensação de prazer foi fornecida pela estimulação presente no afluxo de leite no ato de mamar. Há, no início, uma nítida associação entre a satisfação da zona erógena e a necessidade de alimentar-se. Dessa maneira, “*a atividade sexual se apóia (anlehn) primariamente em uma das funções que servem à conservação da vida e só mais tarde se torna independente dela*”²². Portanto, as exteriorizações da sexualidade infantil permitem estabelecer que ela nasce apoiada em uma das funções fundamentais à conservação da vida, é auto-erótica, ou seja, busca satisfação no próprio corpo e está sob o império de uma zona erógena²³.

Estabelecidas as características fundamentais à conformação originária da pulsão sexual, Freud extrai certas conseqüências desta sobre a histeria, assinalando sua relação com as zonas erógenas. As zonas erógenas são definidas como “*uma parte da pele ou da membrana mucosa em que*

²¹ Cf. MITSCHERLICH, A.; RICHARDS, A. & STRACHEY, J. (eds.), op. cit., p. 88; STRACHEY, J. (org.), op. cit., p. 164; FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. V, pp. 81-2.

²² Cf. MITSCHERLICH, A.; RICHARDS, A. & STRACHEY, J. (eds.), op. cit., p. 88; STRACHEY, J. (org.), op. cit., p. 165; FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. V, p. 82.

²³ Com relação a essa passagem, na qual são indicadas as características da sexualidade infantil, há uma nota indicando que, em 1905, Freud não incluíra a formulação acerca do apoio. Neste texto, ela se mantém porque está suficientemente explícita em todo o desenvolvimento de sua argumentação, ou seja, não é um acréscimo decorrente, como em outros casos, de uma releitura de certos aspectos de seu texto ou de complementações que se fizeram necessárias [cf. MITSCHERLICH, A.; RICHARDS, A. & STRACHEY, J. (eds.), op. cit., p. 88, nota 03 e STRACHEY, J. (org.), op. cit., p. 165, nota 16]. Não consta nota in FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit.

*estimulações de certa classe provocam uma sensação de prazer de uma determinada qualidade”*²⁴, mas cuja importância não reside prioritariamente na compleição das partes do corpo em questão e sim na qualidade do estímulo produtor de uma sensação de prazer. Este último traço é observável, por exemplo, no caso dos deslocamentos operados pela criança. De maneira análoga às manifestações infantis, nas histéricas encontra-se esse deslocamento: *“nesta neurose, o recalque afeta sobretudo às zonas genitais em sentido estrito, e estas transmitem sua suscetibilidade às restantes zonas erógenas, que de outro modo permaneceriam relegadas na vida adulta; e então se comportam exatamente como os genitais”*²⁵. Assim sendo, estabelece-se um elemento comum entre as zonas erógenas e as histerógenas. A partir dessas considerações, é possível observar a significativa alteração da concepção etiológica em questão: não se trata da invasão traumática, mas da ação do recalque e suas conseqüências.

“Causas internas” e “ocasiões externas”

No entanto, o problema da etiologia das neuroses não se resolve com o recalque. Resta esclarecer ainda a especificidade das neuroses nessa nova organização conceitual. Com relação a esse aspecto, Freud assinala que “causas internas” (*innere Ursachen*) e “ocasiões externas” (*äussere Anlässe*) podem ser deduzidas nas neuroses a partir da configuração dos sintomas. Entre as “causas internas” encontram-se a constituição e o desenvolvimento sexual e, no que se refere às “contingências”, ele retoma a hipótese da sedução

²⁴ Cf. MITSCHERLICH, A.; RICHARDS, A. & STRACHEY, J. (eds.), op. cit., p. 90; STRACHEY, J. (org.), op. cit., p. 166; FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. V, pp. 83-4.

²⁵ Cf. MITSCHERLICH, A.; RICHARDS, A. & STRACHEY, J. (eds.), op. cit., p. 90; STRACHEY, J. (org.), op. cit., p. 166-7; FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. V, p. 84.

para finalmente introduzir as diferenças relativas às suas investigações anteriores e sobre as quais se teceram alguns comentários no início da análise do segundo ensaio. Ele começa por assinalar que em primeiro plano se situa a influência da sedução, cuja conseqüência seria, na eventualidade de um tratamento prematuro da criança como objeto sexual, a compulsão desta a repetir a satisfação das zonas genitais, então experimentada, através da masturbação. Nenhuma palavra sobre os “cuidados maternos” como fonte dessa sedução colocada em primeiro plano. No entanto, talvez se possa de fato atribuir tal papel à mãe (ou substitutos), em função do modelo com o qual Freud inicia a exposição das exteriorizações da sexualidade infantil e da afirmação, no terceiro ensaio, de que a ternura materna desperta a pulsão sexual da criança e prepara sua intensidade. Mas, ainda que o texto de 1905 autorize essa passagem, é nítida a distância entre a teoria da sedução correlata ao trauma e esta “sedução em primeiro plano” da qual nos fala Freud. Mais interessante, portanto, é a “conclusão” sobre o papel desta. Escreve Freud:

não posso conceder que no meu trabalho sobre a Etiologia da Histeria (1896c)²⁶ eu tenha superestimado sua freqüência ou importância, embora é certo que eu não soubesse na época que indivíduos que continuaram sendo normais podiam ter tido as mesmas vivências, motivo pelo qual outorguei maior valor a sedução que aos fatores dados na constituição e no desenvolvimento sexual. É evidente que a sedução não é necessária para despertar a vida sexual da criança e que este despertar pode também se produzir de forma espontânea a partir de causas internas²⁷.

²⁶ FREUD, S. (1896) “L’hérédité et l’étiologie des névroses”. In: FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. I, pp. 405-22.

²⁷ Cf. MITSCHERLICH, A.; RICHARDS, A. & STRACHEY, J. (eds.), op. cit., pp. 96-7; STRACHEY, J. (org.), op. cit., p. 173; FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. V, p. 91.

Logo, ainda que Freud “não possa conceder” ter superestimado a sedução e embora esteja no “primeiro plano”, ela não designa o necessário, mas o *contingente*, pois está situada entre as “ocasiões externas”. Com toda clareza, o caráter necessário na determinação dos fenômenos psíquicos (e não só dos patológicos) é designado pela constituição e o desenvolvimento sexual. Quanto à constituição, ela é essencialmente marcada pela disposição perversa polimorfa presente em todos os seres humanos. Desse modo, a longa exposição das exteriorizações da sexualidade infantil, da qual privilegamos a apresentação do modelo a partir do qual Freud explicita seus principais traços e deduz a conformação originária da pulsão, dá lugar à discussão sobre o papel da constituição na etiologia das neuroses. Dito de outro modo: com base nas manifestações do sexual infantil, considerado perverso polimorfo, sob o império exercido pelas zonas erógenas e pulsões parciais na busca do prazer, Freud deduz a origem da pulsão sexual e o caráter inato da disposição perverso polimorfa. Seu caráter inato é também considerado a partir da referência à “influência da sedução”. O raciocínio é o seguinte: é possível demonstrar tal caráter uma vez que, sob a influência da sedução, o menino pode se converter em um perverso polimorfo e ser levado à prática de “todas as transgressões possíveis”; no entanto, *“a influência da sedução não ajuda a descobrir a condição inicial da pulsão sexual, ao contrário, ela confunde a inteligência dela, na medida em que aporta prematuramente ao menino o objeto sexual, do qual a pulsão sexual infantil não demonstra no começo necessidade alguma”*²⁸.

²⁸ Cf. MITSCHERLICH, A.; RICHARDS, A. & STRACHEY, J. (eds.), op. cit., p. 97; STRACHEY, J. (org.), op. cit., p. 174; FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. V, p. 92.

As metamorfoses da puberdade

O terceiro ensaio se inicia a partir da consideração das “metamorfoses da puberdade”, indicando com isso que não nos encontramos mais diante de um referencial que mantém a noção de “dois tempos” da sexualidade – um período não sexual frente a um momento propriamente sexual, marcado pelo advento da puberdade –, mas, que essa espécie de “continuidade”, situada no âmbito da conformação originária perversa polimorfa da pulsão sexual, comporta, em um certo sentido, um “segundo tempo”. Trata-se, mais precisamente, de transformações relativas ao objeto, à meta e à subordinação das pulsões parciais ao primado da zona genital, provocadas, no entanto, em última instância, pelo advento da puberdade. Acompanhemos a introdução do texto de Freud:

com o advento da puberdade se introduzem mudanças que levam a vida sexual infantil a sua conformação normal definitiva. A pulsão sexual fora até então predominantemente auto-erótica; encontra agora um objeto sexual. Até esse momento atuava partindo de pulsões e zonas erógenas singulares que, independentemente umas das outras, buscavam um certo prazer em qualidade de única meta sexual. Agora sobrevém uma nova meta sexual; para alcançá-la, cooperam todas as pulsões parciais, ao passo que as zonas erógenas ficam subordinadas ao primado da zona genital²⁹.

A introdução é bastante clara: com o advento da puberdade nos situamos frente a um “segundo tempo” da sexualidade, que não pode ser

²⁹ Cf. MITSCHERLICH, A.; RICHARDS, A. & STRACHEY, J. (eds.), op. cit., p. 112; STRACHEY, J. (org.), op. cit., p. 189; FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. V, p. 108.

identificado com aquele postulado pela teoria da sedução. No entanto, como diferentes autores não deixaram de assinalar, esse terceiro ensaio apresenta uma série de problemas. Entre eles, o retorno ao biológico e à idéia de uma finalidade da pulsão sexual nele inscrita, pois a puberdade introduziria “as transformações que levam a vida sexual infantil a sua conformação definitiva”.

Retomemos em linhas gerais os dois primeiros ensaios para introduzir algumas observações sobre o desenvolvimento do terceiro. No primeiro, Freud desmonta a noção de sexualidade corrente no século XIX, marcada essencialmente pela idéia de um vínculo necessário entre pulsão sexual e objeto, teleologicamente orientada para a reprodução. A partir do exame das aberrações sexuais, ele assinala o caráter independente da pulsão com relação ao objeto e à meta sexual. No segundo, ao investigar a conformação originária da pulsão sexual, conclui que a disposição perversa polimorfa, própria à sexualidade infantil, é constitutiva da humana e que as vicissitudes de seu desenvolvimento são determinantes nos fenômenos psicopatológicos. No terceiro, trata-se das metamorfoses advindas com a puberdade e do processo de desenvolvimento sexual nela presente, sendo a normalidade da vida sexual considerada como resultado da coincidência entre duas correntes, dirigidas ao objeto e à meta sexuais³⁰.

A nova meta sexual será definida a partir do desenvolvimento sexual próprio ao homem, por ser esse, como escreve Freud, “o mais conseqüente e também o mais acessível a nossa compreensão”. Assim, a nova meta consiste na descarga dos produtos sexuais e a esse ato final do processo

³⁰ Nessa passagem do texto, há duas notas, a ele posteriormente agregadas, que indicam a natureza das correntes às quais se referia Freud em 1905. Assim, em 1915, ele acrescenta tratar-se da corrente “*terna e da sensual*” e, em 1920, especifica que “*a primeira delas reúne em si o que resta do precoce florescimento*”

sexual está ligado o máximo de prazer. A pulsão sexual se coloca doravante a serviço da função de reprodução e para que essa transformação se dê é necessária a concorrência “das disposições originárias e todas as peculiaridades das pulsões”.

Fundamental nessa passagem é a exposição do raciocínio que passa a nortear as investigações etiológicas de Freud. Após a introdução das metamorfoses da puberdade e de sua correlata complexidade, na medida em que implica “novos enlaces e novas composições” no organismo, Freud assinala que também neste podem sobrevir perturbações patológicas resultantes da interrupção desses “novos arranjos”. Desse modo, circunscreve a psicopatologia no âmbito de um referencial centrado na noção de desenvolvimento. Citando Freud: “*todas as perturbações patológicas da vida sexual podem ser consideradas, com justiça, como inibições do desenvolvimento*”³¹.

Desse modo, serão precisamente as etapas desse desenvolvimento que Freud tentará percorrer no último ensaio. Sem, no entanto, deixar de assinalar a necessária convivência com alguns enigmas. De qualquer forma, o crescimento dos genitais externos e o desenvolvimento dos internos até o ponto de poder oferecer produtos sexuais ou recebê-los para a gestação compõem parte do mais chamativo dos processos ocorridos na puberdade, de tal modo que se encontra preparado um complexo aparelho que aguarda o momento de ser utilizado. Seu funcionamento deve ser disparado por estímulos, cuja fonte pode provir do “mundo externo, por excitação das zonas erógenas”, do “interior do organismo” e “*da vida psíquica, que por sua vez*

infantil da sexualidade” [cf. MITSCHERLICH, A.; RICHARDS, A. & STRACHEY, J. (eds.), op. cit., p. 112; STRACHEY, J. (org.), op. cit., p. 189, e V, p. 108]

³¹ Cf. MITSCHERLICH, A.; RICHARDS, A. & STRACHEY, J. (eds.), op. cit., p. 113; STRACHEY, J. (org.), op. cit., p. 190; FREUD, Anna et al. (eds.), op. cit., Bd. V, p. 109.

constitui um repositório de impressões externas e um receptor de excitações internas”³². O resultado do processo disparado por qualquer um desses estímulos é o “estado de excitação sexual”, reconhecido por signos somáticos e psíquicos. Entre os signos psíquicos, o sentimento de tensão que acompanha tal estado coloca um problema a ser enfrentado nesse ensaio, o qual consiste na explicitação da relação entre prazer e desprazer nele presente.

Freud parte do exame do modo como as zonas erógenas se inserem nessa “nova ordem” definida pela primazia dos genitais. Assim, no caso de seu primeiro exemplo, à excitação, provocada nos olhos pelos encantos do objeto, conecta-se um prazer e também um aumento do estado de excitação. Raciocínio que vale para o caso desta se estender a outra zona erógena e que recoloca a questão do prazer. Trata-se de entender o modo pelo qual o prazer sentido desperta a necessidade de um prazer maior. Problema ao qual Freud responde recorrendo à nova função desempenhada nesse processo pelas zonas erógenas em seu conjunto, ou seja, “*são empregadas para possibilitar, por meio do prazer prévio que elas adquirem, como na vida infantil, a produção do prazer de satisfação maior*”³³. Em toda essa exposição da questão relativa ao prazer, as transformações da puberdade são concebidas como o resultado de uma complexa reorganização das zonas erógenas sob a ótica do desenvolvimento. Com relação ao prazer, o raciocínio é o mesmo e a seleção vocabular por si só já o explicita. Assim, a um *prazer prévio* (que já podia ser oferecido pela pulsão sexual infantil) soma-se, ou se sobrepõe, a necessidade de um *prazer final, maior*, de satisfação da atividade sexual que depende de certas condições advindas com a puberdade. Assim, o mecanismo da *descarga*

³² Idem, *ibidem*.

³³ Cf. MITSCHERLICH, A.; RICHARDS, A. & STRACHEY, J. (eds.), *op. cit.*, p. 114; STRACHEY, J. (org.), *op. cit.*, p. 192; FREUD, Anna et al. (eds.), *op. cit.*, Bd. V, p. 112.

da tensão caracteriza e diferencia este último do *prazer prévio*, provocado pela excitação das zonas erógenas que promove a necessidade de um prazer maior.

Uma das conseqüências de toda essa investigação acerca do prazer na “nova ordem” instituída pelo primado das zonas genitais será circunscrever o malogro ou a perturbação do desenvolvimento sexual, justamente na fixação no prazer prévio condicionada pelo ganho incomum de intensidade de prazer na infância por uma zona erógena ou pulsão parcial que lhe seja correspondente, a qual o impede de se integrar em uma nova trama (mecanismo presente em muitas perversões). A outra, por contraposição a esta, atribui à infância, mais precisamente, a sua segunda metade, uma espécie de antídoto contra os perigos do prazer prévio. Nesse período, de algum modo já se prefiguraria o primado das zonas genitais, que, na impossibilidade do prosseguimento do processo sexual, engendraria junto ao prazer de satisfação um certo montante de tensão sexual. Com isso, fica demonstrado que as exteriorizações da sexualidade infantil marcam não só o “destino” dos desvios com relação à vida sexual normal (como no caso da fixação), mas também sua “conformação normal”.

Algumas observações

Nos “Três Ensaios”, as moções de desejo sexuais infantis, às quais se refere Freud na “*Traumdeutung*”, se inscrevem numa reflexão sobre a sexualidade, na qual esta passa a ser concebida como inerente à constituição do humano. Nesse quadro, a sexualidade nasce do infantil e suas manifestações mais precoces permitem elucidar a conformação originária da pulsão sexual: ela se apóia em uma das funções fundamentais à conservação

da vida, é auto-erótica e está sob o império de uma zona erógena. Essa conformação originária da pulsão sexual – apreendida a partir das exteriorizações sexuais infantis nos seus traços mais importantes, ou seja, o papel das pulsões parciais e das zonas erógenas – e as vicissitudes de seu desenvolvimento explicitam o essencial da disposição inata aos seres humanos, ou seja, seu caráter perverso polimorfo. Desse modo, essa disposição é inscrita na constituição do humano.

Nessa construção, cujo delineamento se acompanhou neste capítulo, a sexualidade, essencialmente determinada pela pulsão sexual e pelas vicissitudes do desenvolvimento libidinal, é concebida como “causa interna” dos fenômenos patológicos. Nesse sentido, a reorientação das investigações etiológicas encontra na teoria formulada nos “Três Ensaios” uma primeira forma de organização, a partir da qual a constituição do psiquismo contempla a sexualidade e o funcionamento dos processos próprios a esse psiquismo na determinação dos fenômenos patológicos. Portanto, a passagem da definição da vida sexual como “causa externa” dos fenômenos patológicos para a da sexualidade como “causa interna” dessas manifestações exigiu não só os “Ensaio”, mas antes de tudo, que a etiologia se orientasse por uma investigação centrada na constituição do humano.

Conclusão

Conclusão

Do ponto de vista do que pretendeu problematizar, ou seja, a construção do conceito de sexualidade e a etiologia das neuroses, a análise da obra freudiana - mais precisamente do período compreendido entre 1886 e 1905 - visou à compreensão de um momento da obra marcado pela paulatina orientação das investigações etiológicas em torno do conceito de sexualidade; delimitado pelo interesse de Freud pelos fenômenos histéricos, em cujo desenvolvimento se delineia o papel atribuído aos fatores sexuais e a formulação da teoria da sexualidade.

Como visto, opera-se no período inicial da obra freudiana uma reorientação das investigações etiológicas, fruto da desarticulação – em razão do abandono da hipótese da sedução – dos dois fatores que lhe são essenciais naquele momento. De tal forma que, embora a etiologia das neuroses até então elaborada se mantenha em suas linhas mais gerais, a recusa de seu elemento de sustentação provoca um abalo em seus alicerces; contexto no qual fenômenos psíquicos normais como esquecimento, recordações e sonhos convertem-se em um campo de interesse privilegiado, tornando-se imperativo investigar o caráter dos processos psíquicos envolvidos em tais fenômenos. Desse ponto de vista, impõe-se à teoria repensar a possibilidade de acesso à etiologia das neuroses, o estatuto da fantasia e sua incidência preponderante sobre o infantil, bem como formular uma explicação mais complexa sobre o mecanismo do recalque.

No estudo do processo psíquico próprio aos fenômenos do esquecimento, das recordações encobridoras e do sonho, expressa-se a referida reorientação das pesquisas de Freud. Contudo, os fatores sexuais e o trauma

não se organizam imediatamente em torno da noção de sexualidade infantil que, embora delineada nos textos desse período, não está conceitualmente determinada.

Dito de outra maneira, o tratamento conferido por Freud a esses fatores etiológicos é não só ambíguo, mas, de certo modo, secundário. Nesse momento, a etiologia das neuroses centra-se na investigação do funcionamento e constituição do psiquismo. Assim, a formulação da primeira tópica e toda a reflexão sobre os processos de pensamento, que dá lugar à elucidação do mecanismo do recalque, explicitam não só a distância entre a teoria da defesa elaborada com base na determinação dos fatores sexuais e traumáticos, sustentados pela hipótese da sedução, como também a necessidade de uma teoria da sexualidade em que esses fatores encontrem outra inscrição. Nesse sentido, compreende-se a ambigüidade que acompanha as referências a esse tema na época; presente, por exemplo, no trabalho sobre a sexualidade na etiologia das neuroses, em que as crianças são declaradas *“capazes de todas as realizações sexuais psíquicas e de numerosas realizações somáticas”*; no texto sobre as recordações encobridoras, no qual o infantil é concebido apenas como uma espécie de *“disfarce útil”* e na *“Traumdeutung”*, em que o sentimento derivado da ternura fraternal é a única forma de amar conhecida pelas crianças. Na *“Traumdeutung”*, a necessidade, decorrente da reflexão sobre o recalque, de preencher as lacunas deixadas em relação ao papel das moções sexuais infantis, aparece vinculada à importância etiológica desses fatores na teoria das psiconeuroses elaborada desde *“Estudos sobre histeria”*. No entanto, é precisamente a distância entre o trabalho realizado em conjunto com Breuer e o *“livro sobre o sonho”* que exige uma obra como os *“Três Ensaios sobre teoria sexual”*. Será portanto, somente ao longo do desenvolvimento das pesquisas próprias a esse período, que a

importância dos fatores sexuais na consideração do mecanismo do recalque dará lugar à teoria da sexualidade.

Com a teoria da sexualidade elaborada nos “Três Ensaio”, Freud de certo modo “reencontra” um dos termos da equação etiológica: a sexualidade é concebida como *causa interna* dos fenômenos patológicos, essencialmente determinada pela pulsão sexual e pelas vicissitudes do desenvolvimento libidinal. No entanto, essa formulação resulta da passagem da inscrição dos fatores sexuais como “causa externa” dos fenômenos patológicos à tese da sexualidade como constitutiva do humano, cuja origem situa-se na reorientação das investigações etiológicas em termos de constituição do psiquismo, delineada a partir do abandono da teoria da sedução. Em suma, a construção do conceito de sexualidade e a etiologia das neuroses obedecem à complexidade inerente à instauração da psicanálise, que se estabelece na assunção da realidade psíquica como seu objeto.

Uma breve consideração sobre a orientação deste trabalho encerra esses comentários. A construção dos conceitos que ocuparam as reflexões de Freud se produz a partir de uma articulação teórica que não se expressa como retificação conceitual: mais do que “adaptar” conceitos a quadros empíricos advindos da clínica, os problemas enfrentados por Freud exigem um constante aperfeiçoamento da abordagem. Com frequência, suas investigações envolvem reorientações que acrescentam novos problemas. De tal forma que o trabalho de elaboração teórica faz confluir, de modo descontínuo, experiência clínica e experiência teórica. Talvez toda a sua obra esteja marcada por esse estilo de produção; talvez também grande parte da psicanálise. Seja como for, o período e as questões aqui estudadas parecem indicar isso.

Bibliografia

Bibliografia

ANZIEU, D. *L'auto-analyse de Freud et la découverte de la psychanalyse*. Paris: Presses Uiversitaires de France, 1988.

ASSOUN, P-L. *Introdução à epistemologia freudiana*. Trad. H. Japiassu. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

ELLENGERGER, H. *Histoire de la découverte de l'inconscient*. Paris: Fayard, 1994.

FREUD, S. (1886) "Informe sobre mis estudios en París y Berlín". In: STRACHEY, J. (org.). *Obras Completas Sigmund Freud*. Tradução do alemão de José L. Etcheverry. Vol. I. Buenos Aires: Amorrortu, 1994, pp. 1-15.

FREUD, S. (1886) "Bericht über meine mit Universitäts-Jubiläums-Reisestipendium unternommene Reise nach Paris und Berlin Oktober 1885-Ende März 1886". In: FREUD, Anna et al. (eds.). *Sigmund Freud Gesammelte Werke.. Nachtragsband*. Frankfurt am Main: Fischer, 1999, pp. 31-44.

FREUD, S. (1893) "Algunas consideraciones com miras a un estudio comparativo de las parálisis motrices orgánicas e históricas". In: STRACHEY, J. (org.). *Obras Completas Sigmund Freud*. Tradução do alemão de José L. Etcheverry. Vol. I. Buenos Aires: Amorrortu, 1994, pp. 191-210.

FREUD, S. (1893) "Quelques considérations pour une étude comparative des paralysies motrices organiques et hystériques". In: FREUD, Anna et al. (eds.). *Sigmund Freud Gesammelte Werke*, Band I. Frankfurt am Main: Fischer, 1999, pp. 37-55.

FREUD, S. (1894) "Las neuropsicosis de defensa (Ensayo de una teoría psicológica de la histeria adquirida, de muchas fobias y representaciones obsesivas, y de ciertas psicosis alucinatorias)". In: STRACHEY, J. (org.). *Obras Completas Sigmund Freud*. Tradução do alemão de José L. Etcheverry. Vol. III. Buenos Aires: Amorrortu, 1994, pp. 41-68.

FREUD, S. (1894) "Die Abwehr-Neuropsychosen: Versuch einer psychologischen Theorie der akquirierten Hysterie, vieler Phobien und Zwangsvorstellungen und gewisser halluzinatorischer Psychosen". In: FREUD, Anna et al. (eds.). *Sigmund Freud Gesammelte Werke*. Band I. Frankfurt am Main: Fischer, 1999, pp. 57-74.

FREUD, S. (1895) "Obsesiones y fobias. Su mecanismo psíquico y su etiología". In: STRACHEY, J. (org.). *Obras Completas Sigmund Freud*. Tradução do alemão de José L. Etcheverry. Vol. III. Buenos Aires: Amorrortu, 1994, pp. 69-84.

FREUD, S. (1895) "Obsessions et phobies: leur mécanisme psychique et leur étiologie". In: FREUD, Anna et al. (eds.). *Sigmund Freud Gesammelte Werke*. Band I, Frankfurt am Main: Fischer, 1999, pp. 343-353.

FREUD, S. (1895) "Sobre la justificación de separar de la neurastenia un determinado síndrome en calidad de "neurosis de angustia". In: STRACHEY, J. (org.). *Obras Completas Sigmund Freud*. Tradução do alemão de José L. Etcheverry. Vol. III. Buenos Aires: Amorrortu, 1994, pp. 85-115.

FREUD, S. (1895) "Estudios sobre la histeria (Breuer e Freud)". In: STRACHEY, J. (org.). *Obras Completas Sigmund Freud*. Tradução do alemão de José L. Etcheverry. Vol. II. Buenos Aires: Amorrortu, 1994, pp. 1-309.

FREUD, S. (1895) "A propósito de las críticas a la "neurosis de angustia". In: STRACHEY, J. (org.). *Obras Completas Sigmund Freud*. Tradução do alemão de José L. Etcheverry. Vol. III. Buenos Aires: Amorrortu, 1994, pp. 117-138.

FREUD, S. (1895) "Über die Berechtigung, von der Neurasthenie einen bestimmten Symptomenkomplex als Ängstneurose abzutrennen". In: FREUD, Anna et al. (eds.). *Sigmund Freud Gesammelte Werke*. Band I, Frankfurt am Main: Fischer, 1999, pp. 313-342.

FREUD, S. (1895) "Studien über Hysterie". In: FREUD, Anna et al. (eds.). *Sigmund Freud Gesammelte Werke*. Band I. Frankfurt am Main: Fischer, 1999, pp. 75-312.

FREUD, S. (1895) "Zur Kritik der 'Angstneurose'". In: FREUD, Anna et al. (eds.). *Sigmund Freud Gesammelte Werke*. Band I. Frankfurt am Main: Fischer, 1999, pp. 355-376.

FREUD, S. (1896) "La herencia y la etiología de las neurosis". In: STRACHEY, J. (org.). *Obras Completas Sigmund Freud*. Tradução do alemão de José L. Etcheverry. Vol. III. Buenos Aires: Amorrortu, 1994, pp. 139-156.

FREUD, S. (1896) "Nuevas puntualizaciones sobre las neuropsicosis de defensa". In: STRACHEY, J. (org.). *Obras Completas Sigmund Freud*. Tradução do alemão de José L. Etcheverry. Vol. III. Buenos Aires: Amorrortu, 1994, pp. 157-184.

FREUD, S. (1896) "L'hérédité et l'étiologie des névroses". In: FREUD, Anna et al. (eds.). *Sigmund Freud Gesammelte Werke*. Band I. Frankfurt am Main: Fischer, 1999, pp. 405-422.

FREUD, S. (1896) "Weitere Bemerkungen über die Abwehr-Neuropsychosen". In: FREUD, Anna et al. (eds.). *Sigmund Freud Gesammelte Werke*. Band I. Frankfurt am Main: Fischer, 1999, pp. 377-403.

FREUD, S. (1898) "La sexualidad en la etiología de las neurosis". In: STRACHEY, J. (org.). *Obras Completas Sigmund Freud*. Tradução do alemão de José L. Etcheverry. Vol. III. Buenos Aires: Amorrortu, 1994, pp. 251-276.

FREUD, S. (1898) "Sobre el mecanismo psíquico de la desmemoria". In: STRACHEY, J. (org.). *Obras Completas Sigmund Freud*. Tradução do alemão de José L. Etcheverry. Vol. III. Buenos Aires: Amorrortu, 1994, pp. 277-289.

FREUD, S. (1898) "Die Sexualität in der Ätiologie der Neurosen". In: FREUD, Anna et al. (eds.). *Sigmund Freud Gesammelte Werke*. Band I. Frankfurt am Main: Fischer, 1999, pp. 489-516.

FREUD, S. (1898) "Zum psychischen Mechanismus der Vergesslichkeit". In: FREUD, Anna et al. (eds.). *Sigmund Freud Gesammelte Werke*, Band I. Frankfurt am Main: Fischer, 1999, pp. 517-527.

FREUD, S. (1899) "Sobre los recuerdos encubridores". In: STRACHEY, J. (org.). *Obras Completas Sigmund Freud*. Tradução do alemão de José L. Etcheverry. Vol. III. Buenos Aires: Amorrortu, 1994, pp. 291-316.

FREUD, S. (1899) "Über Deckerinnerungen". In: FREUD, Anna et al. (eds.). *Sigmund Freud Gesammelte Werke*. Band I. Frankfurt am Main: Fischer, 1999, pp. 529-554.

FREUD, S. (1900) *Die Freud-Studienausgabe*. MITSCHERLICH, A.; RICHARDS, A. & STRACHEY, J. (eds.). Bd. II. Frankfurt am Main: S. Fischer, 1989.

FREUD, S. (1900) "La interpretación de los sueños". In: STRACHEY, J. (org.). *Obras Completas Sigmund Freud*. Tradução do alemão de José L. Etcheverry. Vol. IV e V. Buenos Aires: Amorrortu, 1994. (volumes 4 e 5).

FREUD, S. (1900) "Die Traumdeutung". In: FREUD, Anna et al. (eds.). *Sigmund Freud Gesammelte Werke*. Band II/III. Frankfurt am Main: Fischer, 1999. (volumes 2 e 3)

FREUD, S. (1905) *Die Freud-Studienausgabe*. MITSCHERLICH, A.; RICHARDS, A. & STRACHEY, J. (eds.). Bd. V. Frankfurt am Main: S. Fischer, 1989, pp. 37-145.

FREUD, S. (1905) "Tres ensayos de teoría sexual". In: STRACHEY, J. (org.). *Obras Completas Sigmund Freud*. Tradução do alemão de José L. Etcheverry. Vol. VII. Buenos Aires: Amorrortu, 1994, pp. 109-224.

FREUD, S. (1905) "Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie". In: FREUD, Anna et al. (eds.). *Sigmund Freud Gesammelte Werke*. Band V. Frankfurt am Main: Fischer, 1999, pp. 27-145.

FREUD, S. (1910) "La perturbación psicógena de la visión según el psicoanálisis". In: STRACHEY, J. (org.). *Obras Completas Sigmund Freud*. Tradução do alemão de José L. Etcheverry. Vol. XI. Buenos Aires: Amorrortu, 1994, pp.205-216.

FREUD, S. (1910) "Die psychogene Sehstörung in psychoanalytischer Auffassung". In: FREUD, Anna et al. (eds.). *Sigmund Freud Gesammelte Werke*. Band VIII. Frankfurt am Main: Fischer, 1999, pp. 93-102.

FREUD, S. (1920) "Más allá del principio de placer". In: STRACHEY, J. (org.). *Obras Completas Sigmund Freud*. Tradução do alemão de José L. Etcheverry. Vol. XVIII. Buenos Aires: Amorrortu, 1994, pp. 1-136.

FREUD, S. (1920) "Jenseits des Lustprinzips". In: FREUD, Anna et al. (eds.). *Sigmund Freud Gesammelte Werke*. Band XIII. Frankfurt am Main: Fischer, 1999, pp. 1-69.

FREUD, S. (1925) "Presentación autobiográfica". In: STRACHEY, J. (org.). *Obras Completas Sigmund Freud*. Tradução do alemão de José L. Etcheverry. Vol. XX. Buenos Aires: Amorrortu, 1994, pp. 1-70.

FREUD, S. (1925) "Selbstdarstellung". In: FREUD, Anna et al. (eds.). *Gesammelte Werke*. Band XIV. Frankfurt am Main: Fischer, 1999, pp. 31-96.

FREUD, S. (1933) "Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis". In: STRACHEY, J. (org.). *Obras Completas Sigmund Freud*. Tradução do alemão de José L. Etcheverry. Vol. XXII. Buenos Aires: Amorrortu, 1994, pp. 1-168.

FREUD, S. (1933) "Neue Folge der Volesungen zur Einführung in die Psychoanalyse". In: FREUD, Anna et al. (eds.). *Sigmund Freud Gesammelte Werke*, Band XV. Fankfurt am Main: Fischer, 1999 (todo o volume 15).

GABBI JR., O. F. "Sobre a concepção da afasia e da histeria: notas sobre a relação entre anatomia e linguagem nos primórdios da teoria freudiana". In: PRADO JR., Bento. (org.). *Filosofia da psicanálise*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

GAY, P. *Uma vida para nosso tempo*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

- IZENBERG, G. N. "La teoría freudiana de la seducción". In: NEU, Jerome (org.). *Guía de Freud*. Trad. Mario Santana. Cambridge, Cambridge University Press, 1996.
- JONES, E. *A vida e a obra de Sigmund Freud*. Trad. Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, 1989.
- KÖHLER, T. *Das Werk Sigmund Freuds, Bd. I*. Heidelberg: Roland Asanger, 1990.
- KÖHLER, T. *Freuds Psychoanalyse: Eine Einführung*. Stuttgart: Kohlhammer, 1995.
- LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J.-B. *Vocabulário da Psicanálise*. Sob a direção de Daniel Lagache. Trad. Pedro Tames. 6ª edição. São Paulo: Martins Fontes, s. d.
- LOPARIC, Z. "A máquina no homem". In: *Psicanálise e Universidade: revista do Núcleo de Pesquisas em Psicanálise da PUC-SP*. São Paulo, n° 7, , 1997, pp. 97-113.
- LORENZER, A. *Intimität und soziales Leid – Archäologie der Psychoanalyse*. Frankfurt am Main: Fischer, 1993.
- MONZANI, L. R. *Freud: o movimento de um pensamento*. Campinas: Editora da Unicamp, 1989.

MONZANI, L. R. "Discurso filosófico e discurso psicanalítico: balanço e perspectivas". In: PRADO JR., Bento. (org.). *Filosofia da psicanálise*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

PRADO JR., B. "Hume, Freud, Skinner (Em torno de um parágrafo de Giles Deleuze)". In: Prado JR., Bento. *Alguns ensaios: filosofia, literatura, psicanálise*. São Paulo: Max Limonad, 1985.

ROUDINESCO Elizabeth & PLON, Michel. *Dicionário de Psicanálise*. Supervisão da edição brasileira de Marco A. Coutinho Jorge. Trad. Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SCHNÄDELBACH, H. *Filosofia en Alemana 1831-1933*. Trad. Pepa Linares. Madrid: Ediciones Cátedra, 1991.

SCHRÖTER, M. (org.) *Sigmund Freud Briefe an Wilhelm Fliess 1887-1904*. Frankfurt am Main: S. Fischer, 1986.